

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

PORQUE AMAMOS
LIVROS

REVISTA

conexão

Literatura

Agosto/2020

nº 62

www.revistaconexaoliteratura.com.br

PRATIQUE O HÁBITO DA
LEITURA

EMAI

ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS



SUMÁRIO

AGOSTO DE 2020

- Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Artigo: Olhos de Ressaca, por Mayanna Velame, pág. 05
Dicas de livros, pág. 08
Artigo científico: Projeto de intervenção didático-pedagógica para prevenção, controle e combate à violência, indisciplina, incivilidade e (ciber)bullying no contexto escolar: o trabalho docente e da gestão educacional em foco, por Marcos Pereira dos Santos, pág. 09
Resenha: (Livro) Flight or Fright, de Stephen King e Bev Vincent, por Rafael Botter, pág. 26
Artigo: Romance: A música do seu coração - Cap. 6: Vi que sem você não há caminho, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 30
Micronarrativas: Máximas e Reflexões, por Roberto Schima, pág. 36
Entrevista com o autor Adolfo Vasconcelos de Albuquerque, pág. 45
Entrevista com a autora Aline A. Siqueira, pág. 48
Entrevista com o autor A. Nogueira Silva, pág. 52
Entrevista com o autor Renato Coutinho, pág. 57
Entrevista com o autor Eduardo Liporacci, pág. 61
Entrevista com a autora Claudenice Luna, pág. 65
Entrevista com o autor Felipe Paiva, pág. 71
Entrevista com o autor Gilmar Duarte Rocha, pág. 75
Entrevista com o autor Isael Costa, pág. 79
Entrevista com o autor João Gomes Moreira, pág. 82
Entrevista com o autor José M. S. Freire, pág. 85
Entrevista com o autor Isaac Ramos, pág. 90
Entrevista com o autor Naican Costa Escobar, pág. 95
Entrevista com o autor Plínio Marcos Basílio Garcia, pág. 99
Entrevista com a autora Sirley Petreli Tarosso, pág. 101
Quadrinhos: Um dia na vida de Poe, por Sandro Zambi e Ademir Pascale, pág. 103
Conto: "Amores", por Míriam Santiago, pág. 104
Conto: "O mundo de Juca Gallo de Albuquerque", por Roberto Schima, pág. 109
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 131

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com
Mayanna Velame - Colunista
Rafael Botter - Colunista

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa e Arte: Ademir Pascale.

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição.

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



ademirpascale

EDITORIAL

Chegamos com mais uma edição recheada de informações sobre livros e autores, com: dicas de livros, entrevistas, contos, crônicas e muito mais.

Mayanna Velame, com o texto *Olhos de Ressaca*, escreve sobre a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Participe da nossa edição de Setembro, seja com conto, crônica ou poema. Você também poderá divulgar o seu livro ou editora.

Saiba como: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

Visite o nosso site

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

Sem livros, dificilmente se aprende a gostar de ler.

Ruth Rocha

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



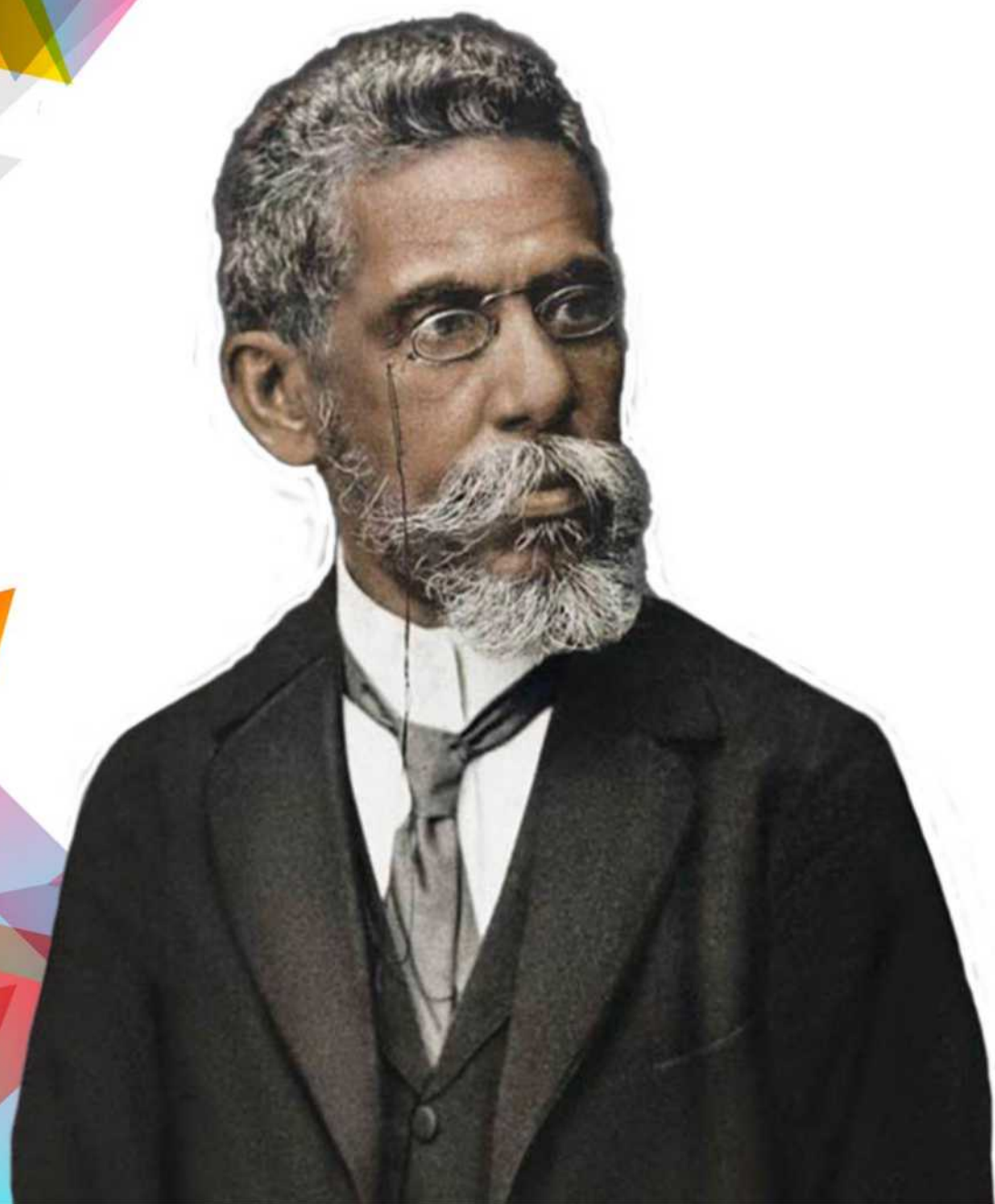
Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



OLHOS DE RESSACA

PORTUGUÊS AMOROSO, POR MAYANNA VELAME



Artigo

Ab, Capitu! / Esses teus olhos de ressaca nos fazem / Velejar no oceano de interpretações.

Debrucei-me sobre a escrivadinha, diante dos meus olhos, uma folha em branco e uma caneta de tinta preta. Preciso escrever um artigo sobre Machado de Assis. Veja bem, leitor, o que escrevi ainda pouco: “Um artigo sobre Machado de Assis...”

Ora, quem sou eu para escrever sobre a obra do mestre? Apenas um verme que agora rói as páginas frias de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). A história do defunto autor que narra suas reminiscências, repassando os entraves existencialistas humanos, foi o livro que inaugurou a tendência da Escola Literária Realista da nossa Literatura.

O Bruxo do Cosme Velho ainda enfeitiça leitores e a crítica literária, recentemente, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* teve sua tradução em língua inglesa esgotada, nos Estados Unidos. Emblemático, Machado construiu personagens capazes de desnudar a alma humana, revelar a hipocrisia da sociedade de seu tempo, a relação de exploração entre os homens, na busca de seus próprios interesses.

Com olhos de ressaca, o leitor machadiano oscila como as ondas do mar, na ambiguidade do triângulo amoroso mais notável das nossas letras: Bentinho, Capitu e Escobar. Então, leitor, Capitu traiu Bentinho ou seria ele um ciumento extremista? Capitu e seus olhos oblíquos de cigana, ascende a mulher machadiana como um ser sedutor, misterioso, envolvente. Entre Capitu, Marcela, Virgília e outras personagens do universo feminino, a narrativa machadiana rompe com os padrões da típica donzela romântica.

Machado em suas histórias, descreve a vida de fato como ela é: os homens e suas ambições e pessimismos em relação à vida. O que podemos dizer da célebre passagem? “*Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.*” (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*).

Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis resenhou a sociedade carioca e suas mazelas. Contista, cronista e romancista, Machado foi mestre nas análises psicológicas das suas personagens e retratou como ninguém as angústias que nos permeiam.

Negro de família simples, menino do morro, Machado é ícone imortal. Suas obras são clássicos que atravessam o tempo, com enredos instigantes, prestigiados na Literatura Universal. Sarcástico, escárnio, filosófico, introspectivo. O autor carioca estapeou a sociedade e seus fingimentos com luvas de pelica.

Ao meu leitor -verme dedico este singelo artigo sobre Machado de Assis...

Português Amoroso LXXV

Aviso ao leitor

de Machado de Assis:

Não seja tão *casmurro* no amor!

Esse é um dos poemas que compõem o livro *Português Amoroso* de Mayanna Velame (Editora Madrepérola /2020)

PORTUGUÊS AMOROSO, POR MAYANNA VELAME



Mayanna Velame nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, apaixonada pela língua portuguesa e uma professora querida por seus alunos. Escreve periodicamente contos, crônicas e poemas. O nome desta coluna, *Português Amoroso*, também é o título do seu primeiro livro de poesia, lançado neste 2020 pela Editora Madrepérola. Siga Mayanna Velame no Instagram e Facebook no [@portugues_amoroso](#).

DICAS PARA LEITURA



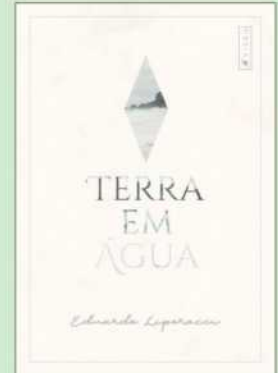
Titanium
Leonardo M.

[Acesse](#)



Palavras Piratas
Laura Figueredo

[Acesse](#)



Terra em Água
Eduardo Liporacci

[Acesse](#)



Jornadas no espaço-tempo
João Gomes Moreira

[Acesse](#)



Com amor, Greekwod
Becky Albertalli

[Acesse](#)



A Segunda Chance
Aline A. Siqueira

[Acesse](#)

*“Nunca viajo sem o meu diário.
É preciso ter sempre algo extraordinário
para ler no comboio.”
– Oscar Wilde*



Projeto de intervenção didático-pedagógica para prevenção, controle e combate à violência, indisciplina, incivilidade e *(ciber)bullying* no contexto escolar: o trabalho docente e da gestão educacional em foco

Por Marcos Pereira dos Santos

Artigo Científico

1 – INTRODUÇÃO

O presente artigo acadêmico-científico, de abordagem metodológica qualitativa de pesquisa e aportes teóricos bibliográficos, encontra-se didaticamente estruturado em quatro partes distintas, tendo como objetivo principal trazer a lume tessituras atinentes à temática projeto de intervenção didático-pedagógica para prevenção, controle e combate à violência, indisciplina, incivilidade e *(ciber)bullying* no contexto escolar; buscando focalizar o desenvolvimento do trabalho docente e da gestão educacional.

2 – CONTEXTUALIZANDO OS PROBLEMAS DE VIOLÊNCIA, INDISCIPLINA, INCIVILIDADE E *(CIBER)BULLYING* NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL DO SÉCULO XXI

São várias as situações conflitantes que assolam a sociedade, as famílias e as escolas de Educação Básica no Brasil dos dias atuais, as quais são oriundas de diversos fatores, a saber: sociais, políticos, econômicos, éticos, morais, religiosos, culturais, psicológicos, dentre outros.

É fato que a sociedade e a escola contemporâneas têm vivido momentos de ‘crise’ nos aspectos microestruturais, mesoestruturais e macroestruturais. Contudo, é na escola brasileira de Educação Básica, isto é, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (BRASIL, 1996), que desembocam, de maneira direta ou indireta, os inúmeros conflitos existentes no âmbito familiar e social, manifestando-se em forma de violência (física, verbal, sexual, implícita, simbólica, psicológica, etc.) efetuada nas relações interpessoais estabelecidas entre professor(a)-aluno(a) e/ou aluno(a)-aluno(a), (*ciber*)*bullying*, incivilidade e indisciplina em sala de aula.

Daí a importância de se debater, discutir, analisar e refletir criticamente a respeito desses graves problemas que estão cada vez mais frequentes nas escolas brasileiras de Educação Infantil, Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano – antiga pré-escola e 1ª a 4ª série), Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano – antiga 5ª a 8ª série) e Ensino Médio, objetivando assim a adoção de estratégias didático-pedagógicas eficazes e eficientes que venham a solucionar, ou ao menos minimizar, tais conflitos no contexto educativo escolar.

3 – VIOLÊNCIA, INDISCIPLINA, INCIVILIDADE E (*CIBER*)*BULLYING* NA ESCOLA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DOS DIAS ATUAIS: ALGUMAS (BREVES) TEORIZAÇÕES BASILARES

Para que seja possível compreender as origens, causas e consequências dos conflitos na escola, faz-se imprescindível trazer a lume, mesmo que de modo breve, a definição conceitual de violência, indisciplina, incivilidade, *bullying* e *ciberbullying*, em específico, dado o fato de serem estas as situações problemáticas mais comuns existentes nas escolas brasileiras de Educação Básica do século XXI.

Assim sendo, podemos dizer que não existe uma única forma de *violência*, mas uma multiplicidade de manifestações de atos violentos (golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo, explosão de bomba, brigas, agressões, depredação escolar, conflitos entre gangues, etc.); conforme postula Tigre (2009).

O conceito também se submete aos valores e costumes sociais. Todavia, segundo Michaud (1989), a violência ocorre quando, em uma situação de interação, um(a) ou vários(as) autores(as) agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais.

Portanto, a marca constitutiva da violência seria a tendência à destruição do outro, ao desrespeito e à negação de outrem, podendo ocorrer no plano físico, ético, psicológico, etc. (CANDAU; LUCINDA; NASCIMENTO, 1999). Nesse sentido, há violência quando um indivíduo impõe a sua força, o seu poder e o seu *status* contra outro indivíduo, de forma a prejudicá-lo, maltratá-lo ou abusar dele física ou psicologicamente, de modo direto ou indireto, sendo a vítima inocente de qualquer argumento ou justificativa que o indivíduo violento apresente de maneira cínica e indesculpável.

Por sua vez, *o bullying* é uma palavra de origem inglesa, onde *bully* (substantivo) = valentão, tirano; cujo verbo pode ser entendido como brutalizar, tiranizar e amedrontar

(FANTE, 2005). Diz respeito ao desejo consciente e deliberado de o(a) *bullie* (praticante de *bullying*) maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão, e pode ocorrer na relação entre aluno(a)-aluno(a) e professor(a)-aluno(a).

Grosso modo, o *bullying*:

[...] compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima. (FANTE; PEDRA, 2008, p.33)

Caracteriza-se, em suma, como as ações repetitivas de ataques violentos (apelidos, ‘zoações’, gozações, chantagens, insinuações, empurrões, humilhações, intimidações, constrangimentos, assédios, furtos, discriminações, ameaças, exclusões, isolamentos, perseguições, difamações, chutes, etc.), sem justificativa plausível, contra a mesma vítima num período prolongado de tempo (duas ou mais vezes no decorrer do ano letivo, por exemplo), oriundas de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da pessoa vitimada. Tais ataques causam muitos sentimentos negativos, medo constante, sequelas emocionais e traumas psíquicos irreparáveis na pessoa agredida, comprometendo seriamente a sua saúde física e mental e o seu desenvolvimento socioeducacional.

De acordo com Tigre (2010, p.90), na execução do *bullying* é possível constatar que:

Os ataques podem ocorrer de duas formas, ambas aversivas e prejudiciais: *diretamente*, utilizando-se de agressões físicas (bater, tomar pertences, etc.) e verbais (insultar, apelidar pejorativa e discriminatoriamente, etc.); ou *indiretamente*, forma que provoca maior prejuízo e pode gerar traumas irreversíveis. Os tipos de maus-tratos encontrados são: verbal, moral, sexual, psicológico e virtual (*ciberbullying*).

Sobre a questão do *ciberbullying* (ou *bullying* virtual), em particular, é conveniente salientar que se trata de:

Assédio ou violência virtual, cuja prática envolve o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação para dar apoio a comportamentos deliberados, repetidos e hostis praticados por um indivíduo ou grupo com a intenção de prejudicar o outro. Tem se tornado cada vez mais comum na sociedade, especialmente entre os adolescentes e jovens. [...] O *ciberbullying* é, pois, a modalidade virtual do *bullying*, sendo identificado pelas intimidações repetitivas entre crianças, jovens e adolescentes, mas com características próprias, visto que tem um efeito multiplicador e de grandes proporções

quando acontece na *web*. Nessa modalidade de *bullying*, as tecnologias digitais como celulares e câmeras fotográficas, e os ambientes *on-line* como as redes sociais em geral, servem para produzir, veicular e disseminar conteúdos de insulto, humilhação e violência psicológica que provocam intimidação e constrangimento dos envolvidos. Portanto, o *ciberbullying* não é um problema somente entre duas pessoas ou apenas entre agressores e vítimas. Uma visão sistêmica sobre o fenômeno nos ajuda a perceber e compreender suas manifestações complexas. Ele envolve as testemunhas, os apoiadores e incentivadores, além de ter sempre um contexto que pode favorecer ou prevenir que o mesmo ocorra. (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012, p.258)

Nesse contexto, a *indisciplina* ou o ato de indisciplina na escola e em sala de aula refere-se ao “descumprimento das normas fixadas pelo Regimento Escolar. É um problema de cunho estritamente pedagógico” (TIGRE, 2010, p.95), que deve ser resolvido pela própria escola. Não deve, pois, ser confundido com ato infracional, caracterizado no Artigo 103 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), expresso pela Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, como sendo “[...] a conduta descrita como crime ou contravenção penal” (BRASIL, 1990). Logo, de acordo com Dresch (2015), nem todo ato de indisciplina corresponde a um ato infracional (fatos análogos a crimes ou contravenções, e que são praticados por adolescentes), devendo cada qual ter encaminhamentos socioeducativos diferenciados.

Em linhas gerais, pode-se afirmar, então, o seguinte:

[...] indisciplina é não cumprimento de regras; é rebeldia contra qualquer norma construída; é desrespeito aos princípios de convivência combinados, sem uma justificativa viável; é o não cumprimento de regras criando transtornos; é a incapacidade de se organizar e de se relacionar de acordo com normas e valores estabelecidos por um grupo. (FORTUNA, 2002, p.90)

Dito de outra forma, a indisciplina aparece, na concepção de Aquino (2003), sob todas as formas de conflito que incorporam uma capacidade de resistência ao trabalho com o conhecimento e uma dificuldade em respeitar as normas e regras da escola, expressando-se quer sob uma aparente submissão, quer através de excessos de todos os tipos, quais sejam: depredações, pichações, zombarias, risos, ironias, tagarelices, maus comportamentos, tumultos, atitudes de desrespeito e intolerância aos acordos/contratos firmados, etc. É, portanto, a incapacidade de o(a) aluno(a) ou grupo em se ajustar às normas e aos padrões de comportamento esperados, capazes de pautar a conduta de um indivíduo ou grupo.

Por sua vez, a *incivilidade*, vocábulo que deriva de ‘civil’ (CUNHA, 1982), “refere-se às frequentes erupções de desordem, àquelas manifestações de difícil

identificação, mescladas no cotidiano escolar. [...] Incivilidade tem basicamente duas significações: a que se refere ao respeito nas relações pessoais e a que faz alusão à cidadania”. (LATERMAN, 2000, p.37-38)

Tratam-se, pois, de fenômenos notadamente complexos, polêmicos, problemáticos, instigantes, investigativos, desafiadores e emergenciais que necessitam ser prevenidos, enfrentados e combatidos de modo eficaz e eficiente por intermédio da intervenção didático-pedagógica de gestores(as) escolares, coordenadores(as) pedagógicos(as), pedagogos(as) escolares, supervisores(as) e orientadores(as) educacionais e demais funcionários das escolas, juntamente com a colaboração efetiva e responsável de educandos(as), pais de alunos(as) e comunidade onde a escola encontra-se inserida, tendo em vista a melhoria das relações humanas no ambiente escolar e da qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Contudo, torna-se profícuo a elaboração de projetos curriculares, educativos e interdisciplinares que venham a prevenir, reduzir e combater radicalmente todos os atos de violência, incivilidade, *(ciber)bullying* e indisciplina na escola, cabendo a esta, inclusive, estabelecer normas disciplinares em seu Regimento Escolar e propor ações didático-pedagógicas e metodológicas no seu projeto político-pedagógico, tendo em vista tal finalidade.

4 – CARACTERÍSTICAS DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR E PERFIL DOS(AS) PARTICIPANTES DA PESQUISA DE CAMPO: SITUANDO AS PROBLEMÁTICAS DE VIOLÊNCIA, INDISCIPLINA, INCIVILIDADE E (CIBER)BULLYING

Este projeto educacional de intervenção didático-pedagógica – parcialmente adaptado, ampliado e reformulado tendo como base principal as pesquisas científicas desenvolvidas por Santos (2019) – visa apresentar, a título de sugestões teórico-práticas, algumas propostas de cunho didático-pedagógico e metodológico no sentido de prevenir, enfrentar, combater radicalmente ou, ao menos, minimizar todos os atos de violência, indisciplina, incivilidade e *(ciber)bullying* existentes atualmente no Colégio Estadual General Osório – Ensino Fundamental e Médio, localizado no município de Ponta Grossa, Estado do Paraná (PR), Brasil.

O Colégio supracitado, de renome e prestígio na cidade pontagrossense, fica situado no tradicional bairro de Uvaranas, vila Ana Rita, que é composto por inúmeras residências, prédios, estabelecimentos comerciais (supermercados, bares, lojas, postos de combustíveis, farmácias, armazéns, restaurantes, *lan houses*, oficinas mecânicas, papelarias, etc.), igrejas, escolas (municipais, estaduais e particulares), agências bancárias, casas lotéricas, colégios (estaduais), quartel do Exército, campus universitário, dentre outras instituições.

Trata-se de um Colégio bastante antigo, amplo e de grande porte, com aproximadamente 1.500 estudantes ao todo, oferecendo aos mesmos um ensino de qualidade nos turnos matutino (8º e 9º ano do Ensino Fundamental II e Ensino Médio),

vespertino (somente 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II) e noturno (apenas Ensino Médio); em conformidade com o que apontam estudos realizados por Cavagnari (2019).

Segundo os(as) 22 agentes escolares do Colégio Estadual General Osório – diretor escolar (01), pedagoga (01), professores(as) de diferentes áreas do conhecimento (08) e alunos(as) (12) –, em específico, com os(as) quais tivemos a oportunidade de conversar pessoal e informalmente durante a pesquisa de campo realizada nos dias 09 e 10 de maio de 2019 (diretor/pedagoga e professores(as)/alunos(as), respectivamente), os maiores índices de violência, *bullying*, *ciberbullying*, incivildade e indisciplina (dentro e fora da sala de aula) ocorrem no período noturno, cujo período de aulas do Ensino Médio (1º; 2º e 3º anos) vai das 18h30min às 22h30min, de segunda à sexta-feira, dado o fato de que a maioria dos(as) alunos(as) deste nível de ensino, que têm idades que variam de 16 a 20 anos, são oriundos(as) de famílias de baixa renda, moradores(as) do bairro de Uvaranas ou de bairros adjacentes/circunvizinhos, e provém de instituições familiares bastante complexas (problemas de alcoolismo, drogadição, prostituição, marginalidade social, patologias de personalidade, desemprego, pobreza extrema, desentendimentos, brigas, violência doméstica, falta de apoio e incentivo aos filhos para prosseguimento nos estudos, vulnerabilidade social, dentre outros).

Afora isto, o diretor e a pedagoga, do período noturno, do Colégio pesquisado relataram ainda que, além dos problemas anteriormente mencionados, os(as) estudantes chegam deveras cansados(as), desmotivados(as) e desanimados(as) para as aulas no período da noite, uma vez que a maioria deles(as) trabalham durante o dia (parcial ou integralmente) para ajudar aos pais a aumentar a renda familiar ou mesmo prover o seu próprio sustento, bem como o sustento de seu/sua cônjuge e seu(s) filho/a(s); fato este que contribui, em parte, para a existência de muitos conflitos no interior da referida instituição de ensino.

Ademais, tanto a pedagoga quanto os(as) docentes que lecionam nos três anos do Ensino Médio, no período noturno, informaram que existem também os problemas de uso e comércio de drogas (no interior e aos arredores do Colégio); ingestão de bebidas alcoólicas; porte de armas brancas (facas, canivetes, punhais, tonfas, pedaços de madeira, etc.); desmotivação pelos estudos; agressões físicas e verbais a professores(as) e colegas de classe; xingamentos; ironias; furtos e roubos de pertencentes de colegas de turma; vandalismo; depredação do prédio escolar e das salas de aula; pichações (em portas de banheiros, paredes e muros do Colégio); falta de respeito a docentes e colegas de classe; humilhações; gozações; ‘zoações’; insinuações; chantagens (verbais/emocionais); intimidações; constrangimentos; assédios morais; discriminações; ameaças (des)veladas; difamações; calúnias; chutes e pontapés; brigas em sala de aula e no pátio do Colégio; aferição de apelidos pejorativos e discriminatórios a colegas de classe e docentes; postagens de mensagens agressivas, antiéticas e imorais em redes sociais contra professores(as) e colegas de turma; insultos e maus-tratos em geral.

À guisa de informação complementar, vale destacar ainda que alguns(mas) alunos(as) dos três anos do Ensino Médio, do período noturno, foram categóricos(as) ao dizer que realmente cometem determinados atos de violência, incivildade, *bullying*, *ciberbullying* e indisciplina (dentro e fora da sala de aula) porque têm aversão aos estudos, não gostam de um(a) ou outro(a) professor(a), não simpatizam com este(a) ou aquele(a)

colega de classe, não apreciam o Colégio em que estudam, não concordam com a forma de trabalho do diretor e/ou da pedagoga do Colégio, não veem a escola como um lugar de estudos e agradável para conviver, ou simplesmente porque sentem “prazer” em provocar conflitos no Colégio para observar qual será a reação do diretor, da pedagoga, dos(as) colegas de classe, de pais de alunos(as), de professores(as) e demais funcionários da escola (serventes, merendeiras, zeladoras, vigilantes, inspetoras, etc.); bem como as (não) atitudes tomadas pelo Conselho Tutelar e/ou pela Patrulha Escolar (policimento ostensivo).

Face ao exposto, é possível identificar, pois, a existência de três graves problemas que assolam em demasia o Colégio Estadual General Osório – Ensino Fundamental e Médio nos dias atuais, particularmente no que tange a docentes e discentes do Ensino Médio, no período noturno, a saber: atos de violência (física, moral, verbal, psicológica, simbólica, etc.), *bullying*, *ciberbullying*, incivilidade e indisciplina em geral (dentro e fora da sala de aula); os quais se manifestam de diversas formas (implícita/velada ou explícita/desvelada) e em diferentes níveis de intensidade (fraco, relativo, moderado e severo/superlativo), sendo ocasionados por inúmeros motivos (que foram relatados pelos(as) informantes durante a pesquisa informal ora realizada); conforme mencionados anteriormente.

5 – PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA PREVENÇÃO, CONTROLE E COMBATE À VIOLÊNCIA, INDISCIPLINA, INCIVILIDADE E (CIBER)BULLYING NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Todas as sugestões de propostas teórico-práticas de intervenção didático-pedagógica aqui apresentadas visando prevenir, reduzir, enfrentar, controlar e combater radicalmente todos os atos de violência, *(ciber)bullying*, incivilidade e indisciplina escolar existentes no Colégio Estadual General Osório, turno noturno, em nível de Ensino Médio, se encontram pautadas e adaptadas no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), no Regimento Interno Escolar (2018) e no projeto político-pedagógico (2019) do Colégio pesquisado (COLÉGIO ESTADUAL GENERAL OSÓRIO, 2018; 2019), bem como em estudos científicos efetuados por Abu-Izze e Oliveira (2011); Azevedo, Miranda e Souza (2012); Baptista (2010); Dresch (2015); Elias (2011); Fante (2005); Fante e Pedra (2008); Fernández (2005); Gonçalves *et al* (2005); Gonçalves e Oliveira (2011); Jares (2002); Laterman (2000); Lino e Pereira (2006); Machado e Machado (2008); Minayo (1994); Santos (2019) e Tigre (2010).

Contudo, as intervenções didático-pedagógicas a serem realizadas podem e devem contar com a colaboração efetiva dos(as) agentes escolares, de parceiros(as) – profissionais especializados(as) e instituições sociais e filantrópicas, de pais de alunos(as) e da comunidade local, levando-se em consideração as particularidades e especificidades de cada turma, necessitando assim que sejam executadas num período de tempo de, no mínimo, seis meses de duração (julho a dezembro de 2019); a fim de que seja possível alcançar os resultados positivos almejados.

Para tanto, seguem abaixo as cinco etapas de desenvolvimento do projeto de intervenção didático-pedagógica que propomos:

5.1 Primeira etapa: sensibilização, mobilização e conscientização

- O diretor escolar, juntamente com o auxílio da pedagoga, deverá durante a semana pedagógica sensibilizar, mobilizar e conscientizar os(as) professores(as) e os(as) demais funcionários(as) do Colégio para que observem e identifiquem os casos de violência, *(ciber)bullying*, incivildade e indisciplina que ocorrem no interior do estabelecimento de ensino e que afetam, direta ou indiretamente, o processo ensino-aprendizagem; dando a eles(as) a oportunidade de opinar sobre quais medidas (socio)educativas podem e devem ser tomadas para coibir ou, ao menos, reduzir tais conflitos.
- No momento de (re)elaboração e/ou discussão coletiva do projeto político-pedagógico escolar, a pedagoga deverá incluir na proposta pedagógica do Colégio as medidas de intervenção didático-pedagógica que deverão ser executadas, de modo que as mesmas tenham correlação direta com as normativas contidas no Regimento Escolar; as quais poderão ser alteradas ou modificadas, caso seja necessário.
- A equipe de gestão escolar deverá realizar, junto ao corpo docente do Colégio, assembleias gerais e encontros (quinzenais, por exemplo) para estudos de textos científicos, bem como exibir reportagens e/ou filmes educativos que abordem as temáticas sobre problemas de convivência social, relações interpessoais, violência, *bullying*, *ciberbullying*, incivildade e indisciplina na escola; capacitando os(as) professores(as) para atuarem de forma segura, responsável, pedagógica, eficaz e eficiente junto aos(às) discentes, aos pais de alunos(as) e à comunidade local.
- Compete à direção escolar do Colégio estabelecer parcerias com o Conselho Tutelar, a Delegacia da Criança e do Adolescente, o Ministério Público, as Promotorias da Educação Básica, a Patrulha Escolar do Batalhão de Polícia Militar, a Comissão de Direitos Humanos e Cidadania, as Forças Armadas (Exército), a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR), o Núcleo Regional de Educação de Ponta Grossa (NRE-PG), a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Paraná (SESP-PR), as faculdades e universidades existentes no município pontagrossense, dentre outros órgãos competentes, no intuito de auxiliar os(as) agentes escolares a prevenir, coibir, minimizar ou resolver em definitivo os problemas de violência, *(ciber)bullying*, incivildade e indisciplina existentes na instituição de ensino em foco.
- Cabe à equipe pedagógica e aos(às) docentes do Colégio efetuar algumas pesquisas acadêmico-científicas básicas, de cunho teórico (bibliográfico e/ou eletrônico), buscando conhecer os conceitos, as tipologias, as legislações e as categorizações de violência, *bullying*, *ciberbullying*, disciplina (na/da escola e na/da sala de aula), incivildade e indisciplina escolar; tendo como eixo estruturante de orientação o

Regimento Escolar e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é expresso pela Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

- A direção do Colégio deve levar o coletivo escolar a realizar análises crítico-reflexivas sobre questões tácitas que, em geral, gravitam em torno dos planejamentos de ensino e dos planos de aulas dos(as) docentes, e também do projeto político-pedagógico da escola (perfil do corpo docente e discente, da equipe de gestão escolar e dos(as) demais agentes escolares; convivência social; relações interpessoais; conflitos; função social e missão da escola; processo ensino-aprendizagem; disciplina escolar; valores humanos; potencialidades; possibilidades; limitações; metas; desafios e perspectivas).
- É fundamental que a equipe de coordenação pedagógica do Colégio articule todo o processo de sensibilização, mobilização e conscientização dos(as) agentes escolares, pais de alunos(as) e comunidade local no que tange aos problemas de violência, *(ciber)bullying*, incivilidade e indisciplina identificados no estabelecimento de ensino, criando canais adequados de informação, comunicação e interação; incentivando a realização de trabalhos coletivos; despertando o sentimento de co-responsabilidade em comum; e registrando por meio de fotos, imagens, vídeos, filmagens, depoimentos e/ou relatórios técnicos todas as atividades educativas a serem desenvolvidas no âmbito escolar junto aos educandos e às educandas.

5.2 Segunda etapa: diagnóstico da realidade escolar

- A pedagoga, juntamente com os(as) professores(as) das diferentes áreas do saber que lecionam nas turmas de Ensino Médio do Colégio, no período noturno, deverão identificar, efetuando uma coleta de dados empíricos por meio de observações, registros e aplicação de questionários contendo apenas questões de múltipla escolha que serão direcionados a todos(as) os(as) agentes escolares, os atos de violência, *(ciber)bullying*, incivilidade e indisciplina que ocorrem no interior e no entorno do estabelecimento de ensino (tipos, frequência, formas de manifestação, situações e comportamentos), tendo em vista intervir didática e pedagogicamente de modo eficaz e eficiente.
- Para os casos de *bullying* e *ciberbullying*, em específico, recomenda-se explicar oralmente o que é cada um destes fenômenos ou fornecer um pequeno texto didático aos(às) discentes abordando os assuntos, antes de os(as) alunos(as) responderem ao questionário a ser aplicado. Tal procedimento visa sanar, *a priori*, possíveis dúvidas e/ou confusões conceituais apresentadas pelos(as) educandos(as).
- Após a coleta dos dados empíricos, a pedagoga do Colégio deve categorizá-los, analisá-los e apresentá-los em forma de tabelas e/ou gráficos estatísticos para o conhecimento dos(as) agentes escolares, dos pais de alunos(as) e da comunidade local; a fim de que todas as pessoas envolvidas tenham ciência dos problemas de violência, *(ciber)bullying*, incivilidade e indisciplina existentes.

5.3 Terceira etapa: construção coletiva do projeto de trabalho didático-pedagógico interventivo

- Embora o diretor e a pedagoga do Colégio devam exercer liderança ativa e democrático-participativa na identificação e no encaminhamento das propostas de ações didático-pedagógicas visando a prevenção, a redução, o controle e o combate aos atos de violência, *(ciber)bullying*, incivilidade e indisciplina existentes, é fundamental que ambos, juntamente com o corpo docente, redijam o projeto coletivo de intervenção didático-pedagógica, explicitando em detalhes (e em consonância com o Regimento Escolar e o projeto político-pedagógico da escola) todos os objetivos a serem atingidos, as metas almejadas, os procedimentos didático-metodológicos a serem realizados (a curto, médio e longo prazos), quando e como serão desenvolvidas as atividades educativas (cronograma/plano de ações coletivas), os recursos (físicos, humanos, materiais e financeiros) necessários, a sistemática de avaliação do projeto de trabalho e as funções a serem desempenhadas por cada um(a) dos(as) agentes escolares: diretor, pedagoga, professores(as), funcionários(as), discentes do Ensino Médio, pais de alunos(as) e comunidade local.

5.4 Quarta etapa: definição e implementação das ações de intervenção didático-pedagógica

- Na primeira semana de aula cada docente deverá abordar, em sala, o tema/assunto *(in)disciplina escolar* com base em textos teórico-científicos devidamente selecionados para essa finalidade.
- Apresentar e comentar oralmente com os(as) alunos(as) o Regimento Escolar do Colégio, explicando a sua função, importância e as normas/regras nele contidas.
- Construir, coletivamente, com os(as) educandos(as) um contrato pedagógico (também chamado de contrato didático ou acordo didático-pedagógico) no qual deverá conter as normas/regras de boa convivência que serão adotadas no Colégio como um todo, em sala de aula e em outros ambientes internos, nos intervalos de aulas, no recreio escolar e nas proximidades da instituição educacional após o término das aulas.
- Agendar reuniões (mensais, por exemplo) convidando ou convocando os pais dos(as) alunos(as) para que tenham ciência do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, do Regimento Escolar e do contrato pedagógico elaborado em cada turma/classe, no intuito de adquirir deles apoio, auxílio e cooperação ativa nas atividades educativas a serem desenvolvidas visando reduzir, controlar e combater a violência, o *(ciber)bullying*, a incivilidade e a indisciplina no Colégio; bem como fortalecer os laços na relação triádica família-escola-comunidade.

- Realizar assembleias de classe sempre que necessário, dispondo os(as) alunos(as) em círculo ou semicírculo em sala de aula, a fim de que possam apresentar verbalmente e/ou por escrito as suas queixas, reclamações, dúvidas, angústias, frustrações, rejeições, emoções, sentimentos, receios, medos, temores, fracassos, dilemas ético-morais, etc.; objetivando assim prevenir, minimizar, controlar, administrar ou solucionar as situações de conflito existentes no Colégio.
- Desenvolver atividades didático-pedagógicas proativas junto aos(às) educandos(as), tais como: dramatizações, dinâmicas de grupos, brincadeiras e jogos lúdicos de cunho socioeducativo, tendo como tema central a importância do combate à violência, ao *(ciber)bullying*, à incivildade e à indisciplina no âmbito escolar.
- Exibir em sala de aula, de forma parcial ou integral, minisséries, reportagens, documentários, filmes ou vídeos educativos que tratem de temas/assuntos sobre Educação para a Saúde (drogadição, sexualidade, etc.), Educação para o Consumo (consumo consciente, preservação do meio ambiente, etc.), Educação e Pedagogia Social (violência urbana e escolar, *bullying*, *ciberbullying*, indisciplina escolar, protagonismo juvenil, etc.), Educação para a Vida em Sociedade (cidadania, Direitos Humanos, direitos e deveres sociais, valores humanos, etc.), Educação para as Relações Interpessoais (relações humanas no trabalho, amizade, respeito, autocontrole, autorreflexão, emoções, sentimentos, empatia, assertividade, negociação, arbitragem e mediação de conflitos, alteridade, altruísmo, resiliência, cooperação, liderança, trabalho em equipe, proatividade, amor ao próximo, desenvolvimento sociopessoal, etc.), Educação para a Paz (autocontrole, yoga, meditação, valores éticos e morais, diálogo, espiritualidade, transcendentalidade, tolerância, cultura de paz, pedagogia da convivência, etc.), dentre outros.
- Promover, aos(às) docentes e discentes do Colégio, palestras públicas, cursos, minicursos, oficinas pedagógicas, debates, seminários, rodas de conversas e mesas-redondas alusivos às temáticas de Educação para a Paz, Justiça Restaurativa, Arbitragem e Mediação de Conflitos, e Relações Humanas, contando com a colaboração e parceria de agentes externos, instituições sociais e filantrópicas, docentes do próprio Colégio, educadores(as), pesquisadores(as) e profissionais especializados(as) oriundos(as) das áreas de Direito, Saúde Mental (psicólogos(as) clínicos(as), psiquiatras, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos(as) escolares, médicos(as), psicanalistas, etc.), Educação em Valores Humanos, e Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos (Ministério Público, Conselho Tutelar, Exército, Patrulha Escolar, etc.).
- Organizar, dentro do próprio Colégio, feiras temáticas, exposições, *workshops* e outros eventos científicos similares trazendo a lume temas/assuntos concernentes à prevenção e ao combate à violência (doméstica, escolar, sexual, psicológica, simbólica, etc.), ao *(ciber)bullying*, à incivildade e à indisciplina na escola.
- Produzir, na versão impressa e/ou *on-line*, materiais de apoio e divulgação (cartazes, *folders*, pôsteres, portfólios, fanzines, folhetins, jornal escolar, etc.) referentes às temáticas de violência, *(ciber)bullying*, incivildade e indisciplina escolar, afixando-os em murais nos corredores e nas salas de aula do Colégio no intuito de

socializar/democratizar os conhecimentos científicos sociocultural e historicamente construídos.

- Efetuar possíveis (re)adequações no Regimento Escolar, no projeto político-pedagógico e na organização curricular do Colégio, caso seja necessário e oportuno, tendo em vista o desenvolvimento do projeto coletivo de intervenção didático-pedagógica.
- Ofertar, dentro ou fora do espaço educativo escolar, cursos de formação continuada aos(às) docentes, a fim de auxiliá-los(as) em suas ações disciplinares e didático-pedagógicas, objetivando a melhoria das relações interpessoais no Colégio e a forma de abordagem dos temas *violência, incivilidade, (ciber)bullying* e *indisciplina* como conteúdos curriculares de ensino e aprendizagem.
- Realizar, sempre que possível, contatos com os familiares dos(as) alunos(as) e com os(as) parceiros(as) do projeto de intervenção didático-pedagógica (pessoas e instituições sociais/filantrópicas) por meio de telefonemas, envio de *e-mails* (correio eletrônico), *whatsapp, facebook, twitter, orkut, instagram, telegram, messenger*, comunicados, cartas, notificações, memorandos, etc., informando sobre o andamento (sucessos e/ou fracassos) do respectivo projeto coletivo no Colégio.
- Fomentar junto aos(às) docentes e demais funcionários(as) do Colégio a formação de técnicas de manejo e controle de turmas durante o período de aulas e na hora do recreio escolar.
- Desenvolver (semanal, quinzenal ou mensalmente) estudos científicos mais elaborados e aprofundados sobre relações interpessoais junto aos(às) docentes e discentes do Colégio, utilizando textos didáticos avulsos, pesquisas sociais, ensaios e/ou artigos científicos, apostilas escolares, livros didáticos e paradidáticos, monografias de especialização, dissertações de mestrado, teses de doutorado, dentre outras fontes bibliográficas.
- Implementar, junto aos(às) docentes e discentes, um sistema de participação democrática (colegiada) e tomada de decisões coletivas sobre as ações de intervenção didático-pedagógica a serem elaboradas e executadas fora do horário regular de aulas, tais como: ajudante(s) do dia, promotor(a) ou promotores(as) de atividades de recreio, Comitês de Ética, Grêmios Estudantil, etc.
- Criar, se prudente, um sistema de méritos e prêmios para os(as) alunos(as) que demonstrarem ter bom comportamento, disciplina e boas ações no Colégio.
- Implantar um sistema de comunicação interna entre todos(as) os(as) agentes escolares, a exemplo de: mediadores(as) de conflitos; conselheiros(as); tutores(as); correio interno de sugestões, críticas e elogios; e caixa secreta ou urna de denúncias sobre atos conflituosos e transgressões em geral existentes no estabelecimento de ensino.
- Adotar um modelo de gestão escolar e de gestão de sala de aula com base na democracia participativa ou colegiada e na autoridade (e não no autoritarismo).
- Desenvolver atividades educativo-culturais, lúdicas, de lazer e de entretenimento.
- Adequar os espaços físicos do Colégio com base em medidas de segurança.

- Realizar atividades socioeducativas de mediação de conflitos por meio da aplicação do método psicopedagógico de “escuta ativa” envolvendo, se possível, diferentes profissionais, tais como: pedagogo(a), psicopedagogo(a) escolar, psicólogo(a) clínico(a), psiquiatra, psicanalista, conselheiro(a) tutelar, neuropsicopedagogo(a) e assistente jurídico(a); formando assim uma equipe multidisciplinar.
- Contar com o auxílio/apoio presencial e constante de policiamento militar (Patrulha Escolar) dentro e fora do estabelecimento de ensino: observação, vigilância, admoestação, advertência, intimidação, repreensão, coerção, repressão e uso da força física (em último caso, se necessário).
- Elaborar e colocar em prática outras inúmeras estratégias didático-pedagógicas e metodológicas, em conformidade com a realidade e as necessidades mais urgentes e emergenciais identificadas na instituição escolar no decorrer do ano ou do(s) semestre(s) letivo(s).

5.5 *Quinta etapa: monitoramento e avaliação dos resultados alcançados*

- A avaliação geral do projeto coletivo de intervenção didático-pedagógica implantado no Colégio deve ser realizada de modo intersetorial, interdisciplinar e multiprofissional por todos(as) os(as) agentes escolares e parceiros(as) envolvidos(as), seja ao final do bimestre, trimestre, semestre ou do ano letivo, almejando verificar se as metas foram alcançadas, os objetivos foram atingidos e os resultados foram satisfatórios. Para tanto, podem ser compilados diversos instrumentos de coleta de informações, a saber: observações, entrevistas (formais e/ou informais), questionários semiestruturados aplicados (contendo questões abertas e fechadas/múltipla escolha), registros fotográficos, filmagens, vídeos, relatórios técnicos, dinâmicas avaliativas de grupos, portfólios, dentre outros.
- Por sua vez, a avaliação parcial do projeto de trabalho e das atividades educativas desenvolvidas no âmbito escolar deverá ocorrer ao longo do processo de execução do mesmo, ou seja, ao término de cada ação pontual, no intuito de detectar aspectos positivos e negativos (avanços, potencialidades, possibilidades, dificuldades, recuos/retrocessos, limitações, desafios e perspectivas) para que possa(m) ser efetuado(s) algum(ns) ajuste(s); caso seja(m) necessário(s).
- No caso específico de atos de *bullying* e/ou *ciberbullying* identificados na instituição de ensino, sugere-se que sejam feitas avaliações semanais acerca da aplicabilidade do projeto de intervenção didático-pedagógica.
- Em relação à gestão disciplinar em sala de aula, esta deve ser avaliada diariamente pelos(as) professores(as) do Colégio, dadas as particularidades de cada turma/classe, seguindo a periodicidade de avaliação geral e parcial do projeto coletivo de intervenção didático-pedagógica.
- Os resultados das avaliações (semanal, parcial e geral) deverão, obrigatoriamente, serem partilhados com todos(as) os(as) agentes escolares, os(as) parceiros(as) do projeto, os pais de alunos(as) e a comunidade local onde o estabelecimento de

ensino encontra-se inserido, seja por meio de quadros e/ou gráficos estatísticos, tabelas e/ou planilhas estatísticas, relatórios técnicos impressos, exposições, palestras públicas, seminários temáticos, reuniões coletivas, produção de artigos acadêmico-científicos, dentre outras formas condizentes e viáveis.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar, falar e escrever sobre violência, indisciplina, incivilidade, *bullying* e *ciberbullying* no ambiente escolar se faz cada vez mais necessário e urgente nos dias atuais. Contudo, torna-se imprescindível prevenir, controlar, minimizar e combater radicalmente todos estes atos de desordem ética e moral por meio de medidas socioeducativas reparadoras e intervenções didático-pedagógicas realizadas a partir da proposição e efetivação de projetos educativos (inter/multi/pluri/transdisciplinares ou não).

Dizemos isto, porque corroboramos com Bender (2014) ao asseverar que a “Pedagogia de Projetos” é essencial no processo ensino-aprendizagem, devendo-se, nesse contexto, compreender o projeto político-pedagógico da escola como uma autêntica ‘incubadora’ de outros projetos, sejam eles de meso ou pequeno portes.

Sem mais delongas, almejamos sinceramente que este artigo acadêmico-científico possa, de maneira direta ou indireta, contribuir para a ampliação do arcabouço teórico existente nas áreas de Educação, Pedagogia e Direito Educacional; bem como servir de valiosa fonte de leituras, debates, análises crítico-reflexivas, estudos (individuais ou coletivos) e desenvolvimento de futuras pesquisas científicas acerca da temática abordada.

7 – REFERÊNCIAS

- ABU-IZZE, F.; OLIVEIRA, R. L. **Violência não**. São Paulo: DCL, 2011. (Coleção Vivenciar – Série Papo Jovem: Ensino Fundamental I).
- AZEVEDO, J. C.; MIRANDA, F. A.; SOUZA, C. H. M. Reflexões a cerca das estruturas psíquicas e a prática do *ciberbullying* no contexto da escola. In: **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC)**. São Paulo: Editora da USP, v.35, n.2, p.247-265, jul./dez., 2012.
- BAPTISTA, M. L. **Bullying**. São Paulo: DCL, 2010. (Coleção Vivenciar – Série Papo Jovem: Ensino Fundamental I).
- BENDER, W. N. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI**. Porto Alegre: Editora Penso, 2014.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, de 13/07/1990.
- _____. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.

- CANDAU, V. M.; LUCINDA, M. C.; NASCIMENTO, M. G. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- CAVAGNARI, L. B. **Grupo escolar General Osório: nos primórdios dos anos de 1930 à direção de Elzira Correia de Sá**. Ponta Grossa: Editora Estúdio Texto, 2019. (Série Memórias).
- COLÉGIO ESTADUAL GENERAL OSÓRIO. Ensino Fundamental e Médio. **Regimento interno escolar: versão atualizada**. Ponta Grossa, 2018. 54 f. *mimeo*.
- _____. **Projeto político-pedagógico escolar: versão reformulada e atualizada**. Ponta Grossa, 2019. 117 f. *mimeo*.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DRESCH, F. J. C. Indisciplina ou ato infracional?: a mediação de conflitos através da escuta ativa de crianças e adolescentes nas escolas públicas estaduais do município de Ponta Grossa – Paraná. In: SANTOS, M. P. (Org.). **Oito olhares sobre a escola: formação docente, processo ensino-aprendizagem, políticas e gestão da educação**. Ponta Grossa: Inter Art Gráfica e Editora Ltda – ME, p.154-189, 2015.
- ELIAS, M. A. **Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema**. São Paulo: Ática Educadores, 2011. (Série Educação em Ação).
- FANTE, C. **Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.
- FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FERNÁNDEZ, I. **Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade**. São Paulo: Madras, 2005.
- GONÇALVES, L. A. O.; OLIVEIRA, W. J. M. Policiamento escolar e saberes profissionais. In: SILVA, I. O.; LEÃO, G. (Orgs.). **Educação e seus atores: experiências, sentidos e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, p.207-242, 2011. (Coleção Estudos em EJA – v.10).
- GONÇALVES, M. A. S. *et al.* Violência na escola, práticas educativas e formação do professor. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Editora da Fundação Carlos Chagas, v.35, n.126, p.635-658, out./dez., 2005.
- JARES, X. R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LATERMAN, I. **Violência e incivilidade na escola: nem vítimas, nem culpados**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000. (Coleção Teses – v.XI).
- LINO, S. R.; PEREIRA, L. T. C. O fenômeno *bullying* no ambiente escolar. In: **Caderno de Pedagogia**. Joinville: Editora da UNIVILLE, v.3, p.74-76, out./2006.
- MACHADO, A. V.; MACHADO, M. C. V. Escola que protege: histórico jurídico de proteção da criança e do adolescente. In: SILVA, P. V. B.; LOPES, J. E.; CARVALHO, A. (Orgs.). **Por uma escola que protege: a educação e o enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes**. Ponta Grossa: Editora da UEPG; Curitiba: Editora Cátedra UNESCO de Cultura da Paz da UFPR, p.75-93, 2008.
- MICHAUD, I. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, M. C. S. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. In: **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Oswaldo Cruz, v.1, n.10, p.7-18, jun./1994.

SANTOS, M. P. **Projeto de intervenção pedagógica para prevenção, controle e combate à violência, indisciplina e *bullying* na escola de ensino médio**: o caso do Colégio Estadual General Osório no município de Ponta Grossa – Estado do Paraná (Brasil). Ponta Grossa, 2019. 21 f. (Projeto educativo para avaliação parcial na disciplina curricular de “Gestão das Relações Educativas no Espaço Escolar” do Curso de Especialização em Gestão Educacional: Organização Escolar e Trabalho Pedagógico – Universidade Estadual de Ponta Grossa). *mimeo*.

TIGRE, M. G. E. S. **Violência na escola**: reflexões e análise. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2009.

_____. Gestão das relações educativas no espaço escolar. In: MARIANO, A. L. S. *et al.* (Orgs.). **Gestão educacional**: organização escolar e trabalho pedagógico. Ponta Grossa: Editora da UEPG, p.77-149, 2010. (Coleção Curso de Especialização em Gestão Educacional: Organização Escolar e Trabalho Pedagógico – livro 4).



Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural da cidade de Ponta Grossa/PR. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Pesquisador em Ciências da Educação. Literato profissional. Professor universitário em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Endereço eletrônico: mestrepedagogo@yahoo.com.br

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

conectando autores e leitores desde 2015

Divulgamos o seu livro

1

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira rápida e eficaz: seus leitores.

2

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES POR R\$100

GARANTA JÁ

A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro conosco.

DIVULGUE PARA

+ DE 150 MIL LEITORES



ACESSE O NOSSO SITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

E-mail: ademirpascale@gmail.com



17
TURBULENT
TALES

FLIGHT OR FRIGHT



EDITED BY

STEPHEN KING
AND BEV VINCENT



[RESENHA]

TERROR A BORDO

POR RAFAEL BOTTER

Stephen King odeia voar

E agora, junto com seu coeditor Bev Vincent, ele está pronto para compartilhar esse medo com você.

Bem-vindos a Terror a bordo, uma antologia sobre tudo que pode dar terrivelmente errado quando se está a 20 mil pés de altura, cortando os céus a 800 km/h, preso em uma caixa de metal com centenas de desconhecidos.

Aqui você vai encontrar todas as maneiras como sua agradável viagem pelos ares pode se transformar em um pesadelo, incluindo algumas formas que você nunca imaginou... mas que vai imaginar da próxima vez em que estiver atravessando a ponte de embarque e entregando sua vida nas mãos de um estranho.

Incluindo histórias inéditas de Joe Hill e Stephen King, além de catorze contos clássicos e um poema de mestres como Richard Matheson, Ray Bradbury, Roald Dahl, Dan Simmons e muitos outros, Terror a bordo é, nas palavras de Stephen King, “perfeito para ler em aviões, principalmente durante aterrissagens turbulentas”.

Resenha

Se o leitor possui medo de voar, apenas um único aviso: não leia esse livro. Se mesmo assim você insistir, vai ser de sua e exclusiva responsabilidade. Entendidos?

Terror a Bordo é uma compilação de 17 contos, dos mais variados estilos com único objetivo, mostrar o horror dentro de um avião nas mais diversas e bizarras circunstâncias junto de centenas de passageiros.

Vai piorar? Vai! Stephen King e Bev Vincent são os responsáveis por toda organização e edição do livro, não precisa nem comentar que tendo o mestre do terror em um livro, é sinal de calafrios!

Os dois organizadores buscaram o melhor para os leitores, uma seleção de contos incríveis, desde os mais recentes autores, até os grandes autores consagrados: Ray Bradbury. Apertem os cintos!

Em cada conto, o leitor vai conhecer um pouco do autor em destaque, com uma

pequena biografia e comentários de Stephen King e Bev Vincent.

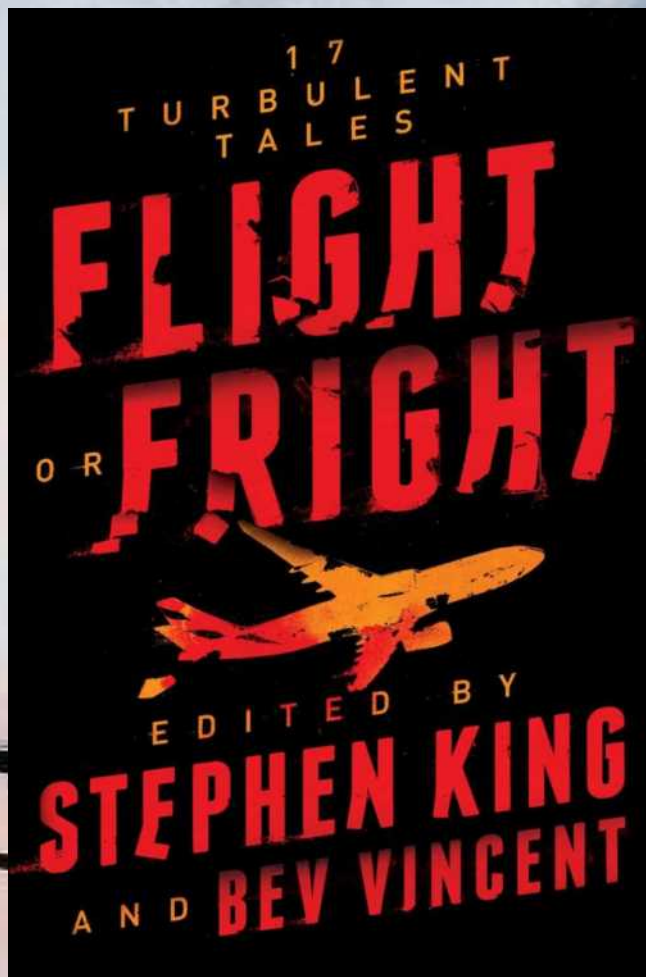
São situações distintas das quais os personagens acabam se envolvendo de forma bizarra e ao mesmo tempo sobrenatural dentro de um avião. Os contos variam de autor para autor, alguns são curtos e rápidos, já outros, extensos e mais denso na leitura.

Stephen King participa com um conto, logo na introdução o autor declara abertamente o medo de voar.

Escolher apenas um conto favorito do livro, é uma missão impossível. Os autores são dos mais diversos, ou seja, vamos encontrar estilos e jeitos de escrita completamente únicos e originais.

Um dos pontos que merecem um destaque é para os autores clássicos, que se aventuraram em uma época que o avião não passava de um sonho distante, e mesmo assim eles desbravaram com contos espetaculares.

Esse livro é indicado para leitura em um final de semana tranquilo e sem compromisso, horas de puro terror em cada página escrita. Vale a pena!



Título Original: Flight or Fright
Autor: Vários
Editora: Suma
Páginas: 281
Ano Lançamento: 2020



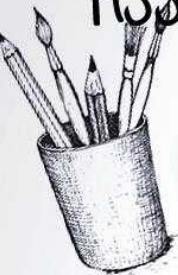
Rafael Botter vive em Ibitinga (interior de São Paulo). Escreve para o blog Livreando: www.livreando.com.br. E-mail: botter.rafael@gmail.com.

FAÇA JÁ

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES

A SUA

ASSINATURA



CLUBE DO LIVRO

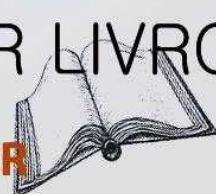
U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

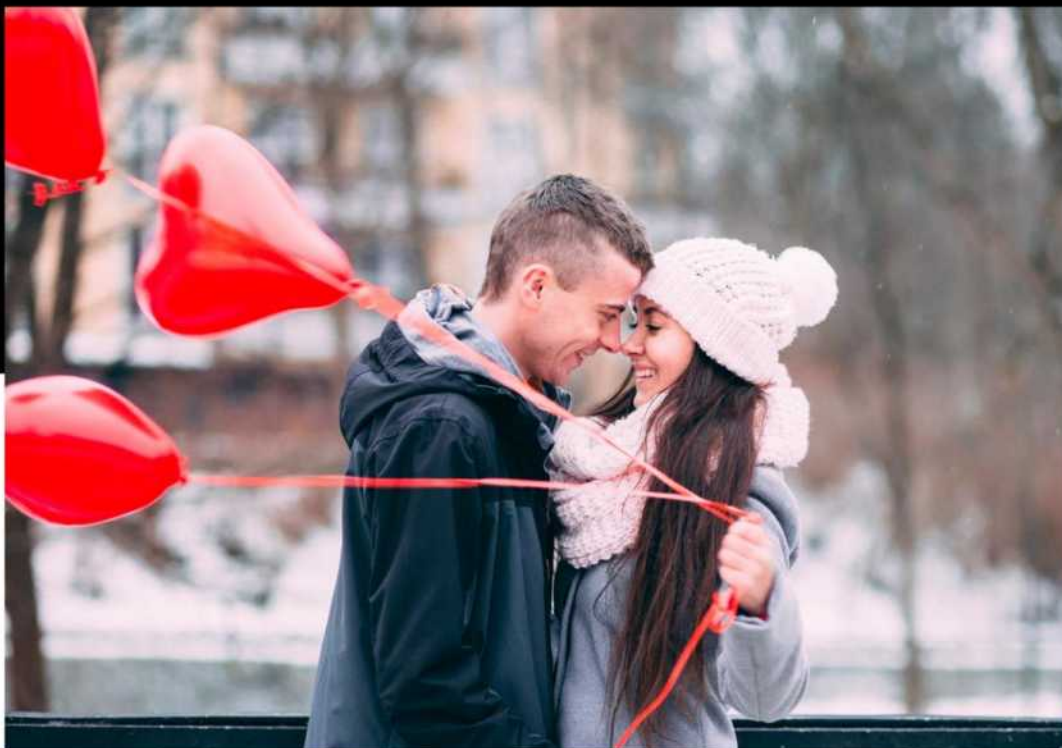
ACESSE O SITE

WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR

ACESSE A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS
ÓTIMAS RECOMPENSAS



WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA



ROMANCE

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO

POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO*

CAPÍTULO 6: VI QUE SEM VOCÊ NÃO HÁ CAMINHO

Artigo

Durante os comerciais, estive a pensar no meu querido pai Hildebrando, que saiu de Tefé, na década de 1940, com a finalidade única e exclusiva de estudar no Liceu de Artes e Ofícios de Manaus, atualmente Escola Técnica Federal de Manaus. O Liceu, naquele tempo, recebia estudantes do interior do Estado.

Meu pai contava-me, entusiasmado, daquela aventura a que se expôs ainda muito jovem, tendo ficado em regime de internato no Liceu. Estudou Artes Gráficas. Foi aluno aplicado. Pelo seu desempenho e dedicação à profissão, chegou a ser indicado para trabalhar em empresas jornalísticas da época, tanto em Manaus quanto em Porto Velho, ou Guaporé como se referia. Na ocasião, consultou meu avô paterno e, para surpresa dos seus professores e colegas, não aceitou convite algum. O destino fez com que voltasse a Tefé.

Após anos e mais anos de trabalho no comércio varejista de produtos alimentícios, aposentou-se. O escritor José Silvestre do Nascimento e Souza, o jornalista Raimundo Alves, que trabalhou no Jornal O Globo, ambos tefeenses, e o escritor e pintor internacional Moacir Couto de Andrade foram seus contemporâneos de Liceu. Por todos, tenho o mais profundo respeito e admiração.

– Você está sintonizado na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado maravilhoso, dia 31 de dezembro de 1983. Grato, muito grato pela sua companhia!!! No fundo musical: LE FREAK, o maior *hit* da banda americana Chic. A música faz parte do álbum “C’est Chic”, que ganhou, em 1978, o disco duplo de platina. É *disco music*, música dançante, agitando e sacudindo a nossa cidade!!!

Esse “sacudindo a nossa cidade” lembrou-me dos cartazes de cartolina que nós, os oitavanistas do Colégio Estadual, elaborávamos e afixávamos nas árvores centenárias do centro da cidade, anunciando as festas que organizávamos no Salão Paroquial do Seminário São José, ao longo de 1974, para arrecadar recursos financeiros e fazer frente às despesas com o coquetel da nossa formatura.

Normalmente, vendíamos todas as mesas colocadas à disposição da sociedade. Essa era a meta primordial, pois, descontados os gastos com o conjunto musical, aluguel do espaço e garçons, o lucro estava garantido, mesmo que houvesse algum imprevisto como, por exemplo, chuva torrencial. O faturamento com a venda de ingressos e bebidas, no dia da festa, era muito bem-vindo e juntava-se à receita total. A solenidade de formatura realizou-se na noite de 21 de dezembro de 1974, nos salões aristocráticos do Humaitá Atlético Clube.

– Na sequência, mais um sucesso nacional na passarela de A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Trata-se de uma composição de Peninha, que também a interpreta. Que sucesso!!! Que sucesso!!! Que sucesso!!! O *hit*, acreditem, continua na memória de todos. E a letra ainda está na sua memória? Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção?

– Eu estava com 11 anos quando essa música foi lançada. Acompanhem os primeiros nove versos:

*Tudo era apenas uma brincadeira
E foi crescendo, crescendo, me absorvendo
E de repente eu me vi assim completamente seu
Vi a minha força amarrada no seu passo
Vi que sem você não tem caminho, eu não me acho
Vi um grande amor gritar dentro de mim
Como eu sonhei um dia
Quando o meu mundo era mais mundo
E todo mundo admitia...*

– Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, aproximando-se da nossa mesa de som, mais um dos nossos ilustres colaboradores. Agradecemos por ter vindo, fique à vontade. Você é o Hiram que indicou essa linda canção? Por favor, confirme o seu nome, a sua profissão e, logo a seguir, leia a mensagem que nos enviou.

Ao apresentar-se, Hiram afirmou que era garçom, desempenhando essa função em um restaurante muito conhecido na cidade, localizado na Estrada do Aeroporto, cujo proprietário havia trabalhado com meu pai, ajudando-o na oficina de consertos de rádios e eletrolas. Disse também que veio de Manaus com sua esposa, professora do ensino fundamental, na busca de melhores oportunidades de trabalho. Há seis meses, o casal mora em Tefé e, segundo ele, um e outro se encontravam empregados. Quanto à mensagem que encaminhou à produção do programa segredou:

Posso afirmar, sem medo de errar, que SONHOS é, simplesmente, inesquecível. Às vezes, fico me imaginando na proa de um barco, descendo o Rio Amazonas, rumo a Parintins, com o radinho de pilha nas mãos, sintonizado numa rádio de Manaus, que tocava insistentemente essa melodia, no programa musical “Para ou Continua?”. Por uma semana fiquei distante da minha noiva, em razão do meu trabalho. É a música do meu coração. Faz-me voltar no tempo e revivo momentos incríveis, de plena felicidade. Sei que o tempo passa, mas as lembranças ficam, não se apagam da minha mente. Ainda hoje, continuamos juntos, casados, e temos um filho, o Bruno. Ergo minhas mãos aos céus em agradecimento a Deus, por Ele ter colocado a garota dos meus sonhos no meu caminho. Obrigado, Senhor!!! A todos, feliz Ano Novo!!!

– Caraca, fiquei emocionado com essa mensagem. Que o casal permaneça para sempre com esse clima de felicidade!!! Simbora, pessoal!!! SONHOS, gravada, em 1977, pelo selo Polydor, é a música indicada pelo Hiram, ouvinte que tem colaborado com a Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, inclusive oferecendo seus serviços de barmen. A interpretação da música também é do Peninha, cantor e compositor muito querido pelo seu público. Quem não se lembra do Peninha? Afinal, ele é fluminense ou paulista? A nossa assistente de locução tem essa informação?

– Tenho sim. O cantor Peninha nasceu na Cidade de São Paulo, no Estado de São Paulo, portanto, ele é paulista. A música SONHOS, gravada em 1977 e incluída na trilha sonora da novela “Sem Lenço, Sem Documento”, da Rede Globo, destaca-se como um dos seus maiores sucessos. É compositor consagrado. E para ilustrar essa afirmativa, dizemos que algumas das suas canções foram gravadas ou regravadas por outros cantores brasileiros.

O sonoplasta era só contentamento. Os ouvintes estavam adorando aquela seleção musical. A alegria reinava absoluta. E o Ano Novo ficava cada vez mais próximo. Nesse momento, eu sinalizava que todos esperavam ouvir SONHOS, sucesso absoluto na voz do cantor Peninha. E, na sequência, mais uma dobradinha de grandes e inesquecíveis sucessos que o Brasil cantou e não esqueceu: BEN, composição de D. Black e W. Schart, na interpretação de Michael Jackson, e TE AMO com Wanderléa. Nesse ano de 1983, merece o registro, o cantor Michael Jackson completou 25 anos de vida.

A respeito da cantora, a assistente de locução disse que Wanderléa nasceu em Governador Valadares, no Estado de Minas Gerais. Em 1962, lançou o seu primeiro disco compacto. Apresentou o Programa Jovem Guarda, na TV Record de São Paulo, juntamente com Roberto e Erasmo Carlos. Com grande audiência, o programa ia ao ar aos domingos à tarde. Tornou-se uma das mais conhecidas e importantes cantoras brasileiras. Entre seus maiores sucessos destacam-se “Pare o Casamento”, “Ternura”, “Te Amo” e “Prova de Fogo”.

SONOPLASTIA:

Músicas: SONHOS (1), BEN (2) e TE AMO (3)

– Você está na frequência certa!!! Prossegue no toca disco: TE AMO, composição de Roberto Correa e Sylvio Son, na voz de Wanderléa. Agora, mais notícias da área musical para você: O disco “Desliga o Mundo” da banda Painel de Controle, produzido, em 1978, pelo selo RCA, traz onze músicas. Querem saber? No Lado A: “Black Coco”, “Malandrinha”, “Meu Destino Mudou”, “Coisas Bobas” e “Desliga o Mundo”. Virando o disco, temos no Lado B: “Chegue, Chegue, Chegue” (Mais Perto), “Cada Um na Sua”, “Sombras na Parede”, “Quero Mais Um Rock’n’Roll”, “Vem” e “Amantes”. De acordo com seus produtores, a banda Painel de Controle existe para tornar o dia a dia de todos mais alegre.

++++

– Você ouviu LE FREAK com a banda americana Chic. Gostou do programa? Então, continue ligado na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre!!! No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, a nossa querida ouvinte Marly, moradora do Beco Vitória, Bairro de Santo Antônio, indicou o álbum do cantor BENITO DI PAULA, lançado, em 1978, pela gravadora Copacabana. O LP é composto por onze faixas. No Lado A: “Viva ao Sol”, “Trapézio”, “Meu Lamento”, “30 Anos de Saudade”, “Velho, Profissão Esperança” e “Pra Ver Se Ela Me Quer”. No Lado B: “Lua, Lua”, “Chegou Maria”, “Esperança do Céu”, “Tudo Sobre a Mesa” e “Ave de Rapina”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa do cantor Benito Di Paula!!!

Com outro cartão natalino em suas mãos, dessa vez encaminhado pelo ouvinte Pedro Paulo, a nossa assistente de locução mostrou-nos a extraordinária mensagem:

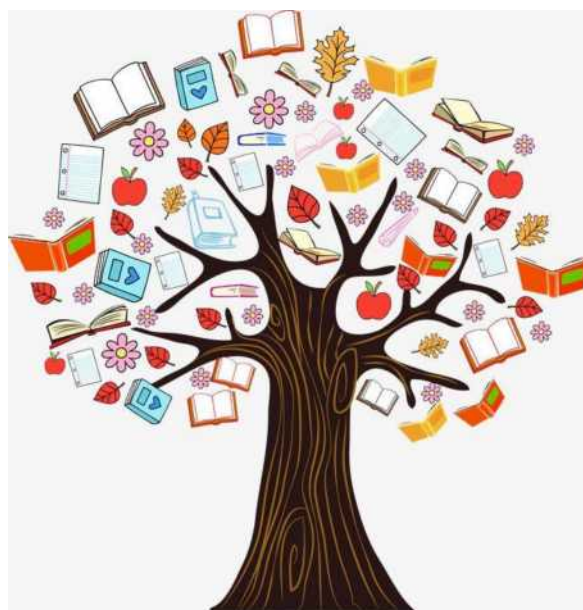
Somos testemunhas de que o amor vence todos os obstáculos. O amor tudo pode e é a maior força do mundo. O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. Que as alegrias do Natal e do Ano Novo encham os nossos corações de amor, união, fé e esperança. Feliz Natal e próspero Ano Novo!!!

Em seguida, a assistente de locução agradeceu e retribuiu os votos de boas festas manifestados pelo ouvinte Pedro Paulo, residente na Rua Diogo Torres, no Bairro do Juruá. Na ocasião, ressaltou que devemos compartilhar o nosso amor entre os irmãos em Cristo e buscar compreensão e paz, em todos os momentos das nossas vidas, ajudando o próximo, aquele mais necessitado, naquilo que estiver ao nosso alcance.

– Esta é a Rádio mais querida da cidade. Continuem ligados na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Todos estamos adorando este grande musical intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência: NÃO DIGA NADA com Gilliard. Técnica, por favor, pode soltar a vinheta do programa!!!

TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.



**Raimundo Colares Ribeiro* é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

Inscriva-se no nosso canal **A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO:**

<https://www.youtube.com/channel/UChNWlt896004mDu3xGSlhSw>

Lembramos que os comentários postados no canal, até 31 de outubro de 2020, serão publicados na versão física do livro. A todos, o nosso abraço fraterno.



DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

**SOLUÇÃO NA DIVULGAÇÃO DE
LIVROS E AUTORES**

**REVISTA
CONEXÃO LITERATURA**



ademirpascale@gmail.com

**CONHEÇA O PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA ESCRITORES E DIVULGUE HOJE
MESMO O SEU LIVRO**

PROMOÇÃO. APENAS: R\$100
(UMA ÚNICA PARCELA)

ESCREVA PARA: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM
E SOLICITE MAIS INFORMAÇÕES

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

A couple is walking away from the viewer on a paved road that stretches into the distance. The man is on the left, wearing a light-colored shirt and dark pants, with his arm around the woman's shoulder. The woman is on the right, wearing a dark jacket and dark pants. The sky is a vibrant blue and purple, filled with numerous stars and nebulae. The road is flanked by golden-brown fields. The overall mood is romantic and contemplative.

MÁXIMAS E REFLEXÕES

POR ROBERTO SCHIMA

A couple is walking away from the viewer on a paved road that stretches into the distance. The scene is set at night, with a dark sky filled with numerous bright stars and a few larger, glowing nebulae. The couple is silhouetted against the light of the stars. The man is on the left, wearing a light-colored shirt and dark pants, and the woman is on the right, wearing a dark top and pants. They are walking towards the horizon, which is visible in the distance. The overall mood is contemplative and serene.

As maiores tormentas ocorrem nas águas mais rasas.

É incrível pensar que será necessário o ser humano colonizar a paisagem morta de outro planeta para conseguir enxergar o quão bela era a Terra e o quanto teria valido a pena preservá-la.

O Mal não despetala a flor de suas ilusões: ele as arranca de você pela raiz até nada restar além de um solo estéril, onde nada mais vingará.

Certas pessoas são idólatras por natureza. Elas necessitam de um totem diante do qual ajoelhar.

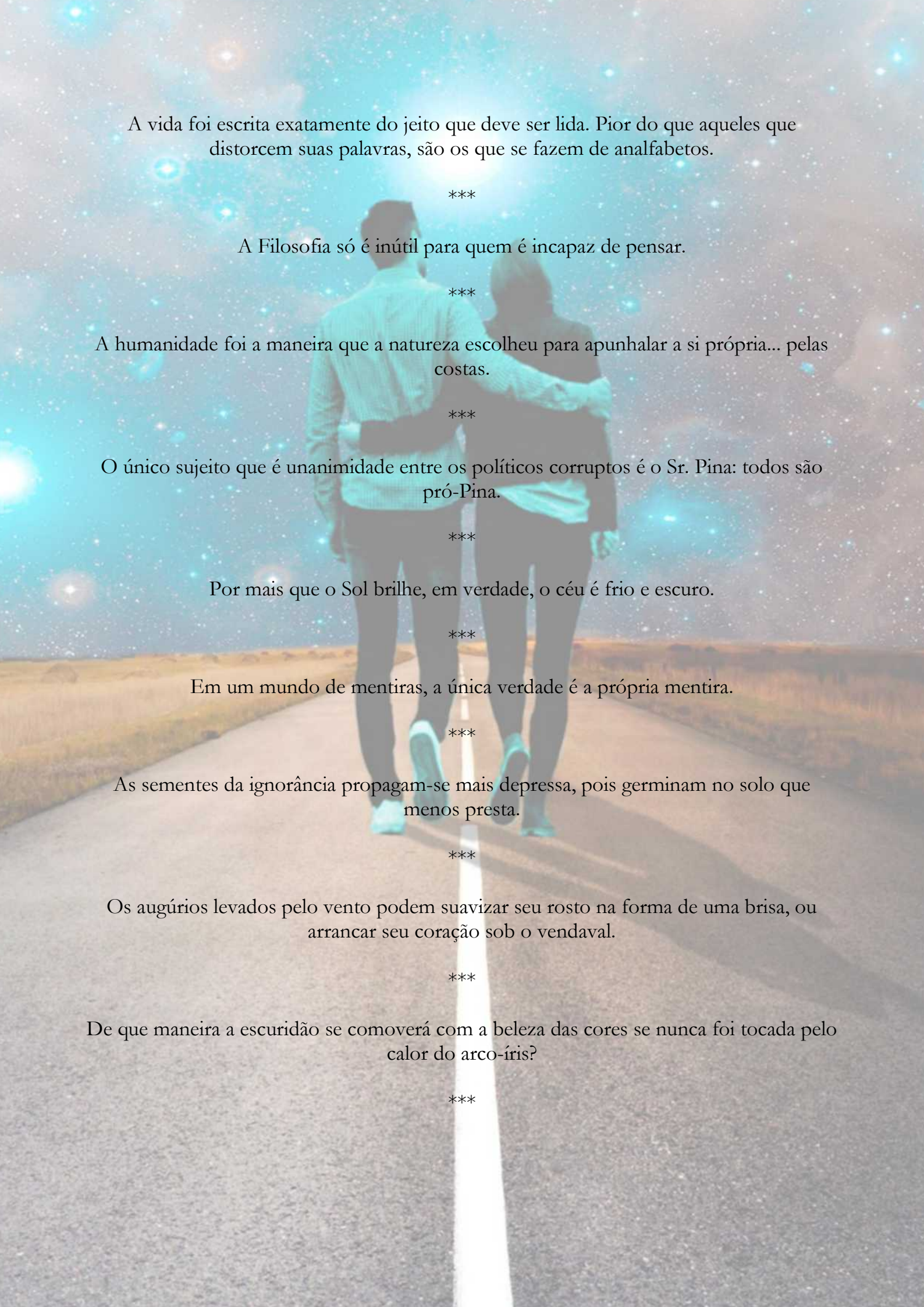
É no silêncio da noite que as palavras não ditas soam mais altas.

Acho que a questão da humanidade não é ver o seu problema resolvido, mas conseguir enxergar que NÓS é que somos o problema.

O que importa em relação à ignóbil massa é mantê-la cada vez mais massa e cada vez mais ignóbil, pois a qualidade da quantidade é fazer a quantidade sobrepujar a qualidade.

O Mal tem inúmeros filhos, mas um único pai.

O culto à personalidade faz pressupor a existência de um lobo megalomaníaco de um lado e um subserviente e entusiasmado rebanho do outro, o qual está crente de fazer parte da alcatéia.

A couple is walking away from the viewer on a paved road that stretches into the distance. The man is on the left, wearing a light-colored shirt and dark pants, and the woman is on the right, wearing a dark top and pants. They are walking towards a horizon under a dark, starry night sky. The road has a white line down the center. The overall mood is contemplative and serene.

A vida foi escrita exatamente do jeito que deve ser lida. Pior do que aqueles que distorcem suas palavras, são os que se fazem de analfabetos.

A Filosofia só é inútil para quem é incapaz de pensar.

A humanidade foi a maneira que a natureza escolheu para apunhalar a si própria... pelas costas.

O único sujeito que é unanimidade entre os políticos corruptos é o Sr. Pina: todos são pró-Pina.

Por mais que o Sol brilhe, em verdade, o céu é frio e escuro.

Em um mundo de mentiras, a única verdade é a própria mentira.

As sementes da ignorância propagam-se mais depressa, pois germinam no solo que menos presta.

Os augúrios levados pelo vento podem suavizar seu rosto na forma de uma brisa, ou arrancar seu coração sob o vendaval.

De que maneira a escuridão se comoverá com a beleza das cores se nunca foi tocada pelo calor do arco-íris?

A couple is walking away from the viewer on a paved road that stretches into the distance. The sky is dark and filled with many bright stars, creating a starry night atmosphere. The couple is silhouetted against the light of the stars. The man is on the left, wearing a light-colored shirt and dark pants, and the woman is on the right, wearing a dark top and pants. They are walking towards the horizon where the road meets a dark landscape.

Quem disse: "A voz do povo é a voz de Deus", estava enfiando palavras na boca do Criador.

Vivemos em uma sociedade onde a felicidade irrita aos infelizes. Comovem-se com uma lágrima, todavia, incomodam-se com um sorriso.

Passamos a vida correndo atrás do tesouro no final do arco-íris. Então, próximo ao fim da jornada, descobrimos que o tesouro, em verdade, era o próprio arco-íris.

A vida é um contínuo adiar de uma despedida.

Em tempos estúpidos, a estupidez é considerada virtude.

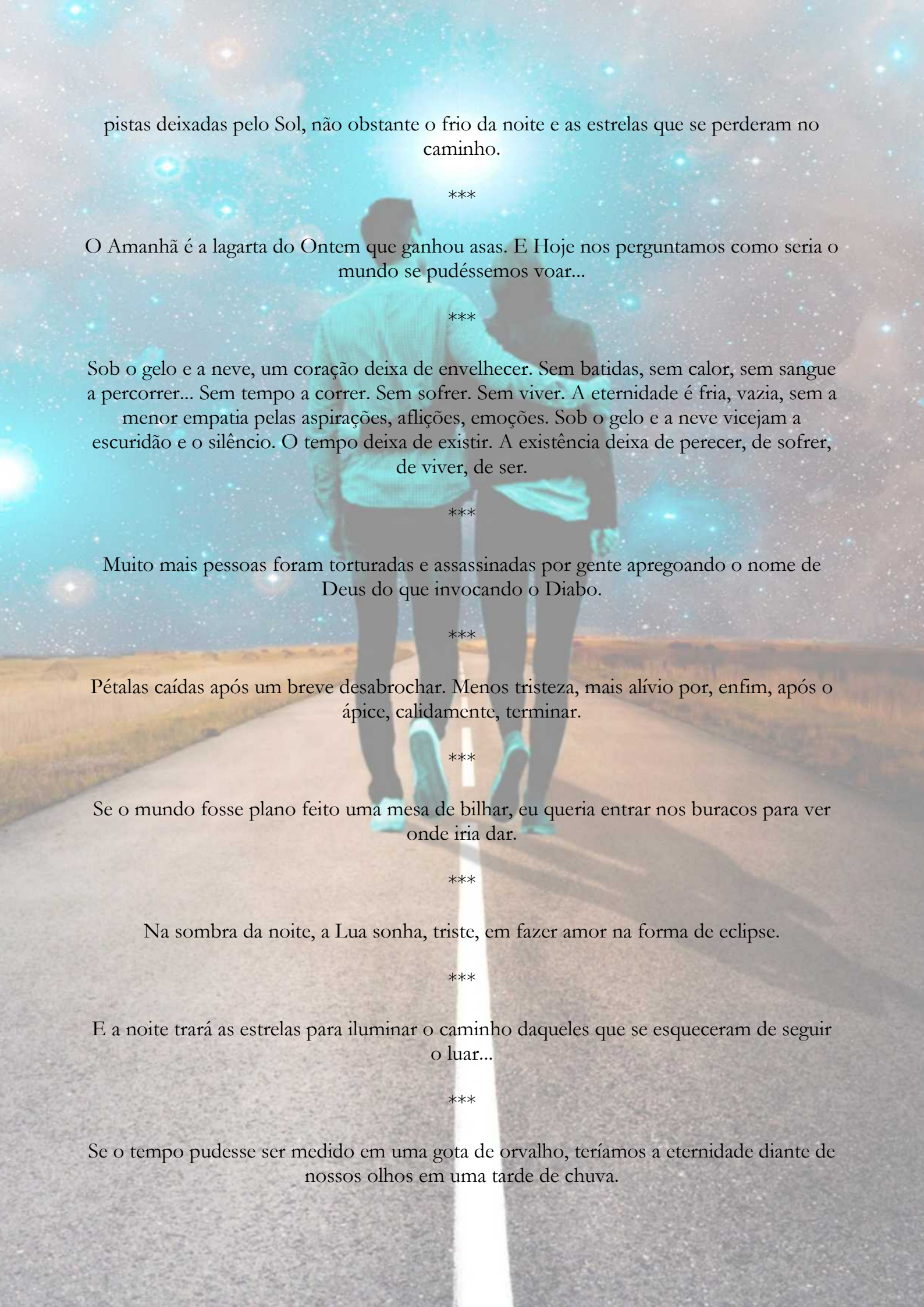
Haverá algum sentido em ser cardiologista num mundo sem coração?

Porque o mundo é muito maior, mais bonito e significativo do que qualquer quatro paredes...

Quando os olhos habitam-se a mirar o interior de nossa escuridão, percebemos que aquilo que julgávamos vazio, na verdade, está repleto de estrelas.

O tempo, como o vento, traz dentro de si seu próprio alento.

Quando o alvorecer é mais do que deixar para trás, mais do que esquecer. É o despertar sob uma nova luz, um recomeço, uma oportunidade. Seguir com o vento e as nuvens, as

A couple is walking away from the viewer on a paved road that stretches into the distance. The sky is dark and filled with many bright stars, creating a starry night atmosphere. The couple is silhouetted against the light of the stars. The man is on the left, wearing a light-colored shirt and dark pants. The woman is on the right, wearing a dark top and pants. They are walking towards the horizon where the road meets a dark, flat landscape.

pistas deixadas pelo Sol, não obstante o frio da noite e as estrelas que se perderam no caminho.

O Amanhã é a lagarta do Ontem que ganhou asas. E Hoje nos perguntamos como seria o mundo se pudéssemos voar...

Sob o gelo e a neve, um coração deixa de envelhecer. Sem batidas, sem calor, sem sangue a percorrer... Sem tempo a correr. Sem sofrer. Sem viver. A eternidade é fria, vazia, sem a menor empatia pelas aspirações, aflições, emoções. Sob o gelo e a neve vicejam a escuridão e o silêncio. O tempo deixa de existir. A existência deixa de perecer, de sofrer, de viver, de ser.

Muito mais pessoas foram torturadas e assassinadas por gente apregoando o nome de Deus do que invocando o Diabo.

Pétalas caídas após um breve desabrochar. Menos tristeza, mais alívio por, enfim, após o ápice, calidamente, terminar.

Se o mundo fosse plano feito uma mesa de bilhar, eu queria entrar nos buracos para ver onde iria dar.

Na sombra da noite, a Lua sonha, triste, em fazer amor na forma de eclipse.

E a noite trará as estrelas para iluminar o caminho daqueles que se esqueceram de seguir o luar...

Se o tempo pudesse ser medido em uma gota de orvalho, teríamos a eternidade diante de nossos olhos em uma tarde de chuva.

A diferença entre "luxo" e "lixo" vai além de uma simples vogal.

Os pássaros foram agraciados com a capacidade de tocar as nuvens, mas tiveram que abrir mão do poder de abraçar seus filhos.

Às vezes, luz demais ofusca nossos olhos. Precisamos da penumbra para enxergar mais longe...

Estar perdido é mais do que não saber o caminho de volta. É saber o caminho de volta, mas dar-lhe às costas.

Quem poupa tem. Quem não tem pega de quem poupa.

Saudade é aquilo que faz a passagem do tempo ter sentido.

Silêncio é uma dádiva que permite-nos ouvir a nós próprios.

Solidão é bater na porta de uma casa amiga e não ser atendido, embora sabendo haver gente dentro dela.

Que frutos poderão ser colhidos de uma árvore cujas raízes estão podres?

Assim como o pó não encontra paz diante do vento, uma alma tempestuosa não
abrandará seu sentimento

A Humanidade não aprende com seus erros porque aqueles que aprenderam estão
mortos.
Cada nova geração nasce sem memória, livre e apta (ávida?) a cometê-los novamente.

O quer muitas vezes precisamos aprender é a viver na "velocidade" da vida, ou seja: um
dia... por dia.

O tempo nos foge como a areia entre os dedos das mãos. Talvez, ao invés de ficarmos
atentos ao cenário, aos dedos e as mãos, devêssemos guardar alguns momentos para ater-
nos aos... grãos.

Talvez, em vez de reflexão, necessitemos de mais refração, deixarmos-nos penetrar pela luz
para, depois, decompô-la e irradiá-la sob ângulos diferentes. Há espelhos demais
ofuscando a visão sem nada absorver.

O destino é como o vento: nunca sabemos se ou quando virá, porém, depois que ele
chega, a algum lugar irá nos levar.

A impressão que eu tenho é que nos tempos da ditadura não havia liberdade, porém
existia consciência. E atualmente, sob a brisa democrática, extrapolamos liberdades, mas
perdemos a consciência...

Se os ventos do destino surgissem para nos guiar de dentro das tormentas, não teríamos
porque temer a fúria dos oceanos. Apesar da vasta e cinzenta solidão do mar, é essa
névoa de incerteza que faz a viagem ter sentido.

NOTA DO AUTOR:

Nos últimos anos, vez ou outra, surgiram pequenos pensamentos, mais para grãos de areia do que para pérolas, mas que fui anotando. Quando pude, inseri nos contos que fui escrevendo mais recentemente. Pequenas filosofias ou grandes "abobrinhas". Seja como for, deixo aqui registrado.

Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961. Fui agraciado com "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: *Mais informações:* Google, Clube de Autores, Amazon, Wattpad ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br

Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

beleza

Todos os meses
uma nova
edição

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

ENTREVISTA COM O AUTOR ADOLFO VASCONCELOS DE ALBUQUERQUE

POR ADEMIR PASCALE



Adolfo Vasconcelos de Albuquerque é médico e escritor alagoano, graduado pela UFAL (Universidade Federal de Alagoas) e pós graduado em Neurologia pela UFF (Universidade Federal Fluminense).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Adolfo Vasconcelos de Albuquerque: Acho que todo escritor é um ávido leitor, ou, ao menos, deveria ser. Depois de ler alguns clássicos, de degustar a maestria de grandes autores, senti a necessidade de escrever, de me expressar através das palavras escritas. E tenho a satisfação de ter produzido um livro que eu gostaria de ler, que reflete meus pensamentos, minhas ideias, meus interesses e, em parte, minhas vivências. “Paris. Luzes e Sombras no Coração da Europa” tem muito de mim, daquilo que aprendi e experimentei em anos de leitura, daquilo que eu entendo por literatura, é um livro que instrui, mas também que instiga o leitor, que desafia a pensar e a imaginar, que traz resposta, mas também desperta dúvidas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Paris. Luzes e Sombras no

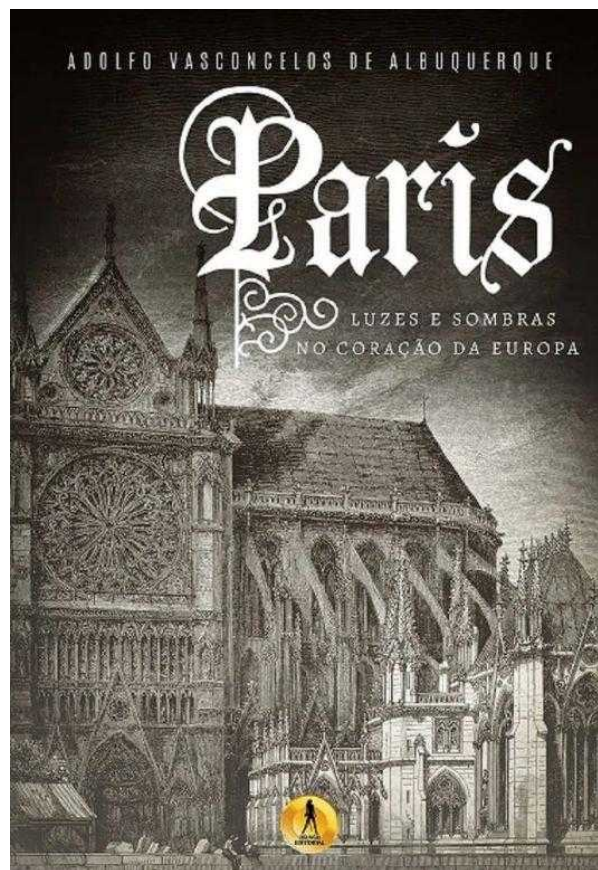
Coração da Europa” (Editora Drago). Poderia comentar?

Adolfo Vasconcelos de Albuquerque: Trata-se de um romance histórico ambientado na França do fim do século XIX e do início do século XX. O lapso temporal abraçado pela ficção vai de 1871 (fim da Guerra Franco-Prussiana) até o fim da Primeira Guerra Mundial. Descreve o furor espiritual, econômico e científico que faz de Paris o farol cultural da Europa (no fim do século XIX) até o início da Grande Guerra que faz a França (e todo o continente europeu) mergulhar nas sombras de uma tragédia sem paralelo até então. A trama ficcional é marcada pelos conflitos psicológicos do personagem principal (André), as culpas, as dúvidas, as experiências felizes e traumáticas transportam os personagens através das mais variadas sensações, a cada página, deparamo-nos com os extremos das emoções humanas, com surpresas e reviravoltas, com a felicidade

e com o desespero, com o altruísmo e com a mesquinhez, enfim, somos confrontados com um espelho que reflete a complexidade da alma humana. O livro também nos permite conhecer um pouco da história de lugares e monumentos que hoje fazem parte do subconsciente do mundo ocidental: a Catedral de Notre-Dame de Paris, a Torre Eiffel, o Palácio do Louvre, o Arco do Triunfo (dentre muitos outros). Também nos deparamos com episódios curiosos/históricos que nos colocam em contato com personagens de primeira grandeza: Napoleão Bonaparte, Victor Hugo, Claude Monet, Francisco I, Allan Kardec, Joana D’Arc, Leonardo da Vinci, etc. Meu objetivo, ao escrever esse livro, foi convidar o leitor para uma viagem pelos porões obscuros e tumultuados da mente humana e pela história da França, com a esperança de instigar e de deleitar aqueles que aceitarem esse singelo convite.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Adolfo Vasconcelos de Albuquerque: Levei cerca de 6 meses para escrever, a história, após os primeiros capítulos, passou a brotar com facilidade assustadora, os eventos foram se sucedendo tão naturalmente que não tive alternativa, o livro sabia o que queria de mim. O resultado final foi bem diferente do que eu havia imaginado antes de começar a escrever, mas, após o ponto final, ficou claro que não poderia ter sido de outra forma.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Adolfo Vasconcelos de Albuquerque: Certamente os conflitos psicológicos do personagem principal e os desdobramentos surpreendentes da história são o ponto forte do romance. Também destaco a parte final do livro em que nos deparamos com os horrores da Grande Guerra (Primeira Guerra Mundial) sob a óptica de quem lutou pela própria vida e pela liberdade da França em tempos sombrios.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Adolfo Vasconcelos de Albuquerque: O livro está disponível no site da Editora DRAGO

(<https://www.dragoeditorial.com/p/p-style-text-align-justify-span-style-font-size-16px-span-style-font-family-trebuchet-ms-helvetica-sans-serif-a-historia-contada-no-livro-se-inicia-em-1871-logo-apos-a-guerra-franco-prussiana-e-termina-em-1919-logo-apos-a-primeira-guerra-mundial-rela/>). O e-book está disponível na AMAZON (espero logo ter o livro físico também disponível por lá).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Adolfo Vasconcelos de Albuquerque: Tenho um segundo livro pronto desde 2019 e em fase inicial de publicação, espero logo estar comentando sobre esse novo trabalho na Revista Conexão Literatura.

Perguntas rápidas:

Um livro: O FÍSICO (de Noah Gordon, publicado pela Editora Rocco)

Um (a) autor (a): Victor Hugo

Um ator ou atriz: Gérard Depardieu (em Os Miseráveis)

Um filme: Meia Noite em Paris

Um dia especial: Só posso pensar em DOIS dias especiais, quando nasceram minhas amadas filhas

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

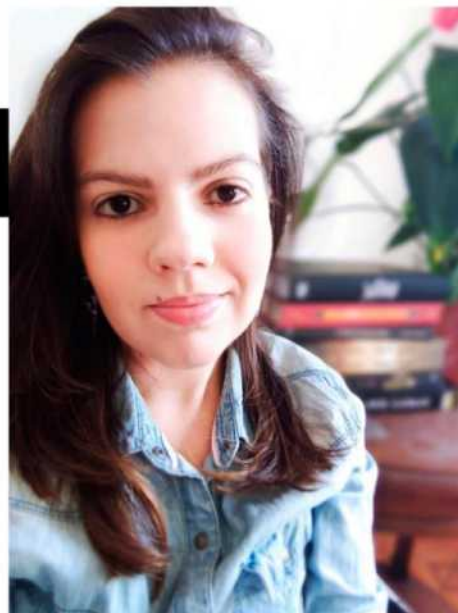
Adolfo Vasconcelos de Albuquerque: Gostaria de cerrar fileiras em defesa do hábito de ler, de degustar bons livros. Acho que a literatura precisa ser incorporada com persistência e paciência na rotina especialmente dos jovens, não é fácil disputar espaço com os smartphones, com os tablets, com os apelos luminosos da comunicação digital (das redes sociais repletas de emojis), mas talvez não seja preciso competir, não é necessário estimular o embate entre a velha literatura e as novas mídias, há espaço para quase tudo e para quase todos nos nossos tempos. Um bom livro sempre terá seu papel, sempre será útil, sempre fará parte da construção de uma sociedade mais consciente, capaz de recordar do passado e de edificar um futuro mais próspero e calejado pelas vicissitudes e pelas glórias registradas na História (e testemunhadas pelas páginas palpáveis e folheáveis dos livros).



ENTREVISTA COM A AUTORA

ALINE A. SIQUEIRA

POR ADEMIR PASCALE



Aline A. Siqueira é paulistana, cofundadora da agência de publicidade Simplifica Design e escritora. Possui grande admiração por contos de fadas e une palavras para construir suas belas e terríveis histórias – sendo em maior parte, nos gêneros fantasia e terror. Seu conto “A Origem da Felicidade” obteve menção honrosa no concurso Beleza e Simplicidade em Contos e Crônicas (2019). Possui publicações disponíveis no Wattpad, na Amazon e participações em antologias, principalmente nas organizadas pela Sociedade de Autores Literários, da qual faz parte como escritora.

Entrevista

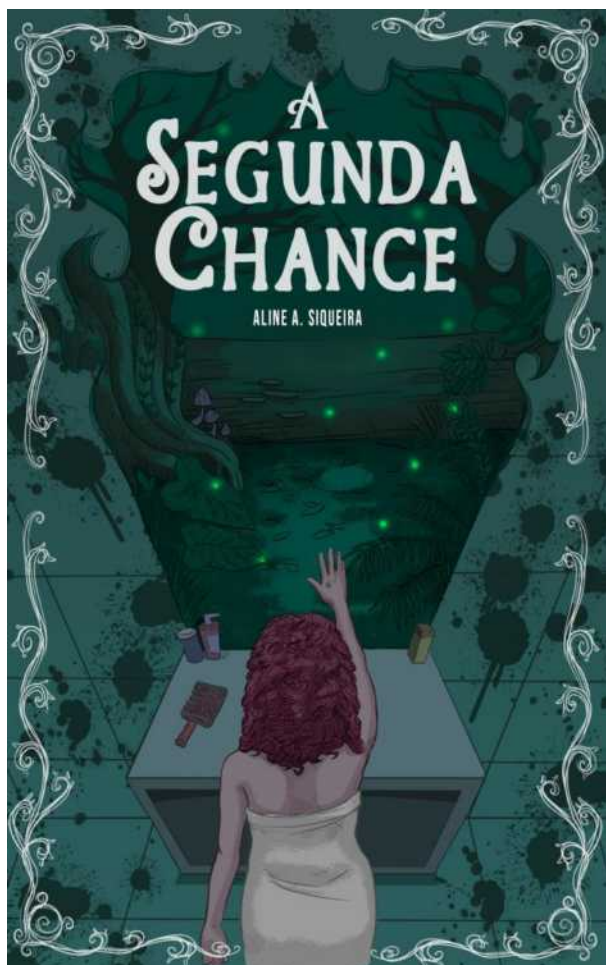
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Aline A. Siqueira: Sempre gostei de ler e mesmo antes de aprender minha mãe já fazia leituras para mim. Queria ser escritora, mas a vida me levou para outros caminhos e acabei deixando esse sonho de lado. Dediquei-me aos estudos e a carreira publicitária, abri meu próprio negócio e recentemente voltei-me à literatura. Aquele sonho da infância, adormecido por longos anos, tornou-se realidade e hoje administro minhas duas profissões com muita gratidão.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “A Segunda Chance”. Poderia comentar?

Aline A. Siqueira: O livro “A Segunda Chance” é um conto voltado ao público infantojuvenil, com referências e inspirações de clássicos do gênero de fantasia. É um conto curto e que pode ser lido em pouco tempo! Mesmo voltado ao público infantojuvenil, as reflexões são vastas e a leitura pode ser feita por pessoas de todas as idades. Gosto de abordar temas de alto impacto, com camadas de leveza e deixar muita coisa implícita para que o leitor possa interpretar de diversas formas. Acredito que por isso a obra também obteve um grande número de downloads – o que me surpreendeu de forma positiva.

Foram mais de 1.000 downloads em menos de um mês! Convido todos que gostam de fantasia a conhecer “A Segunda Chance”.



Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Aline A. Siqueira: O meu processo de escrita para contos é totalmente diferente do que sigo para obras maiores. Não faço estudos profundos, nem costumo criar fichas de personagens, caracterizando-os. Apenas anoto a ideia principal do conto em um parágrafo, o que desejo transmitir e os nomes dos personagens. Após essa breve anotação eu começo a escrever, escutando música... Contos são breves e prefiro deixar toda a estrutura livre para eu escrever cada parágrafo conforme as cenas e ideias que me vierem à mente. Aplico técnicas que considero importante, de acordo com a história, mas não faço um mapeamento disso.

Nada como sentar e simplesmente escrever! Foi assim que escrevi “A Segunda Chance”. Depois de concluída a etapa de escrita, a revisão é a fase em que acerto os detalhes e efetuo as correções. Entre o início da escrita e a publicação da obra foram um mês e meio.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Aline A. Siqueira: Considero vários trechos especiais, mas o início sempre é o trecho que dedico mais tempo para captar a atenção do leitor; então, fica aqui o trecho inicial do livro:

“Atordoados e com os olhos cheios de lágrimas, Lucinda, Getúlio e Antônia – cada qual em sua casa –, compartilham da mesma aflição: veem seus filhos caídos no banheiro, completamente inertes.

Antônia, com as pernas pesadas e consumida pelo desespero; arremessa-se ao lado do filho, chacoalhando o menino e gritando com uma voz esganiçada na ânsia por despertá-lo. Não muito diferente, do outro lado da cidade, Getúlio repete a cena. Já Lucinda, menos colérica, caminha lentamente até sua menina e não suportando o peso dentro do seu peito perde totalmente os sentidos. Seu corpo se junta ao da filha.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Aline A. Siqueira: O livro está disponível na Amazon, em formato digital (e-book). Para leitura, é só adquirir a obra no site

da Amazon. Para quem possui Kindle Unlimited a obra pode ser baixada gratuitamente, por enquanto.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Aline A. Siqueira: Atualmente estou escrevendo uma obra maior, com muito planejamento e detalhes. É uma história de fantasia em um universo que criei e envolve elementos da mitologia nórdica. Teremos magia, amor, guerra e muita luta pelo poder. A previsão de lançamento é para Abril/Maio de 2021. Além desta obra, estarei participando da antologia organizada pela Sociedade de Autores Literários, com lançamento em Outubro de 2020 – também com um conto de fantasia.

Perguntas rápidas:

Um livro: HQ Fables, de Bill Willingham.

Um (a) autor (a): Neil Gaiman

Um ator ou atriz: Sandra Bullock

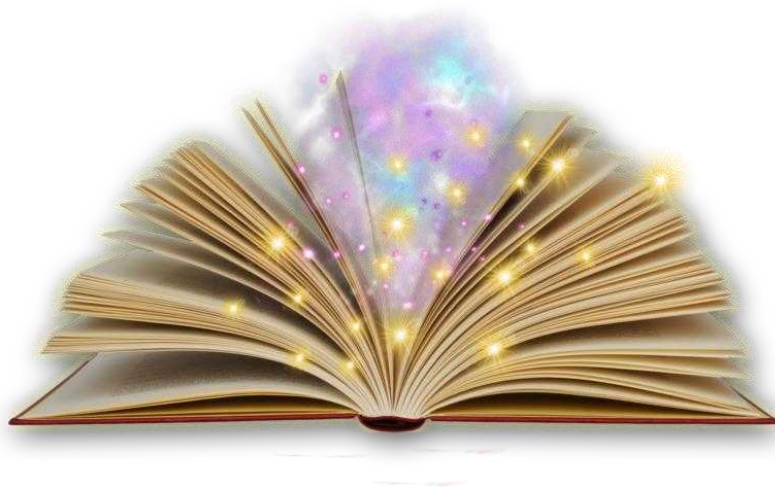
Um filme: O rei leão

Um dia especial: O dia em que me casei

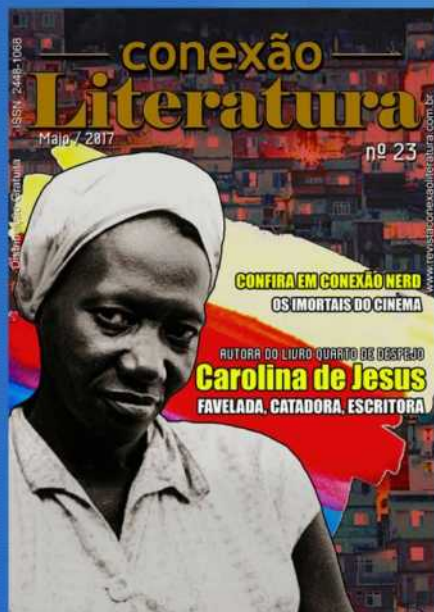
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Aline A. Siqueira: Gostaria de agradecer a todos que leram “A Segunda Chance” e gostaria convidar àqueles que não conhecem a obra a conhecê-la e acompanhar meus trabalhos através das redes sociais.

Para adquirir o livro:
<https://www.amazon.com.br/Segunda-Chance-Aline-Siqueira-ebook/dp/B0891517KM>



Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>

ENTREVISTA COM O AUTOR A. NOGUEIRA SILVA

POR ADEMIR PASCALE



Antônio Nogueira da Silva nasceu em 22 de outubro de 1972 em Pacatuba-CE. Em 1980, veio com a família para o município de Palhano, onde reside até hoje. Estudou em escolas públicas e formou-se em Letras pela UECE-FAFIDAM (2005). Cursou Pós-Graduação em Metodologia de Ensino para Educação Básica (2010). Exerce o magistério desde a década de 90, lecionando em escolas municipais; foi aprovado em concurso público estadual, em 2003, ministrando aulas desde então na E.E.M. José Francisco de Moura. Iniciou sua vocação literária escrevendo poemas a partir de 1994, tendo como leitores e “críticos literários” seus próprios amigos. Em novembro de 2019, publica através da Editora Saramago (selo da Editora Albatroz), o livro de poemas “Baú de Sonhos”, realizando seu grande desejo: ver suas poesias publicadas e transformar-se, a partir da própria escrita, num incentivador da leitura e, por conseguinte, da escrita.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

A. Nogueira Silva: Tudo iniciou com a leitura. Embora sendo de família humilde, meus pais sempre me incentivaram ao estudo. E após aprender a ler, a curiosidade leitora me instigou a ler um antigo livro de minha mãe, intitulado “Antologia Nacional” (livro incompleto que continha um misto de trechos em prosa e poesia de autores portugueses e brasileiros). Esse foi meu

primeiro contato com os grandes mestres da literatura. Após essa descoberta, passei a ler diversos gêneros literários da Biblioteca Municipal e dos colégios onde estudei (embora o acervo dessas bibliotecas fosse muito aquém do desejado!). Outra fonte literária foi a coleção “Tesouro da Juventude”, que uma amiga me emprestou e eu devorei cada volume com ansiedade e prazer, lendo alguns contos e resenhas de obras-primas da literatura brasileira e estrangeira. Paralelamente às leituras, iniciei rabiscando alguns poemas, que ia

mostrando aos amigos mais próximos e guardando em velhos cadernos. Destaco também, como fator importantíssimo nessa minha formação leitora, os concursos literários e artísticos que participei em minha cidade, promovidos pelas secretarias de Educação e Cultura, que muito



contribuíram para meu conhecimento literário e como uma forma de incentivo para continuar escrevendo e sonhando com a publicação de meus trabalhos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Baú de Sonhos”. Poderia comentar?

A. Nogueira Silva: Meu livro “Báu de Sonhos”, como o próprio título já indica, simboliza exatamente a realização do grande Sonho de publicar meus velhos poemas, guardados por décadas na gaveta. Hoje, o sonho se concretizou nesse livro de poemas “tecido de sonhos”, que apresenta, através de seus versos, as lembranças, os sonhos, os desejos, as memórias, as cenas relevantes da infância e adolescência daquele menino-poeta, que desde cedo apresentou grande aptidão e curiosidade

literárias. Esse é o meu “Baú de Sonhos”, um livro de poesias que, em minha concepção, agrada “gregos e troianos”, pois o mesmo contém estilos clássicos e modernos (indo do soneto ao haicai), apresenta tipos diferentes de poemas, quanto a rima (contendo poemas rimados e de versos brancos), além

da diversidade de temáticas poéticas. Em meu texto de contracapa declaro que toda essa temática e diversidade deste Livro-Sonho está bem emaranhada “[...] no tecido da Memória, nos pensamentos e sentimentos pintados com o pincel-vivo da Vivência e da experiência de cada dia.”

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

A. Nogueira Silva: A principal fonte de pesquisa foi a leitura (e diga-se de passagem, muita leitura!). Li e reli os grandes nomes da poesia clássica e moderna (do parnasianista Bilac ao moderníssimo Drummond!). Li bastante poesia para poder iniciar a produção de meus primeiros poemas. Iniciei escrevendo na década de 90 (meus

primeiros poemas datam de 1994); depois fui guardando meus esboços poéticos, relendo, revisando, reestruturando versos e estrofes, trocando um título ou coisa assim. Durante essa fase, pesquisei, incansavelmente, por concursos literários (até cheguei a participar de alguns!). Em minhas pesquisas, ia deixando meu contato de e-mail, até que em 2019, encontrei uma seleção da Editora Saramago para novos autores e então apostei na ideia e corri atrás. A conclusão do livro não demorou muito, pois o mesmo já estava praticamente escrito, os poemas só necessitavam de uma revisão; escrevi apenas doze poemas novos para complementar o livro. No geral, na fase final, posso assegurar que mais ou menos, em seis meses, consegui realizar o grande desejo da publicação de meu livro “Baú de Sonhos.”

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

A. Nogueira Silva: Ao invés de destacar um trecho irei mencionar e comentar títulos de alguns poemas que são marcantes nessa obra poética e em minhas reminiscências:

LEMBRANÇAS, o primeiro poema do livro, que trata da saída de minha família de nossa terra natal;

IMPRESSÃO POÉTICA, remetendo-me à infância e a inspiração poética e mágica do sertão cearense;

OS FANTASMAS DA CASA GRANDE, ilustrando os medos de um menino diante da imensidão de um casarão de fazenda e refletindo nossos “fantasmas” e medos pessoais;

VEREDAS, o saudosismo de uma época em que a juventude foi protagonista de sua própria história;

NOITE DE SÃO JOÃO, as lembranças e as saudades do passado, que continua vivo e atual.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

A. Nogueira Silva: Para adquirir o livro, o leitor poderá entrar diretamente em contato com a loja virtual e comprar seu exemplar através dos sites a seguir: <https://loja.editoraalbatroz.com.br/bau-de-sonhos>

<https://www.americanas.com.br/produto/1661865239/bau-de-sonhos> .

Com relação a informações sobre o autor e seu trabalho literário, quem tiver interesse poderá visitar os espaços virtuais de meu Facebook (antonionogueiradasilva) e Instagram (@prof.antonionogueira). Aliás no instagram, tem algumas postagens com trechos de poemas que mostrará ao leitor um pouco sobre minha poesia, através das temáticas e estilos apresentados nesse espaço virtual.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

A. Nogueira Silva: Existem. Porém, ainda apenas no campo das ideias; está tudo ainda no papel, apenas dei alguns passos na direção do Sonho. No geral, tenho três ideias de projetos literários: um livro de MEMÓRIAS (já tenho alguns poucos textos escritos e alguns títulos no papel), um livro de CONTOS (ideia de recolher contos populares de minha região e reescrevê-los, dando uma repaginada) e um ROMANCE (já tenho três temas, alguns dados de pesquisa temática e estou realizando um curso de “Escrita Criativa”, voltado para a escrita do gênero romance).

Perguntas rápidas:

Um livro: O Guarani, de José de Alencar

Um (a) autor (a): Machado de Assis

Um ator ou atriz: Elizabeth Savalla

Um filme: O Auto da Compadecida (2000)

Um dia especial: Chegada do livro “Baú de Sonhos” em minhas mãos, meu Sonho publicado e realizado.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

A. Nogueira Silva: Quero agradecer a todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram na realização de meu sonho: a publicação de meu livro de poesias. Aproveitando o ensejo, quero também me dirigir a todos aqueles que sonham e desejam realizar seus sonhos: acreditem em si mesmos e não meçam esforços para realizá-los, pois todos nós podemos e devemos Sonhar. O Sonho é o início da caminhada para a realização pessoal. Terminarei deixando meu recado em forma de versos:

“Sonhar com os pés no chão
Evitando o devaneio, a ilusão
Caminhar buscando Realização...”



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Tudo começou com uma ideia do escritor Ademir Pascale, em julho/2015, sendo lançada de forma experimental a edição de nº 01, tendo como destaque o escritor Oscar Wilde. A Revista Conexão Literatura tornou-se um grande canal digital de entretenimento e informação para autores, leitores, editores, blogueiros e profissionais do meio literário e cultural.

**PORQUE AMAMOS LIVROS
LEIA E VIAJE CONOSCO**

**150 mil
seguidores**



E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM
www.revistaconexaoliteratura.com.br

LITERATURA E CULTURA AO ALCANCE DE TODOS:

A pontualidade, seriedade e profissionalismo da equipe da Revista Conexão Literatura, permitiram que suas edições chegassem até milhares de internautas por meio das redes sociais Facebook, Twitter e Instagram, que somam mais de 150.000 seguidores. Nossas edições são mensais. Os leitores poderão baixar e ler a revista digital gratuitamente.

**APROVEITE
JÁ SÃO DEZENAS DE
EDIÇÕES DA NOSSA
REVISTA GRATUITAS
PARA DOWNLOAD**



ACESSE O NOSSO SITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ENTREVISTA COM O AUTOR RENATO COUTINHO

POR ADEMIR PASCALE



Renato Cesar da Silva Coutinho é brasileiro e mora na Alemanha há quase três décadas com dupla nacionalidade. É músico, cantor, compositor e autor do livro *Caminhos & Descaminhos - Descobriu sua aptidão artística desde jovem, época nascente de um grande sonho: transformar vidas por meio da música: a fonte inspiradora desse livro: o sopro impulsionador para que você, leitor, lute pelos seus sonhos.*

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Renato Coutinho: Sempre gostei muito de ler livros diversos de autores da literatura brasileira e internacional nos tempos de estudante e as diversas professoras e professores diziam que eu tinha talento nas crônicas que eu escrevia brincando nas salas de aula.

Tenho uma peça de teatro escrita dos tempos em que eu fui ator amador no Rio. A peça chama-se “Capiaba o Dom Quixote 2000” além de outras iniciadas e não terminadas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Caminhos & Descaminhos”. Poderia comentar?

Renato Coutinho: A ideia de escrever este livro veio devido a uma fase muito difícil que eu me encontrava na cidade Stuttgart que fica no sul da Alemanha. Estava com muitas dificuldades de me adaptar ao inverno pesado que fazia naquele ano e me vi em depressão e solidão; eu morava sozinho e tinha o visto artístico dado por uma gravadora alemã (Ala Records). E em uma noite de inverno pesado eu em estado de depressão e bebendo muito decidi que iria me suicidar. E antes de me suicidar (eu iria me jogar da janela do apartamento que eu morava e que ficava no último andar do prédio) decidi deixar uma carta. E ao começar redigir esta carta me veio um filme da minha infância pobre junto à família, os conflitos da separação dos pais quando eu nasci... E

me veio à cabeça a ideia de que eu estava escrevendo a história da minha vida e que isso poderia se transformar em livro. E assim desisti de me suicidar e me veio o fascínio de seguir escrevendo a história da minha vida.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Renato Coutinho: Motivado pela história que estava escrevendo, comecei a pesquisar sobre técnicas de escrever livros, participar de feiras de livros na Alemanha, a pedir informações a alguns amigos e algumas amigas alemães que eram e são jornalistas e escritores de livros, críticos de matérias de jornais e revistas. Para concluir esta Parte 1 eu precisei de muitos anos, porque decidi que não queria escrever por escrever, eu só seguia escrevendo quando vinha algo de muito inspirador e colocava na história. Resumindo, precisei de 25 anos para terminar este que não termina. Por coincidência terminei este ano durante os quatros meses que fiquei confinado em casa devido a crise do Corona Vírus, pois, por eu ser também músico e cantor e trabalhar viajando pela Alemanha afora para fazer concertos e shows, não me sobrava tempo e nem inspiração para terminar este livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Renato Coutinho: No capítulo 9 Nota do Autor:

Rogério quando nasceu, foi batizado na Igreja Católica. Sua mãe, nesta época, tinha muita fé na Umbanda. Ela tinha contatos espirituais e o levava para tomar passe com os Caboclos. Ele gostava e até tocava tambor junto aos Ogãs e, assim, ia desenvolvendo automaticamente a fé espiritual. Acreditava em muitas coisas que a ciência questiona mas não é capaz de aceitar. Porém, a medida que foi crescendo, se desprendera um pouco destes valores espirituais e começou a se interessar por outros temas religiosos como esoterismo que também é muito misterioso. Há verdades neste tema que a humanidade levará séculos para desvendar e talvez não consiga.

Por meio destas pesquisas religiosas, Rogério conheceu alguns fragmentos misteriosos e fizera destes sua base protetora na vida. No dia a dia depara-se com situações perigosas onde a sua filosofia mística o ajuda muito...

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Renato Coutinho: O leitor poderá adquirir o livro no site:
<https://clubedeautores.com.br/livro/caminhos-descaminhos-4>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Renato Coutinho: Sim, os projetos em pauta são os de escrever as partes 2,3,4 e 5 do mesmo livro.

Perguntas rápidas:

Um livro: Entre As Portas

Um livro: Entre As Portas Da Percepção

Um (a) autor (a): Sidney Sheldon uma autora: Clarisse Lispector

Um ator ou atriz: Charles Chaplin

Um filme: Do Outro Lado da vida

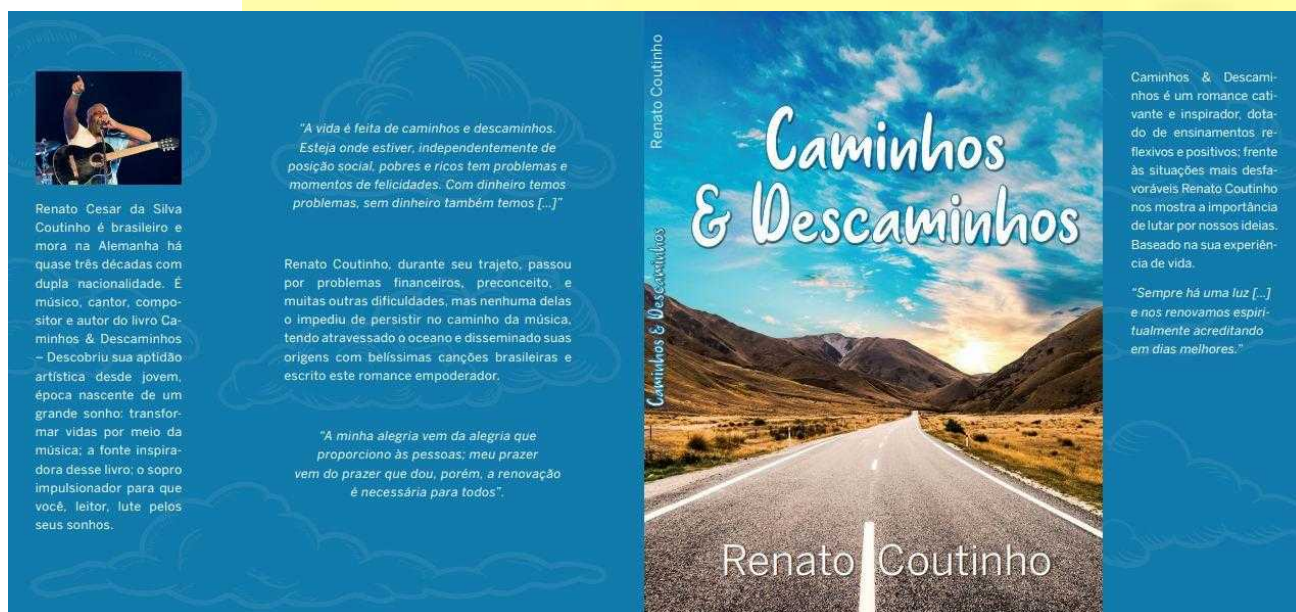
Um dia especial: O Dia de meu aniversário 12.07 porque comemoro sempre por estar mais

um ano vivo diante de tantos Caminhos & Descaminhos que a vida nos proporciona.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Renato Coutinho: Que cada leitor que adquirir este livro o adquira não para me ajudar, porém, para que gostem de tê-lo em suas mãos, nas suas estantes de livros lidos ou por ainda ler.

E que não se arrependam por usar algumas horas da vida para ler este livro. Que seja muito prazeroso e inspirador.



LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess

the art we create we can't brush into place
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
I'm not sleeping."
the white door
die
all night

ENTREVISTA COM O AUTOR EDUARDO LIPORACCI

POR ADEMIR PASCALE



Eduardo Liporacci nasceu no dia 21 de Junho de 1989 em Recife/PE. Criado em Bauru/SP, o autor também morou em outros lugares do Brasil e do mundo.

Indo contra os moldes acreditados pela sociedade, devido ao seu jeito fora do comum e a aparência de um ‘não escritor desse tipo de texto’, o autor divide com seus leitores um pouco de si e de personagens criados pelo mesmo em seus livros.

Acreditando que as pessoas são amplas em seu interior e que seus mundos podem tomar diversas formas a cada segundo, o autor mostra suas diferentes vertentes em sua escrita e também em suas redes sociais.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Eduardo Liporacci: Desde novo sempre gostei muito de ler e escrever e como eu sempre escrevia, eu decidi montar um blog para publicar os meus textos e compartilhar eles com as pessoas.

Eu tinha recebido uma proposta de publicação na época do blog, mas acabei não dando continuidade, mas aquilo ficou na minha cabeça por anos.

O tempo passou e eu decidi entrar em contato com algumas editoras, daí chegaram as propostas de publicação do meu primeiro livro que contém os textos do meu antigo blog.

Após isso, claro, como muito tempo havia passado, eu fui me aprofundando e me aprimorando na escrita.

Meus próximos livros foram trabalhados de uma forma diferente, pois são uma proposta diferente do meu primeiro livro.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Terra em água”. Poderia comentar?

Eduardo Liporacci: Eu tenho um carinho muito grande pelo Terra em Água por ele ser um livro muito ‘cru’, ele é simples e humano. Como ele veio dos textos do meu antigo blog, a ideia era mantê-la essa ideia de algo fora dos padrões, não

buscando a perfeição, sendo algo mais amador mas que funciona, pois se conecta com as pessoas. Sendo uma coletânea de textos com tipos de escrita diferentes, o Terra em Água tem vários momentos, sentimentos, falhas e acertos; acredito que nossas vidas são assim, muitas coisas acontecem no nosso dia a dia e nem tudo é perfeito, mas a gente vive, então acaba funcionando de uma certa forma.

Poder mostrar para o público que eles podem sim escrever e ler, que livros nem sempre são super ‘mirabolantes’ e que para poder ler, escrever e amar a literatura você não tem que ser uma ‘pessoa super culta’, é algo incrível. Eu amo quebrar estereótipos.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Eduardo Liporacci: Minha inspiração vem de experiências, lugares, pessoas, situações reais e também que imagino, então às vezes demora um pouco dependendo do que estou vivendo.

O Terra em Água já estava pronto fazia tempo, pois tinha salvo os textos do antigo blog, mas meu último livro que deve sair em breve eu escrevi em 2 meses devido ao tempo que estou tendo na quarentena.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Eduardo Liporacci: Claro! No Terra em Água eu coloquei o primeiro texto que lembro que escrevi ainda na escola quando a professora nos apresentou ‘Batatinha quando nasce’ e explicou sobre poesias, na época eu tinha 8 anos. O título é 1997 pois foi o ano em que eu escrevi esse texto, ele é pequeno e simples, mas muito especial para mim pois hoje eu vejo que escrever sempre esteve presente na minha vida.

1997

‘meu coração é de pedra e pedra eu não quero ter,
ela machuca os meus sentimentos e atrapalha o meu viver...’

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Eduardo Liporacci: Terra em Água está disponível em formato impresso e e-book em vários websites (Amazon, Estante Virtual, Lojas Americanas, Submarino, etc)

Eu voltei agora com as redes sociais depois de um tempo longe da internet e estou iniciando um canal no YouTube para falar sobre literatura, ajudar pessoas que querem escrever e publicar, além de também falar sobre os meus livros.

No Instagram tenho um projeto bem legal chamado ‘vocês’ onde as pessoas

lêem e interpretam os meus textos e também faço lives em que chamo os inscritos para falarem de suas páginas, lerem seus textos e também para conversarmos ao vivo sobre literatura.

Instagram, Facebook e Twitter - /eduliporacci

Youtube - /eduardoliporacci

Website - www.eduardoliporacci.com

Perguntas rápidas:

Um livro: O mundo de Sofia

Um (a) autor (a): Charles Dickens

Um ator ou atriz: Johnny Depp

Um filme: Reflexões de um Liquidificador

Um dia especial: TODOS OS DIAS

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Eduardo Liporacci: Gostaria de agradecer o espaço! Foi um prazer!

A mensagem que gostaria de deixar para as pessoas é: Nada é impossível, o mundo da arte é amplo e por isso existe espaço para tudo e todos que sonham em um dia compartilhar sua arte, seja ela a escrita, dança, pintura, fotografia, música, etc.

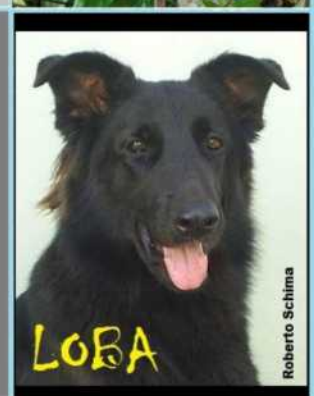
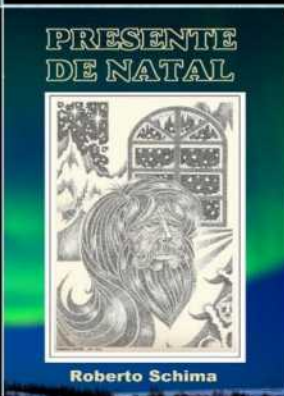
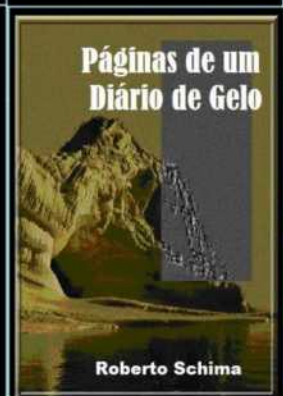
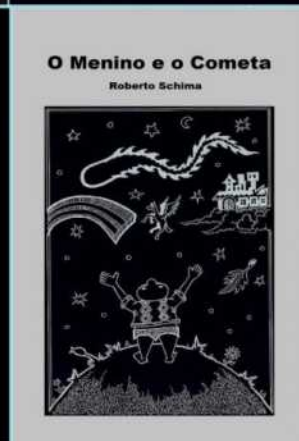
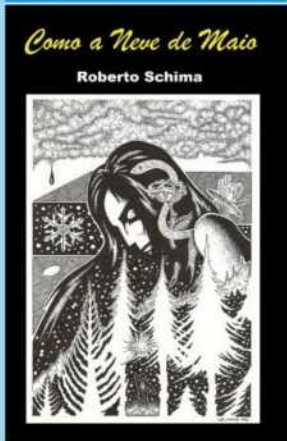
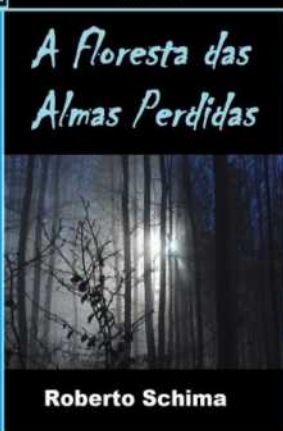
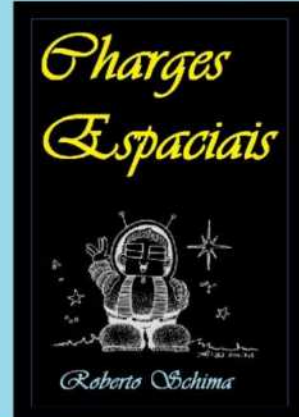
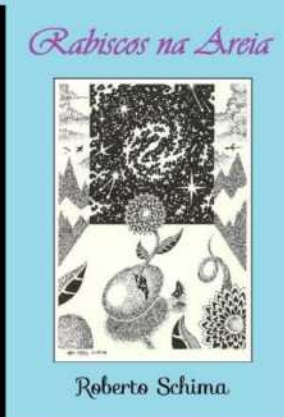
Vamos nos permitir viver, sentir, criar e compartilhar.

Um grande abraço a todos!



Para ler no smartphone, tablet ou laptop:

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



wattpad 

ROBERTO SCHIMA - rschima@bol.com.br
Obs: Também no Clube de Autores, agBook, Amazon, Conexão Literatura, EFuturo, Marcianos como no cinema.
Maiores informações: Google.

ENTREVISTA COM A AUTORA CLAUDENICE LUNA

POR JOSÉ FLÁVIO DA PAZ



BULLYING, LITERATURA EM PROSA E ENSINO LITERÁRIO: ENTREVISTA COM A ESCRITORA CLAUDENICE LUNA LEITE

A palavra *bullying* é de origem inglesa e designa atos de agressão (física e/ou psicológica), intencionais e repetidamente, de maneira a intimidar, humilhar e/ou denegrir um indivíduo e/ou grupo que não é aceito por outro grupo ou indivíduo, por não corresponder aos estereótipos estabelecidos socialmente e, geralmente, tem sua origem em casa e continuada, reforçadamente, no espaço escolar.

A escritora rondoniense e professora, Claudenice Luna Leite, discute de maneira lúdica, sensível e respeitosa o tema na sua obra "*Luna, a menina que conseguiu superar o bullying*". Como educadora perspicaz traduz com leveza o tema e conduz os leitores a uma reflexão acerca de um tema, infelizmente, muito comum, nas escolas, em especial da Educação Básica.

Vale a pena compreender melhor suas intenções e se posicionar quanto a esta questão tão delicada, mas que exige, de nós educadores uma intervenção significativa, de maneira a reduzir, senão, extinguir tamanha violência agressiva para com o ser humano e o direito às diferenças, indistintamente de origem, cor, sexo/gênero, religião e quaisquer outras condições.

Entrevista

José Flávio da Paz (JFP) – Qual a sua formação e como foi o seu ingresso no cenário literário?

Claudenice Luna Leite (CLL) - Sou professora formada em pedagogia e pós-graduada em Educação Infantil. Iniciei minha trajetória no cenário literário no dia

em que pude desenvolver o projeto "Eu Posso Ser um Autor" na Escola Antônio Ferreira da Silva, juntamente com meus alunos dos quais, tiveram o privilégio de escrever a sua própria obra também.

JFP - Além de escritora, pesquisadora e mãe, você é professora, certo?

Quando e como se deu a sua formação, o seu ingresso no magistério?

CLL - Sim, iniciei o magistério no dia 09/02/1993 era meu sonho ser professora, devido experiências que enfrentei na infância e a dedicação e insistência de minha professora para me ensinar a ler fez com que eu me apaixonasse pela profissão. No início continuei enfrentado muitos desafios para conclusão do curso devido a timidez e dificuldades que eu ainda tinha, mas aos poucos consegui ser aprovada e me destacando sempre nas disciplinas de Artes e Matemática. Conclui no ano de 1975. Nesse mesmo ano fiz minha inscrição no vestibular para ingressar na faculdade da UNIR, curso de Educação Física, no dia da prova tive muitos imprevistos tudo estava dando errado para que eu pudesse desenvolver a prova. E mesmo com muita insistência na portaria da escola, devido meu atraso de cinco minutos não pude realiza-la. Naquele dia, confesso que perdi meu chão, nada mais fazia sentido. Então, resolvi não voltar para casa, pois temia a reação de meus pais, sabia que o comportamento deles diante daquilo tudo, talvez só prejudicasse ainda mais minha tristeza. Caminhando pelas ruas de Porto Velho, resolvi ir para a casa de uma amiga, onde cheguei em prantos. Os pais de minha amiga vendo tudo aquilo me acolheram e me aconselharam a ligar antes para meus pais informando do ocorrido, antes de retornar para casa, Ao ligar, minha mãe é quem atende dando uma tremenda bronca e muito nervosa, mas aos poucos ela se acalma e diz: - No próximo ano você tenta novamente, filha! Meu pai calado estava e calado ficou. Naquele momento a tristeza

foi passando e a esperança se renovando fui percebendo que por mais difícil que possa ser nossos problemas, vale a pena enfrentá-los de frente sem medo e tentar novamente. No ano seguinte, em 1997 ingressei na Universidade Federal de Rondônia – UNIR, mas desta vez no curso de pedagogia, hoje vejo que não era para ser professora de Educação Física e sim pedagoga, como diz o ditado “Deus escreve certo por linhas tortas”. As linhas tortas muitas vezes o podem fazer sofrer e chorar, mas elas te levaram para o caminho certo, não significa que o curso de Educação Física seja o curso errado, mas para mim não era o curso certo para ingressar.

JFP – Esta formação pedagógica, poderíamos afirmar que lhe favoreceu o ingresso no universo da literatura e na escrita para criança?

CLL - Sim, com certeza. Quando mais jovem eu tinha o hábito de compor músicas e escrever cartas de amor para meus amigos na escola, quando estávamos na fase da puberdade eles não tinham coragem de se declarar para seus amores, quando os ajudava com minhas cartas encorajando-os, às vezes até poemas surgiam. Tanto é que na época o que me ajudou bastante no vestibular foi a nota da redação. O intrigante disso tudo que eu não gostava de me expor verbalmente, mas escrever era minha paixão. Talvez naquele momento era meu refúgio, a maneira que eu conseguia expor meus sentimentos. Principalmente quando se tratava de algo que não conseguia expor verbalmente. Após a conclusão do curso, pude iniciar minha jornada como professora e então iniciar minha contribuição, desta vez, como professora.

Desenvolvendo projetos de escrita e leitura. Com o uso do lúdico e produções manuais, instigando o aluno através de sua vivência com a prática da escrita, respeitando a realidade de cada criança. Foi então que através dos alunos que pude realizar um sonho oculto que nem eu mesma sabia, ingressar na literatura infantil produzindo meu primeiro livro. Não posso deixar de mencionar a participação de meus filhos Emily Zípora que lia e relia os textos e dava sua opinião, Matheus Leite quem ajudou nas ilustrações, e meus amigos Estela Brum e Francileudo Coêlho personagens da obra também dos quais durante a produção do livro pude contar com seu apoio e incentivo, mesmo em meio as dificuldades que eu estava enfrentado no momento consegui concluir toda essa trajetória.

JFP - Quais dicas você daria aos escritores que anseiam iniciar-se na carreira ou desejam ingressar no cenário literário?

CLL - Primeiramente muita fé e paciência. No início pode parecer complicado, mas aos poucos tudo vai se ajeitando. E nunca tente conseguir algo tentando derrubar o seu próximo pois um dia você poderá colher o que plantou. Seja humilde, mesmo que parece improvável. Tenho

certeza, o que é seu, mais cedo ou mais tarde chegará até você. Basta crer e perceberá o seu propósito.

JFP - Quantos títulos já publicou e em quantas antologias já participou antes das suas publicações individuais?

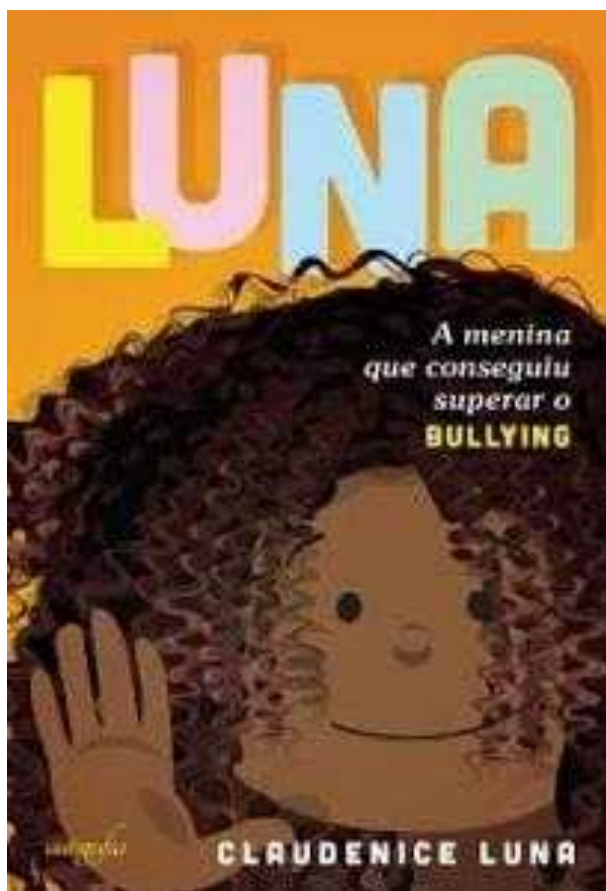
CLL - No momento apenas uma.

JFP - Qual a importância do envolvimento em movimentos literários na/para a projeção das escritoras?

CLL - Muito grande. Atualmente, nossa juventude na sua maioria devido a tecnologia vem demonstrando um certo descaso com produções de sua própria autoria. Pesquisando produções de autores alheios, invadindo suas obras e as copiando demonstrando preguiça de pensar e produzir sua própria obra. E ao produzir apresentam dificuldades em criá-las e passá-las para o papel.

E esses movimentos não só incentivam os nossos alunos, mas também os ajudam, a buscar meios para sanar suas dificuldades na escrita.

JFP - Qual a sua visão do mercado editorial em relação ao grande crescimento da produção e venda de livros digitais? Você possui algum projeto nesse sentido?



CLL - Bem neste momento que estamos enfrentando a pandemia é bastante delicado, onde as pessoas estão utilizando mais internet para se refugiar da solidão. Para suprir as necessidades de relações sociais.

Sim, foi desenvolvido um projeto “Eu posso Ser um Autor “no ano de 2018 e 2019 com a produção de 270 obras escritas por crianças de 8 a 10 anos onde elas tiveram o privilégio de desenvolver seu próprio livro com textos narrativos de prosas e poesias ilustrados com a culminância com uma noite especial com autógrafos e apresentações musicais. Neste projeto os alunos puderam adquirir suas obras impressas. E autografá-las para seus entes queridos.

JFP - "Luna, a menina que conseguiu superar o bullying" foi a sua última obra. Além deste citado, há outros títulos publicados? Estão disponíveis na versão e-book ou apenas impressa? Comente.

CLL - Luna é a única obra no momento, mas já estamos trabalhando em outras obras, inclusive já fui cobrada pelos meus leitores de quando será a próxima edição de Luna. E só está disponível impresso.

JFP - Qual a temática central das suas obras, por que esta escolha e o que há personalidade na obra?

CLL - A Leitura Literária como Elementos de Superação do Bullying na Escola e na Sociedade.

Depoimento pessoal de superação do bullying.

JFP - Por que a escolha pelo gênero prosa? Pretende escrever em outros?

CLL - Porque foi a maneira que encontrei para relatar de forma natural da linguagem escrita para facilitar a compreensão dos meus leitores mirins.

E pretendo sim, talvez em forma poética.

JFP – Na sua opinião e experiência, por que ler na contemporaneidade? Qual a relação entre arte, palavra e leitura podemos encontrar em "Luna, a menina que conseguiu superar o bullying"

CLL - Na minha opinião leitura tem o poder de ajudar a desenvolver o senso crítico e aprimorar a sua imaginação, e contribui com desenvolvimento das relações sociais. Sua relação entre artes, palavra e leitura auxilia na criatividade do leitor ao usar sua imaginação ao navegar na história e muitas vezes se vê como protagonista da obra lida. Dependendo da realidade de vida de cada leitor. A história de Luna pode fluir e contribuir em sua vida a sua realidade. A obra pode incentivar vários leitores a escrever a sua própria história abrindo-se um leque para a criatividade da escrita e do desenho.

JFP - Quais foram seus influenciadores e suas influenciadoras nessa trajetória, enquanto leitora e escritora?

CLL - Meus influenciadores foram primeiramente meus pais que nunca conseguiram concluir seus estudos meus pais Justino Leite e Maria Moreira de Luna Leite estudaram até a 4ª série do ensino fundamental, o sonho deles sempre foi formar seus filhos, por isso sempre viveram para o trabalho para nos dar o melhor. E como já havia mencionado meus filhos Emily Zípora e Matheus Leite> A Emily começou a enfrentar

problemas com bullying em sua escola e foi entrando em depressão. Com isso, resolvi tomar uma atitude publicando meu relato testemunhando para ela o quanto é possível superá-los. E Matheus que me ajudou nas ilustrações. E finalmente meus amigos Francileudo Coêlho e Estela Brum que não me deixaram desistir dessa trajetória.

JFP - Por que e para quem você indicaria os livros da sua autoria?

CLL - Para todos os professores que se encontram em sala de aula que estão presenciando uma Luna em sua vida profissional, utilizando a obra como ferramenta de apoio para contribuir com esse tema tão complicado como o Bullying, e para crianças que de alguma forma estão passando por esse problema.

JFP - Poderia destacar um trecho, em especial do seu livro "Luna, a menina que conseguiu superar o bullying" para os leitores e leitoras da revista Conexão Literatura?

CLL - "...Então ela correu para o banheiro e, ao ver sua imagem no espelho, acreditou que realmente ela era tudo aquilo que eles haviam dito e começou a chorar."

JFP - Como o leitor e/ou a leitora interessados deverão proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário, acadêmico e científico?

CLL - Para adquirir a obra interessado for de Porto Velho pode estar adquirindo com a autora entrando em contato pelo fone 992967831. Se for de outra cidade poderá acessar no link das americanas, editora Autografia, submarino.

JFP - Existem novos projetos em pauta de produção literária? O que podemos esperar?

CLL - Sim. Estamos trabalhando em um novo livro que agora no momento não posso compartilhar.

JOSÉ FLÁVIO DA PAZ – Doutorando em Estudos Literários-UNEMAT; Mestre em Letras-UNIMAR; Mestre em Estudos Literários-UNIR. Bacharel em Letras/Libras-UFSC; Habilitado para o Ens. de Língua Portuguesa-UNIFAP; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira-FAIARA; Linguística e Formação de Leitores-FAIARA; Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes-Fac. Futura; Cultura e Literatura-UCAM, Produção Textual-FAVENI. Pesquisador do GP Crítica Textual e Edição de Textos - UERJ/CNPq; GP Ética, Estética e Filosofia da Literatura-UNIR/CNPq e Vice Líder do GP Poesia Contemporânea de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-oeste do Brasil-UNIR/CNPq. Membro Vitalício e Imortal, ocupante da Cadeira nº 001/ALB/RN da Academia de Letras do Brasil-ALB. Docente do Magistério Superior, Lotado no Departamento Acadêmico de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-UNIR e bolsista do Novo ProDoutoral da CAPES/UNIR/UNEMAT. Visite: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. Acesse: www.projfpoz.unir.br; Contate: jfpaz@unir.br.



O Blog **Biblioteca de uma Professora** foi criado em 2010 e tem como principal objetivo disseminar a leitura. Um dos principais objetivos do blog é a valorização e apoio aos escritores brasileiros. O Brasil é recheado de talentos!

Um dos principais parceiros do blog é a **Revista Conexão Literatura** que vem ampliando os horizontes literários e oportunizando aos leitores o contato com novos escritores de diversos gêneros.

Além disso, o blog tem a intenção de compartilhar as ações vinculadas à leitura e escrita da sala de aula em que a autora do blog, **Shamara Paz**, atua como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Pedagoga, formada em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Pernambuco e mediadora de Leitura pela Fundação Demócrito Rocha, a professora compartilha ações de projetos literários. O blog também está vinculado ao Instabook, que possui o mesmo nome e o mesmo propósito.

As ações interligadas têm rendido ótimos resultados à Biblioteca de uma Professora, contribuindo com o poder transformador da leitura de crianças, jovens e adultos. São mais de 5.000 pessoas que amam ler e interagem com a biblioteca.

Visitem: https://www.instagram.com/biblioteca_deumaprofessora/

ENTREVISTA COM O AUTOR FELIPE DE PAIVA

POR ADEMIR PASCALE



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Felipe de Paiva: Sempre tive uma carreira direcionada às ciências exatas. Durante o colegial, formei-me Técnico eletrônico e, por volta do ano de 2004, quando me preparava para prestar o vestibular de engenharia, apaixonei-me por literatura. Cogitei me inscrever para o vestibular do curso de letras da USP, mas minha família surtou!

Minha mãe, professora de português, adotou uma política terrorista: Disse que se eu optasse pelo curso de letras, ao invés do curso de engenharia, passaria fome e seria apenas um “reles professor”. “Você é tão inteligente, tão bom em matemática! Vai desperdiçar tudo isso fazendo faculdade de letras?” – Ela dizia, acreditem!

Eu era jovem, e acabei cedendo. Bem ou mal, fui aprovado no curso de Engenharia Mecatrônica da UNESP, onde passei 3 longos e tortuosos anos tentando me adaptar à minha frustrante

carreira de exatas. Durante esse período, fui convidado a participar de um projeto extra curricular chamado “Gera Bixo”. Tratava-se de um cursinho pré-vestibular para alunos carentes no qual os próprios alunos da universidade davam aulas. Como lá só havia cursos de engenharia, era bastante difícil encontrar voluntários para lecionar português, então assumi as turmas de gramática e pude então me aprofundar ainda mais nas letras.

Acabei abandonando o curso da faculdade e conseqüentemente o projeto “Gera Bixo”. No final das contas, terminei o curso de engenharia em outra faculdade, anos depois, e mantive meu gosto pela literatura restrita a um hobby. Mas essa é a maior vantagem da literatura, ela é “quase” democrática! Basta ser alfabetizado para usufruir da leitura e da escrita. Para escrever, basta escrever.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “A Menina do Sutiã Azul”. Poderia comentar?

Felipe de Paiva: Minha “primeira obra”. Na verdade, “A menina do sutiã azul” é meu oitavo romance. Escrevi outros 7 livros que foram parar na lixeira, sem dó. Eram todos um lixo! Mas eu não os desprezo, pelo contrário, eles foram um ensaio, um teste muito importante para que eu desenvolvesse minha escrita e alcançasse um resultado satisfatório.

Esse então foi o meu primeiro livro publicado. Apesar do medo e da insegurança, ele tem sido muito bem recebido. O autor muitas vezes se frustra porque os amigos ou os parentes não leem seus livros, mas a verdade é que é muito mais fácil indicar sua obra a um desconhecido que tem o hábito de ler, do que a um conhecido que não gosta de ler. Quem gosta de ler sempre lerá, mas fazer aquele que não gosta adquirir esse hábito é uma tarefa hercúlea. É uma barreira muito difícil de transpor.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

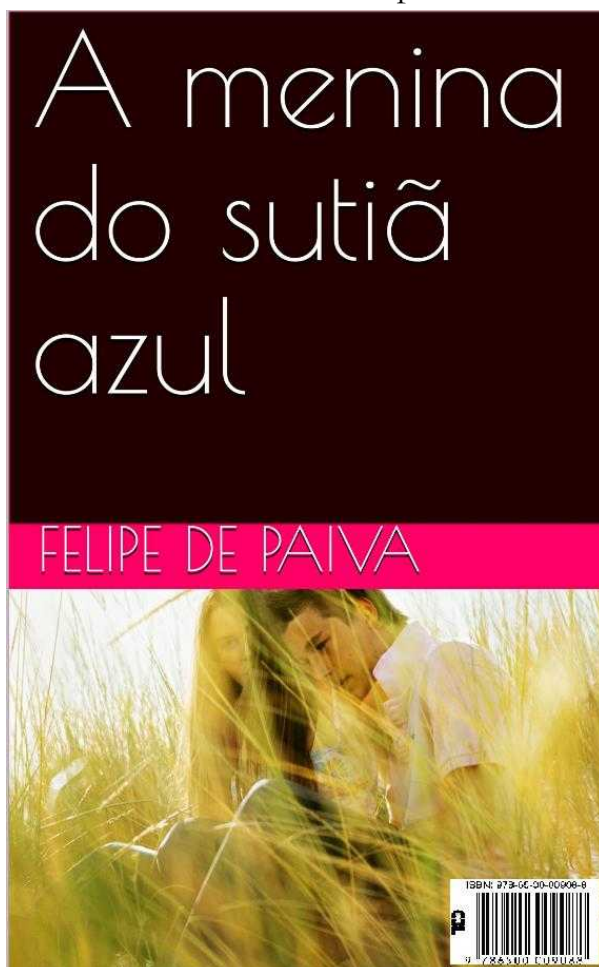
Felipe de Paiva: Pesquisa? Não houve pesquisa. Uma vida inteira de experiências foi minha pesquisa. Essa é a

maior vantagem do romance, ele não precisa ser verídico ou fidedigno a fatos, ele precisa ser verdadeiro apenas com os sentimentos e com a história que se deseja contar.

Agora, para ser honesto, acho que fiz minha pesquisa ao visitar o maior número possível de bordéis durante minha juventude. Bem clichê, né? Mas como um “pseudo engenheiro aspirante a escritor” frustrado que eu era,

eu passei boa parte da minha juventude frequentando esses bordéis (vulgarmente chamados de puteiros), em busca de consolo emocional. Visitei muitos, dos mais simples aos mais luxuosos, e conheci neles uma centena de garotas de diversos tipos, cada qual com sua história, suas ambições, medos e frustrações.

Então, se é que posso dizer isso, essa foi a minha pesquisa, foi colecionando as conversas que tive com essas garotas e que um dia me inspirei a escrever esse livro.



Quando comecei a trabalhar firme nesse romance (depois de muitas pausas), fiquei 1 ano debruçado sobre o computador. Coloquei uma data limite, 24/12/2019. Nessa data, não importava o estado geral da obra, eu iria publicar. Isso me forçou a terminar, e depois disso o texto passou ainda por 2 revisões.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em A Menina do Sutiã Azul?

Felipe de Paiva: Tem um trecho que para mim é muito tocante, mas como se trata de uma passagem muito particular, acredito que não é tão relevante assim para história ou para o leitor. Então eu destaco a seguinte passagem:

“Durante a aula, não consegui parar de olhar para ela. De tempos em tempos, ela me olhava de volta, sorria envergonhada, ajeitava a franja e voltava o olhar para o caderno. Agora que ela sabia dos meus sentimentos, como seria daqui para frente?”

Ou então:

“Na manhã seguinte, acordei e me vi sozinho na cama, com a mente repleta de lembranças e o pequeno sutiã azul de Flavinha enrolado em meus braços.”

Ou ainda:

No dia seguinte, partimos de volta para São Paulo, mas dessa vez levei o sutiã e

uma dúvida comigo: “Onde estava Flavinha?”

Era para escolher apenas um trecho né? Desculpa, impossível!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Felipe de Paiva: Atualmente o livro está publicado na Amazon somente no formato digital. O plano para 2020 é disponibilizar a versão impressa, mas confesso que não temos nenhuma data prevista.

https://www.amazon.com.br/menina-do-suti%C3%A3-azul-ebook/dp/B082MT8PPC/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=felipe+de+paiva&qid=1593548941&s=books&sr=1-1

Perguntas rápidas:

Um livro: “A verdade sobre o caso Harry Quebert”. Simplesmente o melhor!

Um (a) autor (a): Agatha Christie. Uma mulher incrível, com obras incríveis e eternas.

Um ator ou atriz: Mauro Ramos. Na verdade, ele é dublador (ou seja, é um BAITA ator). Acho que em termos de técnica e interpretação, ele é o melhor.

Um filme: “Um sonho de liberdade” (Shawshenk redemption). Nem preciso comentar.

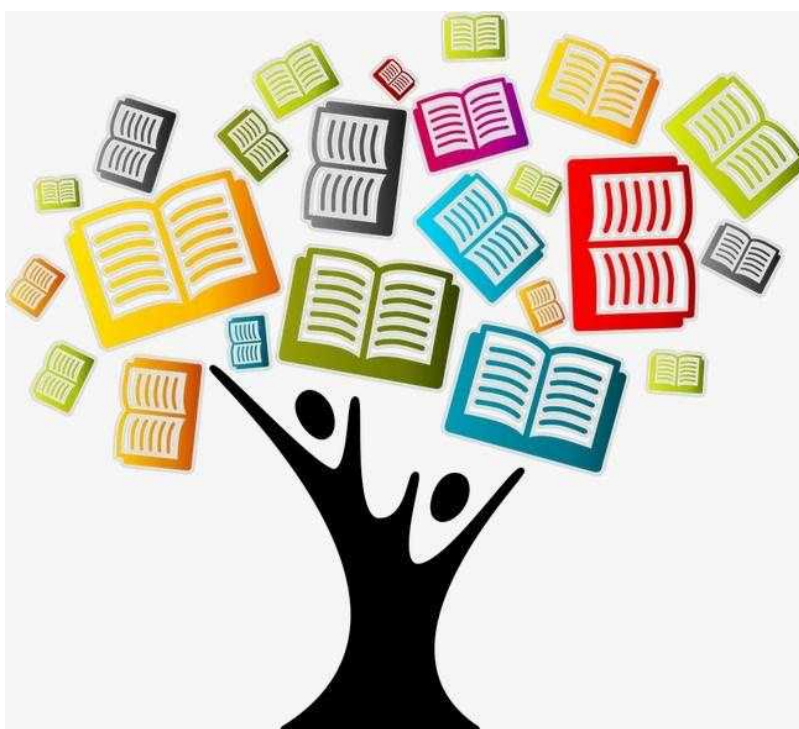
Um dia especial: O nascimento do meu filho.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Felipe de Paiva: Muitas vezes, a carreira de escritor é vista de maneira lúdica e romantizada, mas a verdade é que escrever é um trabalho! Criar uma obra bem escrita, que retenha o leitor, que conte uma boa história, que emocione e

que inspire é, acima de tudo, **TRABALHO DURO**. É suar a testa, é pensar até que a cabeça fique doendo, é não ceder contra o cansaço e a falta de motivação. Não é algo “bonito” como sentar-se diante do teclado com uma taça de vinho e simplesmente “deixar fluir”, é **TRABALHO**. E digo mais, é o pior dos trabalhos, porque ele te expõe a críticas e, pior ainda, à indiferença. É como encher um caminhão de terra sem saber se no final do dia você será pago.

Aliás, normalmente quando o dia termina, é você quem assina um cheque.



ENTREVISTA COM O AUTOR GILMAR DUARTE ROCHA

POR ADEMIR PASCALE



Gilmar Duarte Rocha, engenheiro de sistemas e economista, é membro eleito da Academia Brasiliense de Letras e autor de nove livros, sendo oito romances e uma obra de impressões de viagem. Publica regularmente contos, artigos e crônicas nas melhores revistas literárias do país. É membro da Associação Brasileira de Escritores-ANE, com sede em Brasília, onde ocupa atualmente o cargo de diretor de bibliotecas. Foi agraciado com Menção Honrosa no concurso literário Prêmio Paulo Setúbal/Itaú Cultural, edição 2017.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Gilmar Duarte Rocha: Tardio. Desde menino sempre tive muito jeito para artes e letras, contudo não tive suporte financeiro para seguir desde cedo na área artística. Só em 2005, aos 40 anos, quando me transferi para Brasília, é que pude realizar o sonho de publicar o primeiro livro. A ausência dos familiares e dos amigos baianos, associada a efervescência cultural da capital, me deu impulso e fez com que eu me embrenhasse no ramo literário. Desde então, não parei de produzir. Publiquei mais oito livros e o décimo, “A arte do ilusionismo”, está no forno, prontinho para sair.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “A Arte do Ilusionismo”. Poderia comentar?

Gilmar Duarte Rocha: É um livro diferente tanto na forma, quanto no conteúdo, e talvez o estilo ainda seja inédito no Brasil. O mote da história é o aparecimento do corpo morto de uma mulher na Lagoa Rodrigo de Freitas, em 1910, em circunstâncias estranhas e intrigantes. Um jovem advogado, Rodrigo Fragata, de uma curiosidade imensa e senso nato de investigação, e mais dois companheiros, o médico Eugênio Godinho, recém-chegado da Inglaterra, e o velho capitão reformado do exército imperial, Getúlio Flores, terminam se envolvendo na elucidação de um caso que se mostra cada vez mais

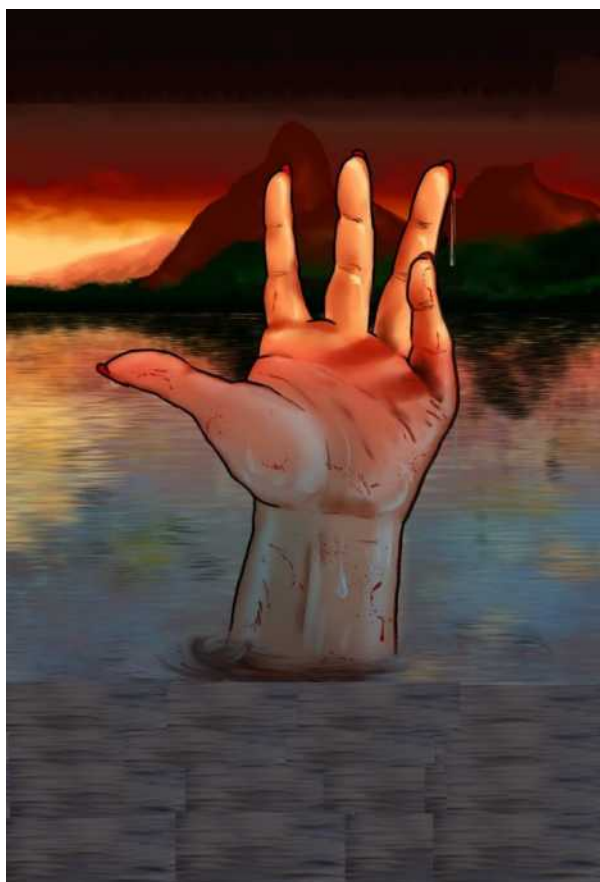
complicado na medida em que eles vão descobrindo pistas e novas revelações. O terço final do romance é realmente eletrizante.

Como uma espécie de tempero para o produto, cada capítulo do livro possui uma ilustração em padrão vintage.

Conexão Literatura:
Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Gilmar Duarte Rocha: Eu carreguei

a linha mestra deste livro na memória por um bom tempo. Como a publicação de um outro livro que eu havia programado para 2020 ficou inviável face aos transtornos da pandemia, resolvi suspender a produção desse livro e tocar o projeto “A arte do ilusionismo”, originalmente de menor escopo e mais simples. Só que, durante a primeira revisão, senti que a história estava tão boa e fluente, que resolvi seguir em frente e encorpar a história. Resultado: cheguei a 460 páginas de um bom romance (no meu entendimento), interessante, divertido, didático e com conteúdo. Metade do tempo do feitiço gastei com pesquisas em livros e na



internet. Uma verdadeira viagem no tempo; viagem essa que será replicada pelo leitor. Contando o período de concepção do cerne da obra, mais o processo de expansão e as horas gastas com revisão, acho que levei um ano e dois meses para entregar o produto final.

Conexão Literatura:
Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Gilmar Duarte Rocha: Esse livro não tem

muitos trechos digressivos e reflexivos como o meu livro anterior. Poderia destacar o início. Capítulo 1, parágrafo 1:

“Aquela não seria a primeira nem a última pessoa a ser encontrada morta boiando nas águas da bucólica lagoa Rodrigo de Freitas, na cidade do Rio de Janeiro, a capital federal do Brasil em 1910. Um detalhe, contudo, a morte daquela pessoa diferia da dos demais viventes que soçobraram naquelas águas plácidas, azuis e deprimidas: o corpo não flutuava nem em decúbito dorsal, nem de bruços, como é de praxe nesses casos. Sustinha-se surpreendentemente de pé, com corpo inteiro imerso, e o que

aparecia à tona e que chamou à atenção de um pescador matinal, era simplesmente o braço direito com a mão esticada para fora com os dedos tesos, coesos, em claro clamor de ajuda. Uma súplica, com efeito. Súplica de justiça; súplica de complacência; súplica de misericórdia; súplica de vida; súplica de vida após a morte? Quem sabia!”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Gilmar Duarte Rocha: O livro está previsto para ser lançado em outubro ou novembro deste ano e estará disponível nas melhores plataformas (Amazon, Google, Mercado Livre, Saraiva e Americanas, em forma física ou e-book). Quem quiser conhecer um pouco a nossa obra, poderá visitar o nosso site www.gilmarduarterochoa.com ou www.academiabrasiliense.com.br

Perguntas rápidas:

Um livro: O conde de Monte Cristo.

Um (a) autor (a): Gabriel Garcia Márquez

Um ator ou atriz: Wagner Moura

Um filme: O incrível exército de Brancaleone (L'armatta Biancaleone)

Um dia especial: literariamente, o dia do lançamento do primeiro livro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Gilmar Duarte Rocha: Gostaria de dizer uma palavra de carinho e incentivo às pessoas que gostam de ler e têm facilidade para escrever. Não percam tempo. Coloquem a sua ideia no papel e publiquem. Nunca foi tão fácil o acesso a editoras qualificadas e a periódicos de excelente qualidade como a Revista Conexão Literária.

O Brasil precisa muito de cultura e não podemos ficar parados, sob pena de desaparecermos no tempo como uma folha ao vento. Uma civilização se constrói com memória, história e muita cultura. Não tenham receio de publicar.



POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

LAL

Criada em 2015, tornou-se
uma das principais revistas
literárias do país

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com



ENTREVISTA COM O AUTOR

ISAEEL COSTA

POR ADEMIR PASCALE

Eu sou um autor brasileiro, nascido na Bahia, apaixonado por cultura em diversos segmentos, iniciei meu trabalho literário em Portugal. Sou membro de várias entidades culturais renomadas no Brasil e no exterior. Faço parte na história da literatura brasileira e lusitana, inclusive sendo agraciado por figurar entre os duzentos melhores poetas de países que falam a língua portuguesa. Sou um autor independente com serviços prestados a cultura brasileira nos segmentos: Poesias, Infantil, Infanto-Juvenil, Cinema, Música e Teatro.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

ISAEEL COSTA: Eu costumo dizer que este segmento entrar em minha vida de forma brilhante, ou talvez por um erro de percurso. Foi um início completamente inesperado, eu comecei a trabalhar muito cedo ainda criança aos seis anos de idade. Já aos 17 anos cursei mestre-de -obras. Daí eu poderia encolher outra profissão qualquer, mas curiosamente veia a mente algo que nunca teve relação com minha vida e com meu trabalho. Escrevi meu primeiro livro por diversão e assim eu sigo em frente, continuo criando histórias a me divertindo cada vez mais.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Entregador de Flores”. Poderia comentar?

ISAEEL COSTA: Para quem nunca viveu um grande amor e nunca ouviu uma linda história de superação, nesta obra fará uma leitura dinâmica, digna de reflexão. Uma história emocionante capaz de levar a uma prazerosa viagem recheada de belas poesias e muita emoção. O mundo está carente de empatia e amor ao próximo, o que não falta nesta história.

Não fique aí parado, quem ler mais refina o conhecimento e se habilita para um mundo de possibilidades. O Entregador de Flores aponta uma realidade absoluta, envolvendo amor e superação de forma

tão eloquente capaz de confundir ficção com realidade.

Conexão Literatura:
Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

ISAEEL COSTA: Na verdade eu nunca tive a curiosidade de fazer pesquisas. Não sou temático, não me preocupo com o que as pessoas pensam sobre mim ou sobre meu trabalho, por isso escrevo o que penso, o que eu gosto. O Entregador de Flores é mais um livro que contou com muita inspiração, sendo que eu a escrevi apenas numa noite aproveitando o frio intenso da madrugada estando eu em pleno inverno em Buenos Aires - Argentina.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

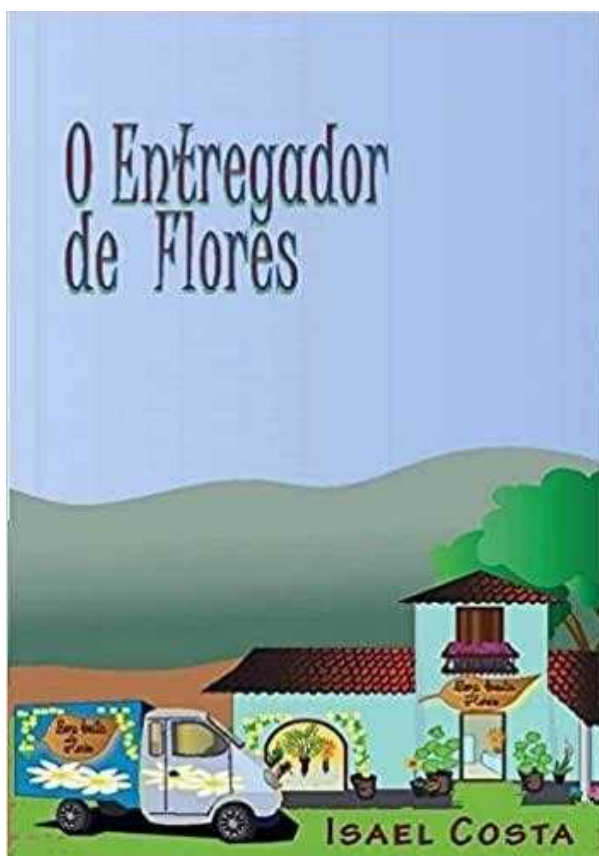
ISAEEL COSTA: Não há um trecho em especial, mas me emociona muito quando eu faço a narração de um sonho em que supostamente aparece a imagem de minha mãe, eu quis fazer esse pequeno trecho para homenageá-la já que ela não está mais aqui entre nós.

Também considero uma abordagem escrita de modo positivo, muito simples, muito direto e muito real para os dias atuais em que vivemos. Onde eu falo de amor, enfermidade, religião com boa dose de realismo e por fim, a história de Augusto e Indaiá, por si só já é uma lição de vida.

Conexão Literatura:
Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco

mais sobre você e o seu trabalho literário?

ISAEEL COSTA: Através da San Noon Arte e Cultura empresa da qual eu sou proprietário e fundador. Desenvolvemos projetos sociais direcionados aos jovens adolescentes, e principalmente para as crianças, um deles é o projeto: “Criando Poesias na Escola” Projeto que engloba cinema, dança, literatura, música e teatro. Apresentamos em escolas, creches, centros culturais, teatros e praças. Criamos ainda livros antológicos para alunos de escolas municipais por ondar esse projeto passar totalmente gratuito. Para aquisição desse e outros trabalhos de minha autoria seguem os likes.



<https://clubedeautores.com.br/livro/o-entregador-de-flores>
<https://www.sannoonartecultura.com/produto/entregador-de-flores/>

Perguntas rápidas:

Um livro: O Menino Maluquinho

Um (a) autor (a): Ziraldo

Um ator ou atriz: Ary Fontoura

Um filme: Titanic

Um dia especial: Dia das Crianças

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

ISRAEL COSTA: O homem é reflexo de seus próprios sonhos, cuja as realizações são consequências de seus atos. Não aceite interferências que destrua sua autoestima e suas convicções, você não faz o destino, mas é o principal responsável pelo sucesso em sua vida.

Ótima Leitura.



ENTREVISTA COM O AUTOR

JOÃO GOMES MOREIRA

POR ADEMIR PASCALE



O Autor - **João Gomes Moreira** lançou seu primeiro livro de poemas: Marcador do Tempo em 2007. As publicações no Blog cavernadeplatao o encorajaram a lançar a coletânea de contos: Na Baiuca de Longwood em 2010 (traduzido para língua inglesa em 2018). A projeção deste livro o levou à eleição para a Academia de Letras do Estado de Rondônia, onde está radicado. Posteriormente, foi a vez do romance O Vingador do Sangue, em 2016. Tem também artigos e trabalhos publicados e disponíveis na web, em destaque no CLFC, Revista Conexão Literatura, Revista Partes, etc. Nascido em 1967, é natural de Alto Piquiri, Paraná. Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados pelas Faculdades Hebraico-Brasileiras Renascença, São Paulo, em 1992.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

João Gomes Moreira: O gosto pela escrita começou na minha fase juvenil, entre amores, sonhos e descobertas. Cresci em São Paulo, na periferia e por meu temperamento introvertido, mergulhava em longas leituras por muito tempo. Daí, veio o desafio de passar de expectador para autor. Os primeiros versos tentavam imitar os poetas românticos e os clássicos. Com o tempo fui me desprendendo desta ambição e

construindo o meu próprio caminho e minha própria voz.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Jornadas no Espaço-Tempo. Antologia Poética”. Poderia comentar?

João Gomes Moreira: Este trabalho é uma seleção dos meus escritos poéticos desde meu primeiro ano de escrita – 1981 e segue até 2019. A seleção, na verdade, sempre ocorre no fazer escritural e entre os trabalhos prontos, vez ou outra ainda busco corrigir algum



verso ou substituir uma palavra...

Mexer no baú do João foi uma experiência nostálgica com momentos de encantamento e descobertas. Parte dos trabalhos (inéditos) são da era pré-Internet. (A.I. - 1995). A seleção que se iniciou em 2016 — e de maneira intermitente — seguiu até 2019; por volta de agosto de 2019 metade dos trabalhos foram eleitos para compor a Antologia Poética. O número total definido (101) e corresponde à terça parte dos trabalhos do escriba. Dividido em dez partes: Marcador do Tempo (1992); Verso & Reverso (1991); Linguaviagem (1989); A Fusão da Ilusão - I (1987); A Fusão da Ilusão -II(1987); De Uma Parte da Imaginação (1988); - Estudos em Rosa (2014/2015); Jornadas no Espaço-

Tempo (2016/2019); Cancioneiro Sagrado (1981/2019) e Estudos Difusos (2000/2019).

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

João Gomes Moreira: Bem, o trabalho do poeta é um trabalho em que é difícil precisar o momento exato do nascimento do poema. Do acontecimento. Mas, estes (101 poemas) foram elaborado durante 38 anos...

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

João Gomes Moreira: A busca e seleção teve como objetivo norteador trazer a lume um conjunto de poemas que retratam as viagens, os caminhos e vivências do autor ao desvelar estados de espírito, pensamentos e sentimentos. Um conjunto de textos que são verdadeiro corolário de sua mente inquiridora e dos pés inquietos... pés que não repousam enquanto não chegam ao porto seguro e alegremente valsam com a palavra escrita. Na física, espaço-tempo é o sistema de coordenadas utilizado como base para o estudo da relatividade restrita e relatividade geral. O tempo e o espaço tridimensional são concebidos, em conjunto, como uma única variedade de quatro dimensões a que se dá o nome de espaço-tempo. Um ponto, no espaço-

tempo, pode ser designado como um "acontecimento". Cada acontecimento tem quatro coordenadas (t, x, y, z); ou, em coordenadas angulares, t, r, θ , e φ que dizem o local e a hora em que ele ocorreu, ocorre ou ocorrerá. A arte lírica permite-nos sentir integrados, acolhidos, ela retrata todos os amores, e creio que não guarda temores; estes poemas, ofertam palavras que foram apontadas para ser libertas. Estes poemas fizeram o seu trabalho quando foram escritos, e repetem-no sempre que são lidos. Pensados de forma diferente, apesar de não mudarem o léxico; mas (o que é mais importante), onde o leitor se pode facilmente rever e identificar.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

João Gomes Moreira: o livro lançado em março/2020 tem capa, ilustrações e posfácio preparado pelo habilidoso ilustrador Sid Castro e se encontra disponível em duas versões (Ilustrada, impressa.) e (E-book) pré-lançamento no site: www.amazon.com.

Link:

https://www.amazon.com/dp/B089TXGQ26?ref_=pe_3052080_397514860.



Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

João Gomes Moreira: Sim! Agora estou trabalhando numa coleção de contos de ficção científica cujo nome ainda não foi definido.

Perguntas rápidas:

Um livro: Mensagem

Um (a) autor (a):

Fernando Pessoa.

Um ator ou atriz: Morgan Freeman

Um filme: Era uma vez no Oeste

Um dia especial: Dia do Lançamento Virtual de Jornadas no Espaço-Tempo. 20 de março. Em tempo de Pandemia...

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

João Gomes Moreira: Deixo aqui minha manifestação de apreço e carinho para com a Equipe da Revista Conexão Literatura e a todos os leitores do presente e do porvir! Neste tempo, mais do que nunca precisamos de boas leituras, boas narrativas, e resgatar o sublime na linguagem e na vida!

ENTREVISTA COM O AUTOR

JOSÉ M. S. FREIRE

POR ADEMIR PASCALE



José Maurílio de Souza Freire nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1956. Sempre gostou da literatura de ficção científica. Esse tipo de leitura influenciou suas escolhas acadêmicas: É bacharel em Ciências Físicas pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduado em Análise de Sistemas pela PUC-RJ. Também chegou a fazer dois anos de mestrado em Física Nuclear.

Trabalha como Tecnologista Sênior na Marinha do Brasil. Seu trabalho consiste em analisar a propagação do ruído irradiado pelos navios de guerra no ambiente marinho. Escrever relatórios técnicos o inspirou a criar esta série de ficção.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

José M. S. Freire: Tudo começou em uma noite fria e chuvosa de junho de 2012. Eu estava em casa, degustando um vinho chileno e assistindo a um documentário sobre antigas civilizações, e seus supostos contatos com os “Deuses-Astronautas”, quando, de repente, me ocorreu, segundo meus próprios conhecimentos de Física e minhas convicções a respeito do legado de seres alienígenas na Terra que, se realmente eles estiveram aqui, sua rota mais provável para superar as astronômicas distâncias entre seus

mundos e o nosso, só pode ter sido traçada através de portais interdimensionais, entre os quais os buracos negros e buracos de minhoca, previstos na Teoria da Relatividade. Mas, também, segundo os cientistas modernos, podem ser criados artificialmente com o emprego de sistemas de alta tecnologia.

A partir daí, eu fiquei imaginando se, assim como em certos sítios arqueológicos extremamente antigos, nos quais é aventada a existência desses portais no interior de templos ou formações de enormes megálitos, também na Floresta da Tijuca, onde eu costumava caminhar nos fins de semana, poderia haver algum indício da existência

dessas passagens, em suas grutas ou recantos mais recônditos. A partir desse pensamento, me veio a ideia de criar uma história para explorar esta possibilidade.

Conexão Literatura:
Você é autor do livro “Tamara Jong – A última flor do paraíso”. Poderia comentar?

José M. S. Freire: Neste quinto livro eu procuro explorar mais o lado mau das civilizações, quer sejam do nosso próprio mundo, ou de outros. O caso é que, segundo um filósofo indiano chamado Jiddu Krishnamurti, conforme os registros dos cinco mil anos de história escrita da humanidade, ocorreram, aproximadamente, 15 mil guerras e conflitos de toda sorte, motivados pelas mais diversas razões, muitas delas denominadas criminalmente como “motivos torpes”. Isto parece evidenciar certa inclinação para a maldade da maioria dos seres conscientes, a partir do ponto de sua evolução em que eles se veem no controle de armas e aparatos político-sociais falhos. Cedo ou tarde uma parcela de elementos inescrupulosos e mal-intencionados vai se valer disto para

dominar e explorar seus semelhantes, e até outras raças. Mas eu não quero, de forma alguma, entrar no mérito dessa questão delicada. Tenho certeza que os grandes filósofos Voltaire e Rousseau estão ainda discutindo sobre isso lá no Além. Mas, o certo é que, neste livro, Tamara Jong e seus companheiros se envolvem em situações que não têm nada a ver com a guerra contra as moneras, mas, sim, com ter que lutar para

livrar pessoas inocentes das garras de seres cruéis e exploradores.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

José M. S. Freire: Bem, na verdade minhas pesquisas, feitas antes de eu escrever o primeiro livro, “Tamara Jong: O Chamado de Úlion”, se resumiram em estudar um pouco sobre a Coreia do Sul, principalmente para conhecer nomes típicos e poder criar o nome dos parentes de Tamara. Também li algumas coisas sobre seu estágio de desenvolvimento científico e tecnológico. Mas nada que eu já não soubesse, tipo, eles são donos de grandes marcas de carros, telefonia



celular, televisores e eletrônicos em geral. Além de possuírem a banda larga mais rápida do mundo. Quanto ao tempo de escrita, levei um ano, aproximadamente, para escrever cada livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em Tamara Jong – A última flor do paraíso?

José M. S. Freire: Um dos trechos que eu acho mais legais do livro é aquele em que Vítor tenta convencer uma menina a deixar a vida que ela leva nas ruas de uma cidade uliana e ir morar num lugar onde ela possa viver segura e feliz. Parte do diálogo entre os dois é este:

– Minha mãe me jogou nas ruas ainda pequena, Vítor – disse Luar, sem demonstrar qualquer emoção por fazer esta triste revelação – Eu me tornei um estorvo para ela depois que meu pai foi embora. Um dia, Ziro pousou sua nave no meu planeta e foi direto ao lugar onde eu e outras meninas ficávamos. Ele nos prometeu uma vida melhor aqui em Úlion, onde, segundo ele, nós teríamos um trabalho honesto e digno. Eu sabia que era mentira, mas vim assim mesmo. Tudo que eu queria na vida era sair do meu planeta para nunca mais ver a minha mãe.

– Lamento saber disso, Luar – disse o terráqueo – mas não deixe as mágoas do passado destruírem seu futuro. A vida é dura em toda parte, mas, ainda assim, é

tudo que temos, e nós devemos lutar por ela.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

José M. S. Freire: Bem, o livro está à venda na Amazon e na Cultura, por enquanto só em e-book. Quanto a saber mais de mim e do meu trabalho, infelizmente eu ainda não tive tempo de criar um site ou blog para receber os comentários dos leitores. Mas eu devo me aposentar em breve e, entre meus projetos, está a criação de uma página própria para interagir com meus leitores. De qualquer modo, quem quiser me adicionar no facebook, tudo bem.

Conexão Literatura: Tamara Jong terá mais um livro?

José M. S. Freire: Sim, com certeza! Estou começando a escrever o sexto livro, mas ainda não decidi se ele será o último.

De repente, se a saga começar a ter boa aceitação entre os apreciadores do gênero, eu poderei escrever mais alguns volumes.

Perguntas rápidas:

Um livro: A História do Cerco de Lisboa
Um (a) autor (a): José Saramago

Um ator ou atriz: Alice Braga e Wagner Moura, pela brilhante atuação no filme Elysium.

Um filme: Elysium

Um dia especial: O dia em que nasci (por motivos óbvios, rsrs...).

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

José M. S. Freire: Sim, gostaria de agradecer à revista Conexão Literatura por me conceder esta oportunidade (mais

uma) de falar sobre o meu mais recente trabalho, que segue firme e forte, prometendo ainda muitos momentos de prazer aos que o acompanham, com a leitura das incríveis aventuras de minha intrépida heroína.

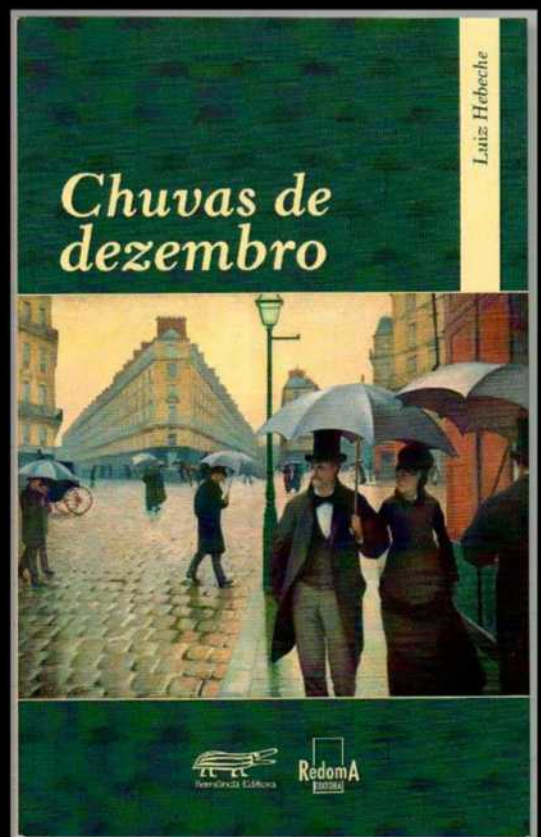
Também gostaria de agradecer particularmente ao editor Ademir Pascale, e seus colaboradores, pelo excelente trabalho que fizeram na editoração, na elaboração da capa e na publicação deste e-book nos sites da Amazon e da Kobo.





Memória e Desejo, de Luiz Hebeche
Saiba mais: [clique aqui](#)

Chuvas de Dezembro, de Luiz Hebeche
Saiba mais: [clique aqui](#)



ENTREVISTA COM O AUTOR ISAAC RAMOS

POR JOSÉ FLÁVIO DA PAZ



ISAAC RAMOS: POESIAS, PESQUISAS E TENDÊNCIAS

O poeta e escritor amazonense radicado no estado do Mato Grosso, Isaac Newton Almeida Ramos, concedeu esta entrevista e falou um pouco acerca do seu percurso pessoal, profissional e literário, além da sua acentuada tendência para a poesia erótica e seus projetos de pesquisa e escrita para o próximo semestre.

Vale a pena conferir!

Entrevista

José Flávio da Paz (JFP) - Poderia nos contar como foi o seu ingresso no meio literário e, conseqüentemente na Academia de Letras do Brasil-ALB Secção Amazonas?

ISAAC RAMOS (IR): Comecei a escrever poemas quando tinha entre 13 e 14 anos. Na época, chamava de escritos. Demorei pelo menos uma década para me assumir como poeta. Entrei na ALB logo que publiquei Teias e Teares (2014). Estava em Manaus, um dos meus endereços. E fui convidado para ingressar nessa Academia. Pouco tempo depois ingressei em uma associação de escritores, também de lá, denominada ABEPPA. Recebi outros convites. Mas, parei por aí.

JFP - Além de escritor, pesquisador e poeta, você é professor universitário, certo? Quando e como se deu a sua formação, o seu ingresso no magistério e nesse nível de ensino?

IR: Correto. Entrei no curso de Letras, em 1984, na Universidade Federal do Mato do Grosso do Sul-UFMS, Campus de Aquidauana-MS. Em 1992, entrei em uma especialização de Literatura e o ensino de Literatura, na Universidade Estadual Paulista-UNESP, Campus de Assis. Pouco tempo depois, fui lecionar em Alto Araguaia, na Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, no curso de Letras. Trabalhei um ano como professor contratado. Voltei em 1998. Dessa feita como professor concursado.

Fiz Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo-USP, entre 2000 e 2002. Doutorado, na mesma área, fui fazer somente em 2007. Concluí em 2011. Somente em 2018, depois de vários convites de colegas, resolvi entrar no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEL da UNEMAT, tendo em vista a escassez de orientadores na área de lírica. Atualmente, atendo 6 (seis) orientandos do Mestrado. Cinco na área de lírica. Uma orientação na prosa curta.

JFP - Quais dicas você daria aos escritores e aos poetas que anseiam iniciar-se na carreira ou desejam ingressar no cenário literário?

IR: Leiam bastante. Escrevam e reescrevam. Peçam para alguém mais experiente ler e atente para as dicas. Publique, pelo menos, nas redes sociais. Após ser lido, curtido, comentado e compartilhado bastante, procure publicar seu livro impresso. Guarde dinheiro para isso. Infelizmente, não é barato.

JFP - Quantos títulos já publicou e em quantas antologias já participou antes das suas publicações individuais?

IR: Publiquei 4 livros de poemas individuais: Reflexões (1983), Astro por rastro (1988), Festa de Letras (1997), Teias e teares (2014). Participei de uma coletânea, organizada pelo MEI



(Movimento dos Escritores Independentes) de Mato Grosso do Sul (1984). Tenho publicado vários capítulos, em livros de estudos literários. Fui coorganizador de um, *Ensaio de Literatura Comparada* (2004), com Agnaldo Rodrigues. Meu primeiro individual de crítica e análise literária foi: *A metáfora do olhar: Alberto Caetano e Manoel de Barros* (2018).

JFP - Qual a importância do envolvimento com movimentos literários na/para a projeção dos escritores e dos poetas, em especial?

IR: A literatura é dinâmica. Não se pode mais ficar circunscrito em guetos literários. Hoje em dia, há inúmeros

grupos literários, nas redes sociais. Em alguns deles, você certamente se sentirá bem. E há as revistas literárias *online*, sejam elas acadêmicas ou não.

JFP - Qual a sua visão do mercado editorial em relação ao grande crescimento da produção e venda de livros digitais? Você possui algum projeto nesse sentido?

IR: O mercado editorial evoluiu muito. Atualmente, quem não tem como bancar publicações individuais, uma alternativa é buscar editais literários ou participar de coletâneas literárias. Estas últimas, geralmente, costumam abarcar quem pode pagar a cota exigida pelo organizador. Na maioria das vezes, vêm camuflada como se fosse um concurso literário.

Particularmente, não me apetece. A menos que eu tenha uma afinidade estética e/ou ideológica com os participantes. Caso contrário, prefiro publicar em minhas páginas pessoais do Facebook, Instagram, status e grupos afins do *whatsapp*. Quanto a livros digitais, estou como coorganizador, juntamente com a Profa. Dra. Walnice Aparecida Matos Vilalva, atual Coordenadora do PPGEL/UNEMAT, de uma publicação na versão e-book, abordando autores da literatura brasileira produzida em Mato Grosso. E à frente da organização de outro. Este também terá versão impressa. O provável título dele: *Leituras da lírica: crítica e análise*

literária. Deverá sair no segundo semestre de 2020, pela editora Carlini e Caniato.

Há 18 participantes confirmados, entre professores, egressos e pós-graduandos do PPGEL, alguns de outras instituições.

Será uma importante publicação especializada no estudo de poemas, não apenas nacionais como internacionais.

JFP - "Teias e teares"(2014) foi o seu último livro publicado. Além deste citado, "Reflexões" (1984) e "Festa de Letras" (1997) estão disponíveis na versão e-book ou apenas impressa? Comente.

IR: Todos esses apenas na versão impressa. Os próximos projetos, alguns deles, preveem versão e-book (cf. comentado anteriormente).

JFP - Qual a temática central das suas obras e por que esta escolha?

IR: Meus poemas costumam se originar de diálogos literários (postagens de outros autores), poemas metalinguísticos (relações metafóricas sobre o processo de escrita), poemas eróticos, poemas-homenagem e alguns de cunho social.

JFP - Por que a escolha pelo gênero poesia?

IR: Eu costumo dizer que penso em versos. O gênero lírico é completo. Os

outros procuram incorporar características dele.

JFP – Na sua opinião e experiência, por que ler poesia na contemporaneidade?

IR: Bem, porque ela costuma ser mais elaborada. Em função disso, exige mais do leitor. Desde a antiguidade até o começo do século 19, ela foi soberana. Está na hora de voltar a ter o espaço e a atenção devida do leitor.

JFP - Quais foram suas bases teóricas norteadoras nessa trajetória, enquanto leitor de poesia e poeta?

IR: Minhas leituras preferidas: Mallarmé, Pound, Poe, Fernando Pessoa, Cesário Verde, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros e, nos últimos anos, os poetas intensivistas de Mato Grosso, como Wladimir Dias-Pino e Silva Freire, os paulistas Haroldo de Campos e Augusto de Campos, o português E. M. Melo e Castro e Ana Hatherly.

JFP - Por que e para quem você indicaria os livros da sua autoria?

IR: Modestamente, eu indicaria os de poemas não somente para os que gostam do gênero lírico, assim como aquele curioso. Ele poderá se surpreender. Os textos acadêmicos, publicados em revistas e livros afins, para estudantes do



segundo e terceiro graus, assim como os de pós-graduação.

JFP – Críticos literários e pesquisadores têm lhe apresentado, enquanto poeta do gênero erótico. Você reafirma esta condição? O que tem de erótico e/ou pornográfico na sua poesia?

IR: Os poemas eróticos estão entre meus preferidos. Principalmente quando misturo metalinguagem, sabor do vinho e alguns diálogos entretidos com poéticas afins.

JFP - Poderia destacar um poema, em especial do seu livro "Teias e

teares" (2014) para os leitores e leitoras da revista Conexão Literatura?

IR: Gosto muito de “Dedos no vinho”. Destaco os últimos versos: “a poesia se inebria/ De um tinto desejo de vinho”. Um prazer especial tive em “A morte da lírica”. Idem os versos finais: “Não esperem o Dia dos Finados para me reverenciar/ A lírica morreu, mas ressuscita na próxima leitura”.

JFP - Como o leitor e/ou a leitora interessados deverão proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário, acadêmico e científico?

IR: Os dois últimos passarão a ser vendidos, em breve, pelo site da editora Carlini e Caniato. Para conhecer meus trabalhos mais recentes, podem acessar minha página do Facebook: Isaac Ramos. Todos os poemas, deixo-os público. São

mesmo para serem lidos, comentados e compartilhados. Para conhecerem meus trabalhos acadêmicos, basta dar uma olhada no meu currículo Lattes. Depois procurar nas revistas especializadas, que disponibilizam os textos online.

JFP - Existem novos projetos em pauta de produção literária? O que podemos esperar?

IR: Sim. Quanto aos inéditos, tenho uma coleção de 4 volumes de poemas, no prelo, denominada *(Con)sequência lírica*. Já era para ter saído pelo menos dois pequenos volumes. Outra publicação é na área acadêmica. Deverá advir da minha tese de doutorado, concluída em 2011, em que trato de poética visual, abordando Wladimir Dias-Pino, Silva Freire, em comparação com os poetas concretos paulistas: Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari. Deverá ter uma versão e-book. Por ora, só isso.

José Flávio da Paz é doutorando em Estudos Literários-Universidade do Estado de Mato Grosso-PPGEL/UNEMAT; Mestre em Letras-Universidade de Marília-UNIMAR; Mestre em Estudos Literários-Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Bacharel em Letras: Libras-UFSC; Habilitado para o Ensino de Língua Portuguesa-UNIFAP; Especialista em: Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas-UnB; Psicopedagogia Institucional-UNICID; Educação Inclusiva-UNICID; Língua Portuguesa e Literatura Brasileira-FAIARA;; Linguística e Formação de Leitores-FAIARA; Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes-Faculdade Futura; Alfabetização e Letramento-UCAM; Cultura e Literatura-UCAM; Produção Textual-FAVENI. Membro/Pesquisador no GP em Crítica Textual e Edição de Textos - UERJ/CNPq. No GP Ética, Estética e Filosofia da Literatura - UNIR/CNPq e Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil -UNIR/CNPq. É Professor do Magistério Superior lotado no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-DALV/UNIR. Bolsista do Novo Prodoutoral da CAPES.

ENTREVISTA COM O AUTOR NAICAN COSTA ESCOBAR

POR ADEMIR PASCALE



Naican Costa Escobar nasceu numa manhã do dia 30 de maio de 2000 no interior do Rio Grande do Sul no Município de Cruz Alta. Signo de Gêmeos, Autor do livro *um olhar a saúde mental*. Filho de Elisângela Pereira costa e neto de Ernestina Rangel Pereira e Elio Pereira Costa. Naican é Terapeuta por formação e Escritor de coração incentivador de trabalhos voluntários como Atuante da ONU e do CVV.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Naican Costa Escobar: Minhas primeiras experiências com leitura e escrita foram em casa. Aprendi a ler relativamente cedo, aos 6 anos, vendo minha mãe ensinar minha irmã mais velha. Cedo também foi meu contato com a leitura, os livros e a literatura. Minha mãe, e avós, compravam livros diversos. E nós líamos tudo. Sou um Jovem que tem assinatura de revistas e jornais meus amigos me acham muito clássico mas a questão não é ser clássico e sim saborear o lado bom da leitura. Aos dezoito anos já tinha lido muitos clássicos da literatura brasileira e estrangeira. Até meio incompreensíveis para mim. *Memórias do*

Cárcere, do Graça; *Culpa das Estrelas*, do John Green; *Memórias Póstumas de Brás Cubas* do Machado de Assis. Aliás, esse último releio de quando em quando, pois sempre acho que não dei conta.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Encontrar em Si”. Poderia comentar?

Naican Costa Escobar: Então Gosto muito de ajudar as pessoas e ultimamente todos nós estamos cansados de alguma coisa e sempre falo que para estarmos bem devemos nos encontrar pois quando nos encontramos em si , ficamos em equilíbrio com a vida e de bem conosco mesmo é a mesma situação de quando falo que a tristeza precisa estar em equilíbrio com a felicidade nem sempre

vamos estar felizes e nem sempre tristes e está tudo bem ser assim no Livro o Encontrar em si trata de uma conversa muito boa e reflexiva sobre muitos aspectos da vida e de ações nela para um bem estar melhor como a Gratidão, Empatia como sair de uma crise e da Depressão ,de sentimentos, emoções e a busca de nossos sonhos. também abordo sobre a importância de estar em conexão com a natureza e apreciar cada momento da vida com reflexões e dicas muito importantes para o Equilíbrio emocional e racional .

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Naican Costa Escobar: As Pesquisas foram pela Experiência em cuidar do bem estar das pessoas como terapeuta em saúde mental aplicando uma Essência literária e Reflexiva e até mesmo praticando algumas ferramentas que beneficiam a todos como meditação, Yoga, Barras de Acces

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Naican Costa Escobar: Um dos trechos especiais é “Escolha seu caminho primeiro, aprecie em seguida “
Posso estar sendo repetitivo, mas o ser humano adora ser levado pelos



acontecimentos. Quem não me deixa mentir é o Zeca Pagodinho, que faz o maior sucesso com sua música: “deixa a vida me levar, vida leva eu!” A multidão canta a plenos pulmões, sem Perceber que a vida não tem que te levar, não! Você que tem que decidir o teu rumo.

Por ter esta convicção sempre digo e repito esta frase: “para quem não sabe aonde quer ir, qualquer caminho serve”. Quem leva a vida desta forma tende a girar em círculos, e nunca ter progressos significativos. Fica esperando um vento levar o seu “barco da vida”, sem perceber que ele tem remos e você, braços. E se for mais atento, verá que tem até motorzinho na popa, pronto para te levar na direção que escolher.

Portanto, defina o que quer em todos os aspectos: afetivo, profissional, financeiro e não desista dos seus sonhos.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Naican Costa Escobar: O livro está disponível em Formato E-book e Livro Impresso em diversas Lojas online tais como Amazon, Agebook, Livrorama, Kobo e também no clube de autores para o leitor me encontrar e saber mais um pouco do meu trabalho literário pode me acompanhar pelas redes sociais como instagram @naican.escobar ou @naicanescobarterapeuta e pelo facebook Naican Escobar

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Naican Costa Escobar: Sim, o próximo projeto será um romance jovem com viés de superação, Uma jovem tímida se esconde em seu próprio mundo depois

que sua melhor amiga se suicida. Até conhecer dois Amigos Emma e James e um futuro Amor Noah que a ajudam a viver novas experiências. Embora esteja feliz nessa nova fase, ela não esquece as tristezas do passado, que têm origem a morte da melhor amiga.

Perguntas rápidas:

Um livro: Culpa das Estrelas

Um (a) autor (a): John Green

Um ator ou atriz: Logan Lerman

Um filme: As vantagens de ser invisível

Um dia especial: Quando publiquei meu primeiro livro chamado “Um olhar a Saúde Mental” no ano de 2019 onde mais de mil pessoas tiveram lendo-o pelo kindle

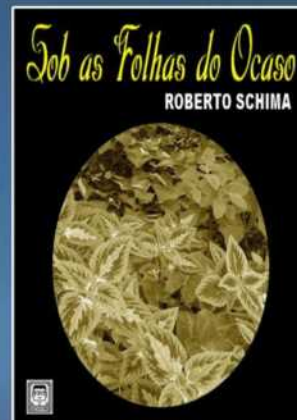
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Naican Costa Escobar: Gostaria de encerrar falando para os leitores que não desistam dos seus sonhos por mais que pareçam impossível, eu sempre falo que “depois da tempestade sempre vem um dia belo” acreditem em vocês e concretizem seus sonhos.



Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

**PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES**



ENTREVISTA COM O AUTOR PLÍNIO MARCOS BASÍLIO GARCIA

POR ADEMIR PASCALE

É autor de poemas e romances, sendo que o primeiro livro foi o romance “Flores aos ventos”, o segundo livro foi “Irmãos em todos os tempos” o terceiro foi “Pacto de Inocência”. Participou do primeiro e segundo Prêmio Guarulhos de Literatura em 2017, com o livro Senhora Nuvem e a Criatura sem História e Irmãos em todos os tempos, 2018. Fez parte dos autores das Coletâneas Pelas periferias do Brasil, vol. 06 e Antologia Meus poemas, vol. 06, 07, 08. Ed. Beco dos poetas. Coletânea Raízes Nordestinas.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Plínio Marcos Basílio Garcia: Deu-se em meio a uma duvida tremenda para poder escolher um dos livros para ser publicado. Enfim, escolhi Flores aos ventos que foi lançado em 2014 durante a bienal.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Pacto de Inocência”. Poderia comentar?

Plínio Marcos Basílio Garcia: Esse livro foi escrito antes de Flores aos ventos. Ele é interessante por apresentar na ficção algumas passagens muito comuns do dia a dia. Exemplo, a decepção com e perda

de amores e amizades; vida de andarilho e a velhice sem ninguém...

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Plínio Marcos Basílio Garcia: Trabalho em um hospital e sou o ouvinte de muitos dos meus pacientes que contam suas vidas em detalhes. Dessa forma envolvido por diversos personagens reais montei essa estória.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Plínio Marcos Basílio Garcia: Essa minha doidice é tão real quanto desenhos

animados da televisão, leva-me a um fio de pensamento que me arrepia de ponta a ponta!

Sou tão cruel, quanto são os outros que lutam por suas metas. Meu escape é a realidade do vício, sem que eu precise machucar as pessoas, seja de que forma for. Então, perco o rumo de meus objetivos, fico com meu novo amigo pulguento que me segue. Coitado, se soubesse o quanto estou perdido, fugiria sem pensar.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Plínio Marcos Basílio Garcia: O livro está disponível no site da Editora Viseu, no site da Amazon, Lojas Americanas, site Submarino e Shoptime

Perguntas rápidas:

Um livro: Grande Sertão: Veredas

Um (a) autor (a): João Guimarães Rosa

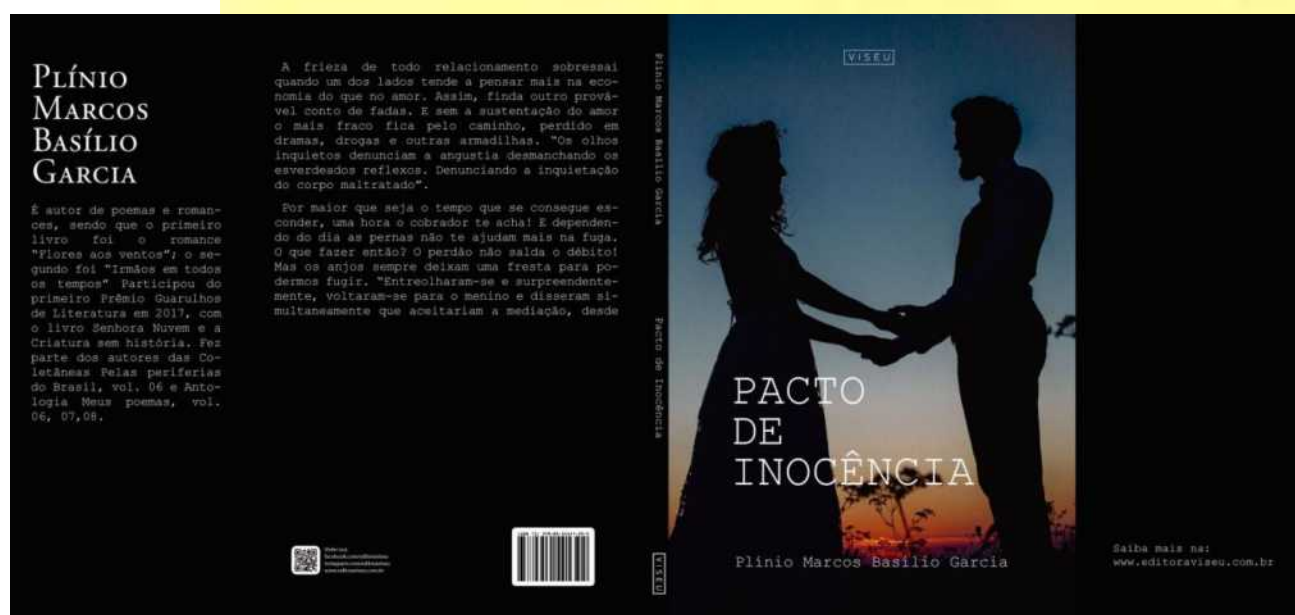
Um ator ou atriz: Mazaropi

Um filme: A vida de Brian

Um dia especial: 10 de setembro de 2016

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Plínio Marcos Basílio Garcia: “Todos os dias vivemos e testemunhamos novas estórias”.



ENTREVISTA COM A AUTORA SIRLEY PETRELI TAROSSO

POR ADEMIR PASCALE



A autora é formada em Filosofia. Lecionou Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade. É casada, tem três filhos abençoados e quatro netas que são tesouros. Considera-se uma pessoa ditosa. . Escreveu em vários anuários estudantis, quando acadêmica.

Escreveu dois livros intitulados Mulheres Direitas, Mulheres Avessas e Dom ou Maldição? A venda pelo site das livrariascuritiba.com

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Sirley Petreli Tarosso: Na verdade, nasceu por acaso. Eu vejo o descabro em que vivem certas mulheres esperando a chancela dos companheiros para fazer qualquer coisa, em detrimento de suas personalidades. Então decidi pôr no papel ou na Internet meu libelo. Na trama há uma história central sobre uma família de descendentes de italianos, que atravessa três gerações.

O segundo já estava na minha cabeça há tempos. Fala sobre mulheres também, mas com outra abordagem. É a história de três mulheres vivendo em épocas distintas e conturbadas de nosso planeta: a Inquisição Espanhola, a Revolução Francesa e o Holocausto. Contudo, elas

possuem o mesmo tipo físico e têm o dom da cura, fatos que geram muitas atribuições para elas, dadas às circunstâncias e podem sugerir reencarnação, mas depende da ótica do leitor. Na trama há também muito romance picante.

Conexão Literatura: Você é autora dos livros “Dom ou Maldição e Mulheres direitas – Mulheres avessas”. Poderia comentar?

Sirley Petreli Tarosso: Já comentado acima.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?

Sirley Petreli Tarosso: O primeiro eu levei um ano para escrever; o segundo

em apenas três meses estava pronto. As ideias atropelavam-se na minha cabeça. Foi gratificante.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seus livros?

Sirley Petreli Tarosso: No primeiro é quando eu me refiro ao aborto e nas mulheres cuja submissão não deu certo. Ou seria submissão? No segundo é quando as mulheres ficam frustradas quando não conseguem curar um enfermo, porque ele necessita ter merecimento para ser curado. E no perigo iminente que as ronda.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Sirley Petreli Tarosso: Eu já disse, mas reitero aqui: para adquirir façam pelo site das livrariascuritiba.com

Meus livros são minha paixão, meus filhos. Então o que posso dizer? Leiam e depois me deem feedback, por favor.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sirley Petreli Tarosso: Sim. Estou escrevendo sobre um padre que pecou contra a castidade e engravidou uma moça, oferecendo-se para pagar o aborto.

Apenas me baseei no livro de Eça de Queirós: O Crime do Padre Amaro. Não é plágio, por Deus.

Perguntas rápidas:

Um livro: Olhai os Lírios do Campo.

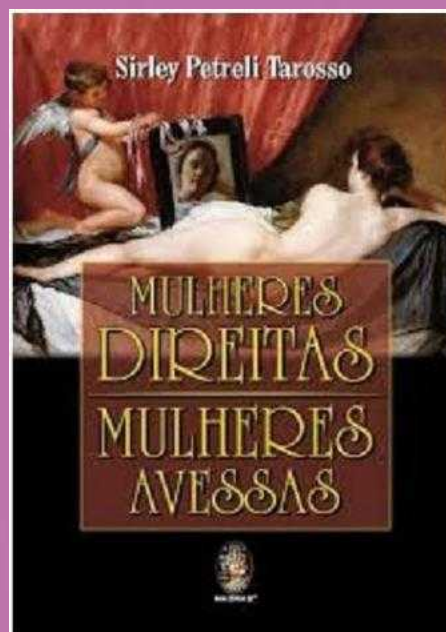
Um (a) autor (a): Érico Veríssimo.

Um ator ou atriz: Richard Gere.

Um filme: O Poderoso Chefão (I II e III)

Um dia especial: O dia em que me casei.

Meu marido é meu amado e companheiro.



QUADRINHOS

UM DIA NA VIDA DE POE

POR SANDRO ZAMBI E ADEMIR PASCALE

UM DIA NA VIDA DE POE



acesse e curta: www.facebook.com/poesclub
www.edgarallanpoe.com.br



AMORES

POR MÍRIAM SANTIAGO

Conto

Era uma vez seis amigos... esse início está bem antigo, já não se começa mais histórias desta maneira, mas o que tenho a contar também não é novo, é sobre seis amigos que se conheceram em meados dos anos 80, quando cursavam o ensino médio, mas que na época, chamava-se colegial. E esse grupo aos poucos foi tendo simpatia por conta de trabalhos escolares, da proximidade de ideias e projetos de futuro, do sentimento e olhar para com o mundo e disso tudo surgiu uma grande amizade.

Os jovens — Jonas, Tânia, Robson, Milene, Jorge e Laura — esperavam crescer profissionalmente, ter um bom

emprego, conhecer o amor verdadeiro, casar, enfim, sentimentos e desejos que todos os seres humanos anseiam para suas vidas. Os amigos tinham entre 20 e 22 anos, época da Ditadura militar ou Quinta República Brasileira, tempos em que até “respirar de forma diferente” era motivo de averiguação, dependendo da situação. Mas esse episódio será visto em outra oportunidade, não nessa.

A escola em questão era estadual no bairro Jardim da Saúde, na capital paulista, ensino que seguia conforme as regras educacionais da ocasião, sem visão da real situação do período.

— Quem vai querer ir à festinha do Felício? — Pergunta Jonas aos amigos,

convidando-os com grande sorriso e olhar ansioso.

— E foi unânime a resposta de que iriam se divertir na casa do outro colega, que estaria promovendo um bailinho de garagem com vários discos LPs tocados na vitrola.

Bebida vai e vem e Jonas tomou um copo cheio e puxou Tânia pelo braço, tirando-a de uma conversa intrigante com Robson. Jonas então não desgrudou mais da amiga, dançando com ela todas as sessões de músicas lentas, as quais a segurou bem juntinho de seu corpo, dançando coladinho.

Tânia, que também bebera além da conta, foi se levando aos encantos do jovem, que a conduzia com delicadeza várias músicas que ela amava. E Jonas, que estava perdidamente apaixonado por ela, não se conteve em segurar-lhe o rosto e dar-lhe o maior beijo. Para ele, o tempo parou, não existia mais ninguém na pista de dança apenas os dois. Tânia não o empurrou retribuindo o carinho.

Após o baile Jonas fez questão de levar Tânia para casa, era o momento em que a pediria em namoro, mas chegando a casa da moça, o futuro romance imaginado por ele caiu abaixo, pois a moça disse-lhe que ao beijá-lo era a imagem de Robson que estava em sua mente, pondo em terra toda a paixão do amigo. E Jonas, mesmo arrasado, não sentiu raiva, encorajando Tânia a falar com Robson.

E não deu outra, aproveitando o momento do intervalo das aulas, quando os amigos estavam no pátio da escola, o grupinho animado foi logo falando do beijo e do que aconteceu após o baile.

— Não houve nada, responde Tânia, olhando e acalmando os ânimos de todos a sua volta. O Jonas me levou para casa e eu expliquei que não sentia nada por ele,

que meu coração já tinha outro dono. — dizia ela, olhando para o rosto de Robson.

E todos entenderam e gritaram ao mesmo tempo, pois eram muito íntimos os seis e não havia segredos entre eles.

Mas Robson, vermelho e sem graça, não teve muito tato. “Tânia, eu adoro você do fundo do meu coração, e como sou sincero, não quero que perca tempo comigo, pois meu coração pertence a outra pessoa”, disse-lhe.

E as palavras ecoaram sem parar na mente de Tânia, que foi murchando o sorriso, assim como uma flor quando fica desidratada e começa a enrugar. Tânia ficou vermelha e faltava-lhe ar, pois o coração batia forte com muita dor. Sua reação preocupou os amigos, já que deixara a rodinha de conversa e saiu correndo conseguindo até sair do colégio. Ela chorava tão alto que foi difícil não perceber a situação.

Chateados, os amigos após o término das aulas procuraram-na em sua casa, mas ela não atendeu ninguém.

— Poxa Robson, precisava ser tão direto assim, você não tem tato algum, diz Laura, com reforço do Jorge, que também não aprovou o modo como ele tratou o assunto.

Tânia faltou uma semana, trancada em casa doente. A paixão não correspondida a levou ao estresse, mas por amizade, o próprio Robson conseguiu levá-la ao colégio novamente.

Robson já não aguentava mais o silêncio e resolveu abrir seu coração à Milene. Aproveitando o momento de uma festa beneficente para arrecadar fundos para a Campanha do Agasalho, a escola promoveu quermesse para brindar o mês de junho. E foi muito bom para ele, pois convidou Milene para seu par na

Quadrilha. E também o fez Jorge, que estava apaixonado por Laura, convidando-a para seu par. Já os outros quatro não compareceram ao evento.

Os rapazes combinaram entre si que brindariam o término da festa com o convite do namoro, e assim o fizeram. Porém, a ideia não deu nada certo.

— Robson, diz Milene, estou sem graça, eu não esperava esse convite. Nossa amizade pode ser duradoura, pois você é muito querido para mim, mas não posso aceitar porque meu coração vibra por outra pessoa, eu gosto do Jorge há tempo, diz a moça.

— Não percebi, me sinto ridículo, responde o rapaz. Não vou mais importuná-la, vamos embora, a levarei para casa, já que fui buscá-la, disse. E Robson passou o caminho todo sem dizer uma só palavra, emudeceu e sua fisionomia murchou na mais profunda tristeza. Beijou o rosto da amiga ao deixá-la no portão, acenou para a mãe que a esperava na varanda e sumiu num piscar de olhos.

Jorge também fez o convite do namoro à Laura, passando pelo mesmo problema, só que a jovem argumentou não ter interesse por ninguém, queria apenas pegar firme nos estudos para conseguir boa pontuação na Universidade de São Paulo (USP), tentaria uma vaga para Medicina.

E os meses passaram-se arrastados para os amigos. Jonas amava Tânia que amava Robson que amava Milene que amava Jorge que amava Laura que não amava ninguém. Difícil você conviver com alguém sentir o mais profundo dos sentimentos e não ser correspondido!

A amizade entre eles nem preciso dizer que foi minguando a cada dia até terminar de vez logo após a conclusão do

ensino médio, e nenhum deles participou da festa de formatura.

Laura tentou resgatar a convivência de todos aqueles anos, mas em vão. O grupo já não existia mais, se dissipou ao vento levando mágoas e decepções, deixando as boas lembranças.

Entre amores e dissabores a vida prossegue mesmo com o sentimento de que nada mais vale a pena, de que perdeu tudo e ficou somente um vazio no peito de um coração partido.

E para você querido leitor, que deve estar curioso em saber como terminou a história, Jonas, que na Ditadura Militar sofreu várias vezes repressão por “rebeldia”, se formou em Direito para defender-se na ocasião. Bem sucedido, construiu um prédio com várias salas de advocacia, tornando-se além de grande advogado, um administrador de sucesso. Tânia, que durante anos sofreu decepção amorosa, foi para um convento e próximo dos votos, desistiu, entrando para a Marinha. Mesmo sem vocação, prosseguiu nas Forças Armadas até se aposentar.

Robson fechou seu coração para sempre. Tornou-se modelo fotográfico e conheceu muitas mulheres, casando-se e descasando-se tantas vezes que perdeu as contas, permanecendo com o coração solitário.

Milene, que naquela época “vivia nas nuvens”, abraçou a ideia, e a profissão de comissária de bordo a levou para lugares maravilhosos, a conhecer culturas ricas e pratos sofisticados.

Jorge não progrediu profissionalmente como os amigos, muito pelo contrário, o amor não correspondido o levou para o alcoolismo. Por insistência da mãe, os anos decadentes no vício transformaram-se em esperança após frequentar o

Grupo: Alcoólicos Anônimos, que lentamente conseguiu resgatar todo o tempo perdido.

Laura, a única do grupo que não amava ninguém conseguiu passar na Fuvest tornando-se médica. E entre um plantão aqui e outro ali, ela me conheceu.

— Muito prazer! Eu sou o Marcelo Diniz Buarque, o marido da Laura, que não tinha entrado na história, eu não fazia parte do grupo. Nos conhecemos num quarto de hospital, amor à primeira vista. E tal como um romance, o amor está sempre em evidência, síntese da vida, da minha vida, da vida de todos!

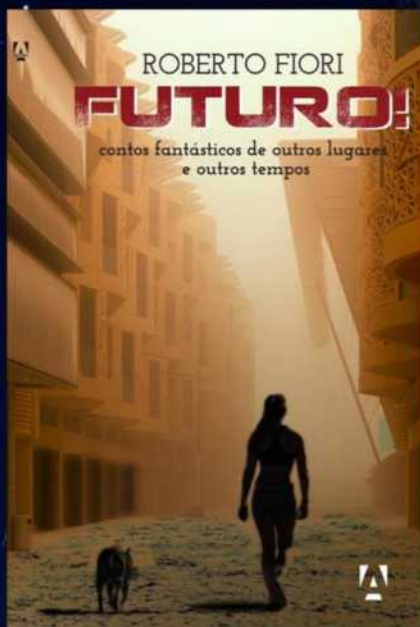
*O conto homenageia o poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade, um dos meus favoritos, publicado em 1930, na sua primeira obra *Alguma Poesia*. Trata-se de narrativa que fala sobre as dificuldades e os desencontros do sentimento amoroso. Também a composição com o título *Quadrilha* parece fazer referência à dança europeia com o mesmo nome que virou tradição nas festas juninas brasileiras.*

Quadrilha: João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili, que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.

Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

O MUNDO DE JUCA GALLO DE ALBUQUERQUE

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

O mundo era cruel.
Poetas discordariam.
Psicólogos analisariam.
A maioria sequer ligaria.
Mas havia uma unanimidade:
O sujeito era tão feio que doía.
Sim, era uma realidade dita,
apontada e zombada.

Que Juca Gallo de Albuquerque era esquisito, disso ninguém duvidava. Nem o próprio, que, na escola e pela vizinhança, guardara com resignado silêncio o drama de não ter sido contemplado pela genética ou pelo Criador com um rosto e um corpo que combinasse com seu espírito ansioso por dar e receber. A vida era uma roleta russa

e Juca Gallo não tirara a sorte grande no puxar do gatilho.

Quantos apelidos colecionara ao longo de seus trinta e sete anos? Ele não saberia dizer.

Tartaruga.

Coisa Linda.

Lesma Bexiguenta.

Eram apenas algumas amostras de uma lista extensa da qual se recordava, por mais que desejasse esquecer. E nem os piores eram.

Por um bom tempo, na época de garoto, fizeram um trocadilho de Juca Gallo para Zé Galinha. Várias vezes, ao chegar na sala de aula, deparara-se com um punhadinho de milho em sua carteira

e, assim que se sentava, a molecada punha-se a cacarejar:

— Cocoricó! Cocoricóóó!

Até a professora ria.

Sim, o mundo era cruel.

E as crianças, ao contrário de anjinhos loiros de olhos azuis, trajes brancos a tocar lira no céu, assemelhavam-se mais a pequenos capetas vermelhos, caudas pontiagudas, olhar zombeteiro, espetando tridentes nas almas torturadas em poços de lava.

Quando se tornou adulto, alguém fizera um trocadilho ainda pior, um cacófato: Juca Gado. Gerara inúmeras piadas mais, e mais agressivas. Os capetas tinham crescido...

Juca Gallo era um homem baixo, pouco mais de um metro e meio de altura. Tinha o rosto completamente vincado pela varíola que apanhara em criança. Uma calvície ampla fazia cortar dois tufos de cabelos desalinhados. Um forte estrabismo forçara-o a emoldurar seus olhos grandes, tristonhos e castanhos com um par de óculos enormes. No geral, não formava exatamente um quadro dos príncipes encantados que as adolescentes poriam-se a suspirar sob as árvores de um parque em tardes primaveris.

— "A beleza não é tudo" — dizia sua mãe de modo não muito convincente.

— Também não é nada — retrucava ele.

Ademais, ela não contava, afinal de contas, conforme diziam, "mãe é mãe". Mas o pior era que, em vez de procurar animá-lo, sua mãe deixava-o mais triste e deprimido na concordância implícita de que ele, de fato, era feio de lascar.

"Existe coisa mais horrível do que um filhote de urubu?", perguntava-se.

"No entanto, sua mãe o adora e acha a coisinha mais graciosa do mundo..."

Alguns raros amigos procuravam animá-lo através de palavras caridosas e gentis. Mas isso pouco adiantava, já que eles, por uma daquelas artimanhas do destino que ninguém conseguia explicar, eram bonitos, altos e viçosos. E, de qualquer jeito, o tempo tratara de fazer cada um deles seguir seu próprio caminho pelo mundo afora.

Ele olhou ao redor, para as paredes envelhecidas de seu apartamento. O mobiliário era sóbrio, de madeira escura, sem personalidade. A penumbra teimava em pincelar os cantos com matizes de obscuridade.

— E o que restou para mim? — falou em voz alta, na sala pouco iluminada. — O que resta a alguém que, no mundo exterior, não encontrou a felicidade? Atravessei o apogeu da vida como um pária da sociedade...

Juca Gallo de Albuquerque virara escritor. Sim, um daqueles sujeitos míopes, pálidos e flácidos que passam horas e mais horas num canto mal iluminado, diante de uma máquina de escrever, agitando os dedos em teclas barulhentas sem perceber que, lá fora, o dia já morrera e a noite chegara de mansinho. Virara escritor... Vivia rodeado por estantes abarrotadas de livros velhos, revistas, jornais, folhas picotadas garatujadas de anotações e um cesto de lixo transbordando de bolas de papel. Não era nada tão estranho assim, pois, já que o mundo exterior lhe privara de tantas coisas, principalmente daquelas que tinham pernas torneadas, busto amplo e cabelos cheirosos, por que não

criar o seu próprio mundo, onde tudo desse certinho e tivesse um maravilhoso *Happy End*?

E, invariavelmente, seus livros traziam personagens belos e perfeitos, que viviam casos amorosos de extremo ardor. Apaixonavam-se, riam e choravam, viviam grandes aventuras em lugares exóticos, lutavam contra vilões asquerosos e derrotavam-nos bravamente, apesar das chances mínimas de vencer. Então, já no finalzinho apoteótico, o mocinho dava aquele beijo estalado nos lábios carnudos da mocinha e ela, toda perfumada e derretida em seus braços, murmurava: "Meu amor"... "FIM". O dedo dava o derradeiro toque no ponto final e ele inspirava profundamente. O olhar distante voltava a ganhar foco e via-se novamente no cantinho de sua sala entre livros, poeira e papéis. Não era mais o mocinho corajoso e viril. Não tinha mais a donzela bonita e irresistível em seus braços. Nada de "meu amor". Era o Zé Galinha que precisava desesperadamente inventar uma nova história e desaparecer do planeta.

Para o Sr. Zircônio Policarpo Quaresma, o editor, sem dúvida alguma, o nanico Juca Gallo era o tipo mais esquisito que cruzara o batente de seu escritório. O sujeito desengonçado, por si só, daria um livro, provavelmente cômico ou, mais precisamente, tragicômico. Dava pena de ver o infeliz gnomo naquelas roupas surradas, grandes demais para o seu tamanho. Era como um cãozinho faminto e assustado, receando ser escorraçado da frente da loja de ração. Todavia, suas novelas melosas — sempre sob pseudônimos estrangeiros — vendiam razoavelmente bem e era isso o que importava.

— Inacreditável como tem gente no mundo disposta a ler frases floreadas e romances água com açúcar — falava vez ou outra sem se queixar. — Privam parte de um reduzido salário para mergulhar num reino de fantasias, de contos de fada.

Ele já vira mocinhas entretidas avidamente com aquelas brochuras no metrô ou em bancos de *shopping centers*, quase sem piscar e, até, roendo as unhas de aflição.

— Impressionante — murmurava e, novamente, sem reclamar. — Se eu lhes mostrasse quem escreveu...

Se as mocinhas adoravam, a editora do Sr. Quaresma não deixaria de alimentar-lhes o gosto!

E, quanto a Juca Gallo de Albuquerque:

— Ai, que tipo! — era o veredicto do editor.

A tarde caía do lado de fora do apartamento do escritor.

O Sol pincelava de rubro a linha do horizonte. No céu, ainda azul, fiapos de nuvens preguiçosas deslizavam. Vênus surgiu cintilante, travestido de estrela. Crianças davam suas últimas corridas pelas ruas, enquanto o trânsito aumentava e mães cada vez mais impacientes chamavam-nas para dentro de casa. A cidade preparava-se para o término de mais um dia, o jantar em família, o programa na televisão e uma noite restauradora de sono.

Tinha sido um belo dia...

... mas Juca Gallo de Albuquerque ignorara tudo aquilo.

No seu canto, quieto e apreensivo, fitava a folha em branco que acabara de

colocar na máquina de escrever. Preparava-se para iniciar mais um de seus livros melosos. Juntou as mãos e estalou os dedos num velho ritual. A seguir, cerrou as pálpebras por trás dos óculos e aguardou as imagens surgirem. Sendo da geração TV, era assim que tudo começava. Em vez de frases em seu cérebro, ele via imagens, cenas desenrolavam-se em meio à bruma, como em um sonho, e, então, passava a descrevê-las. Só depois, lia e relia, procurando corrigir os erros materiais e gramaticais, eliminaria redundâncias, excessos de locuções verbais, descontinuidades, acrescentaria alguma metáfora ou adjetivo de efeito, buscava sinônimos, encheria linguagem aqui e ali e cuidaria das descrições de personagens e lugares. Todavia, os minutos passaram até completar uma hora e o tic-tac do relógio na parede prosseguiu. Por algum motivo que não conseguiu explicar, a folha permaneceu em branco durante todo o final de tarde sem que qualquer idéia lhe surgisse. Sua mente era uma tela em branco, sem que um único *frame* sequer surgisse. Mãos nervosas coçaram os tufo de cabelos. Empurrou os óculos sobre o nariz adunco. Estalou os lábios. Esfregou o rosto. Exasperou-se.

— Mas que raios! O que está acontecendo comigo?

Ah, sim, sua voz era um tanto fanhosa, voz de pato.

Fez uma tentativa, sem visualizar a cena, somente atento às palavras que emergiam das pontas de seus dedos, mas arrancou a folha na primeira linha, amassou numa bola e jogou-a no cesto de lixo. Meia hora se passou e meio cesto se encheu.

Era como se uma pesada cortina tivesse descido diante da janela de sua

alma e barrasse a entrada de toda a luz. Seu mundo particular estava obstruído, aquele mundo de faz de conta onde ele era o príncipe magnífico sob um nome fictício a passar mil apuros antes da inevitável vitória.

A noite chegou sorrateiramente, sem que ele percebesse. Somente quando a luminosidade tornou-se escassa a ponto dele mal enxergar as letras do teclado, foi que se levantou da cadeira e acendeu a lâmpada.

— Raios...

Não sentia fome, mas achou que era hora de comer algo para sustentar seu corpo de gafanhoto. Na cozinha, enfiou goela abaixo um pão amanhecido recheado de sardinhas em lata, algumas fatias de tomate e queijo. Bebericou um copo de leite acrescido de groselha e, sem ter feito a digestão, retornou para a sala e sentou-se outra vez diante da máquina de escrever.

E ficou.

E olhou.

E pensou.

E esperou...

... Nada.

Desde que se aventurara na carreira de escritor, nunca lhe tinha ocorrido algo assim. Claro que houvera momentos de "branco", falta de inspiração, quando se vira numa encruzilhada sem saber ao certo qual caminho seguir. Mas eram temporários e sempre houvera um esqueleto de história dentro de sua cabeça a partir do qual iniciar. Agora, era diferente.

Nem esqueletos.

Nem ossos.

Nem pó.

Sua mente era um branco só, um imenso deserto de giz, um grande vazio maior do que aquele que existia num

cemitério à meia-noite ou na fria escuridão a separar as estrelas.

Tirou os óculos e esfregou os olhos.

— Cruzes! O que está acontecendo comigo? — resmungou. — Preciso pensar numa nova história. Tenho que entregá-la até o final do mês que vem! Não pode ser... Vamos lá! Deixa eu ver... Um marinheiro robusto retorna após vários meses e encontra a amada nos braços de outro... Não!... Um explorador em plena selva amazônica salva uma linda indígena de ser devorada por canibais e leva-a para a cidade... Cristo!... Outra coisa... Um guerreiro espacial parte em busca de um planeta em perigo e encontra uma rainha de pele azul nas garras de um perverso alienígena... Raios!... Chega... Chega... CHEGA!

Exausto, o homenzinho desabou sobre sua poltrona. Mirou durante algum tempo as estantes empoeiradas, onde se destacavam vários livros escrevera e dos quais não se orgulhava. O orgulho de "pai" havia muito escoado pelo ralo da mediocridade. Fez uma careta amarga e, ainda tendo o cérebro predominado pelo vazio e rodeado pelo indescritível vazio da sala, encolheu-se temeroso, cobrindo seus olhos para não se ver esmagado pelo mundo.

Seu corpo todo estremeceu.

Um soluço gritou dentro da sala.

A realidade era opressiva e esmagadora.

Uma lágrima rolou através da face marcada.

Via-se nu diante de um espelho de corpo inteiro.

Não queria olhar para si e desejava parti-lo... Crás!

Então, chorou, chorou e chorou na noite de sua solidão.

Finalmente, Lesma Bexiguenta adormeceu de puro cansaço.

A madrugada avançara quando ele, sobressaltado, acordou. Sentiu-se ofuscado pela lâmpada acesa no teto. Deu um pulo, apagou-a e retornou à poltrona. Sentia frio, porém, não foi apanhar um cobertor. Encolheu-se todo e concentrou-se.

A noite recebeu-o de braços abertos, velha amiga e confidente nos longos anos em que ele, sozinho, punha-se a observar as luzes longínquas das casas apagarem-se uma após a outra até restar apenas as lâmpadas de mercúrio nos postes de iluminação. A friagem atingia seu rosto. E era ele, a escuridão, o silêncio, a Lua e, ocasionalmente, um par de gatos a entoar um para o outro suas lamentos medonhos de alma penada.

Algo perturbara seu sono.

— Aquilo... Sim... Aquele sonho.

Seu coração martelava dentro do peito. O corpo franzino tremia de frio e excitação. Tinha sido tão nítido! Fora tão próximo e tão perturbadoramente real... Tentou lembrar. Esforçou-se ao máximo para que a realidade a sua volta não lhe roubasse a beleza do sonho nos primeiros e cruciais instantes.

Um automóvel solitário cantou seus pneus no asfalto. Fachos de luzes cortaram o teto do apartamento em fatias. O som do motor diminuiu até desaparecer.

"Concentre-se!"

Como era?

Sim... Sim! Aquele rosto.

Era um rosto magro como o seu. Era um rosto tão feio quanto o seu. O rosto de uma jovem, uma mocinha magra, sardenta, várias espinhas estrategicamente esparramadas por suas faces, lábios secos a exibir dentes desproporcionalmente grandes e tortos. Ela usava óculos também! E eram tão grandes e desajeitados quanto os seus.

Era o rosto de alguém que Juca Gallo nunca vira antes. Contudo, havia algo de familiar, reconhecível, como um rápido lampejo no espelho. Quem poderia explicar?

E ela sorriu para ele.

Sim, ele poderia jurar de pés juntos.

Nenhuma mulher sorrira para ele com exceção de sua mãe. Sorrir e rir dele, isso já fizeram vezes sem conta, mas para ele era a primeira vez, ainda que fosse apenas num sonho. Claro que, em outros sonhos, ele vira belas donzelas rindo e correndo por entre bosques perfumados, entretanto, elas não o fizeram por ele, Juca Gallo, o Coisa Linda, mas pelos homens belos, fortes e heróicos que ele criara em substituição ao seu corpo mirrado, pelancudo e feio.

— Ela sorriu para mim, para o meu verdadeiro eu...

O que restava da noite passou diante de seus olhos sem se dar conta. Ele permaneceu quietinho na poltrona até a claridade da manhã anunciar a chegada de mais um dia.

O telefone tocou estridente.

Juca Gallo bocejou. Tinha um gosto amargo de cabo de guarda-chuva na boca. Fez uma careta. De má vontade, atendeu a ligação.

— Alô?...

— Ei, Juquinha! — falou o editor do outro lado da linha. — Como é que vai indo aí?

— O quê?

— Alô, tem alguém aí? Vamos lá, homem, vê se acorda! Aqui é o Zircônio.

— Quem?

— Zir... O Quaresma!... Quaresma, lembra? Seu editor predileto.

— Ah, bom dia, Sr. Quaresma.

— O que é que foi? Andou traçando um baseado?

Juca Gallo chacoalhou a cabeça, espaventando o sono.

— Hã, ah, não, Sr. Quaresma. É a insônia...

— Esqueça as formalidades. Liguei para saber como está indo a história. Estou cuidando da promoção. Agora, é com você e a gráfica.

Aquele rosto desapareceu no vácuo da consciência. O escritor sentiu-se desorientado. Uma parte importante de sua vida deixara subitamente de existir. Ao menos, era como se sentia.

— Ei, homem, você está na linha?

— Hein? Ah, sim, Sr. Quaresma, estou na linha.

— Não está cheirando cola, tá?

— Como? Cola? Não, senhor, nada disso. Nem bebo.

— Ótimo! Às vezes, vocês escritores podem até ter algumas idéias ficando doidão, mas, no seu caso, não recomendo. Aliás, em nenhum caso. Quem sou eu para me comprometer... Bom, e então, Juquinha?

— "Então"?

Houve uma pausa impaciente do outro lado e um inspirar profundo.

— A história. Eu quero saber do nosso livro. Como está indo?

"Nosso"?

— Hã... Tudo bem, senhor, vai indo tudo bem.

— Excelente! Se as vendas se saírem tão boas quanto a anterior, você receberá uma gratificação generosa. Por isso, vê se capricha, certo?

— Sim, Sr. Quaresma.

— É assim que se fala! E manera na cola... Brincadeira! Tome um chá de camomila... Tchau!

E o "Coisa Linda" passou mais um dia duelando contra a folha de papel. Ela teimou em continuar em branco, cortina cerrada. Ele tentou visualizar novamente aquele rosto sem conseguir. Suspirou.

Dessa vez, dormiu no quarto após o jantar. Antes, tomou um longo banho. Esfregou-se vigorosamente como se quisesse lavar a própria alma. Não tinha chá de camomila ou do que quer que fosse. Teve receio da insônia, entretanto, sob o cobertor xadrez, o sono chegou rápido feito uma tormenta de verão.

Sentiu-se escorregar através de um túnel.

Era liso.

Era quente.

Era tranquilo.

Sentiu-se em paz.

E o semblante sorriu.

Juntamente com o sono, vieram os sonhos.

Inicialmente, veio um sonho, por assim dizer, familiar — dentro daquela confusão sem pé nem cabeça que caracterizavam os sonhos. Encontrava-se no interior de um ônibus que deveria levá-lo e a uma outra pessoa (Sr. Quaresma?) para o serviço(?), mas o motorista se perdeu. Foram parar em algum lugar na fronteira do fim do

mundo a partir do qual só se avistava a mata fechada. Ele e seu acompanhante perambularam a fim de saber onde estavam quando, de repente, numa praça, viram uma estação de metrô. No sonho, Juca Gallo tinha pressa, pois não queria perder o horário e falou para a outra pessoa que esta retornasse ao ônibus e avisasse onde estavam, enquanto ele iria de metrô. Todavia, ao atingir a plataforma, onde estava o bendito trem? O cenário era todo paupérrimo, denotando desleixo, sujeira, sem qualquer placa indicativa. Só havia trens urbanos. Perguntou a outro sujeito sobre o trem do metrô e esse alguém riu, dizendo ser aquilo o metrô. Os trens que apareciam eram escassos, abarrotados e sem indicação do destino. Por fim, dirigiu-se a outra plataforma. Surgiu outro trem. Uma voz disse que o trem viera de Santos. Juca Gallo correu até o condutor e indagou-lhe se o trem iria para São Paulo; este deu a entender que sim. Exasperado, Juca abriu um compartimento: havia vários assentos cor de laranja (sonho colorido!) e, em alguns deles, viajavam enfermos. Entendeu ser um trem-hospital. Outros foram entrando e ficaram todos apertados. Enquanto o trem seguia seu caminho, Juca Gallo lembrou-se de que não devia ficar aglomerado por causa do contágio. Também pensou, arrependido, que deveria ter retornado com o Sr. Quaresma para o ônibus no qual viera. Mas era tarde demais.

Embora rico em detalhes e desventuras, esse sonho em particular não durou mais do que poucos minutos. Tempo no qual os olhos se reviraram sob as pálpebras cerradas e o escritor moveu-se inquieto sob o cobertor.

Então, de repente, ele parou de se mexer. E os olhos também se aquietaram, fixaram-se.

Vindo de longe, ganhando nitidez pouco a pouco, aquele rosto surgiu novamente. Um rosto magro, sardento e carregado de espinhas. Os incisivos superiores projetavam-se fora os lábios, fazendo lembrar um coelhinho. Os cabelos em tom castanho eram cacheados e jogados de forma desajeitada para trás dos ombros. Ela corria na direção dele. E sorria. Sorriu por um longo tempo. Ao menos — a exemplo do sonho do metrô — tudo parecia mais longo nos sonhos.

Juca Gallo pôde sentir uma grande tristeza por trás daquele sorriso. Ele entendia aquela tristeza. Quis dizer isso a ela, mas não teve êxito. Chegou a gritar, porém, sem algum emergiu de sua garganta. Contudo, ouviu a voz dela, estridente tal qual uma campainha de telefone. E ela falou. Ela disse:

— Juca...

O escritor levantou cedo.

Sentiu-se renovado e impelido por uma força estranha, algo vindo de seu íntimo ou de um mundo paralelo ao seu, por mais que isso soasse a delírio. Era, sobretudo, uma sensação gratificando, de euforia, pois, finalmente, encontrara um enredo para a sua nova história. A cortina abriu-se, fazendo entrar a luminosidade e a clara visão do que haveria do outro lado da janela. Era diferente de tudo o que Juca Gallo jamais tivera coragem de colocar no papel, desde a história em si até a composição das personagens.

— Acho que estou louco — falou para si, mas sem recriminação, tomado de júbilo. — Doidinho da silva!

Sentou-se diante da máquina de escrever, verificou o estado da fita e, satisfeito, inseriu a folha de sulfite. Os dedos movimentaram-se rapidamente, como pequeninos pés sobre uma chapa quente.

TEC-TEC...
TEC-TEC-TE-TEC...
TEC-TEC-TE-TEC-TEC...
BRRRRRRRRRR... PLIM!
TEC-TEC...
TEC-TEC-TE-TEC...
TEC-TEC-TE-TEC-TEC...
BRRRRRRRRRR... PLIM!
TEC-TEC...

E qual seria o enredo?

Por que essa inspiração surgira, a bem dizer, do nada?

Sua história tratava de um adolescente. Todavia, não era um adolescente qualquer. Ele era muito feio e tímido, regularmente humilhado pelos garotos de sua idade. Fracote e de uma magreza desengonçada, apanhava com frequência, tinha seu lanche furtado e o conteúdo de sua mochila esparramado pelo chão por motivos que mal saberia dizer. Só pelo fato de... existir?

E foi numa tarde, enquanto voltava da escola para casa, que esse jovem encontrou uma garota chorando perto de um jardim.

O uniforme dela era da mesma escola que ele frequentava. Era tão feia quanto ele e, como tal, sofria nas mãos de suas colegas de classe.

Embora envergonhado, as lágrimas dela encorajaram-no.

— Oi, você está bem? — indagou estupidamente.

Sua voz era rouca, anasalada. Voz de pato. Receou uma resposta malcriada, mas não foi assim.

— Não muito... Quem é você?

— Meu nome é...

TE-TEC-TEC-TEC-TEC-TEC...

... Juca.

BRRRRRRRRRR... PLIM!

— Muito prazer, Juca. O meu nome é Lucimara.

Ela estendeu a mão pequenina que ele, desajeitado, segurou feito uma borboleta prestes a voar.

As duas mãos, unidas, movimentaram-se sob o Sol tardio naquele jardim. Separaram-se, então.

— Por que você está chorando?

— Rasgaram o meu caderno, veja.

Juca abriu sua pasta até achar o que queria.

— Rasgaram o meu também. Remendei com fita adesiva. Se quiser, remendo o seu também.

— Eu gostaria muito.

— Então, empreste-me ele um pouco. Trago a fita comigo.

E Lucimara esboçou um sorriso dentuço para ele, o primeiro sorriso e o mais lindo que jamais vira. Transcendia a feiúra daquele rosto. Vinha de dentro da alma daquela menina e atingia o âmago do garoto tal qual uma onda tempestuosa em um mar bravio.

O escritor interrompeu seu trabalho por um instante.

Girou o cilindro para voltar a folha na máquina de escrever e releu.

Meio inconsciente, dera à personagem masculina o seu próprio nome em vez de um nome estrangeiro. Era óbvio que a coincidência não parava aí. Franziu o cenho. Ficou pensativo por quase um minuto. Decidiu-se:

"E daí?", pensou. "Juca é um bom nome como qualquer outro e Juca continuará sendo... e ponto final!"

Já Lucimara tinha uma explicação imediata: era o nome de sua falecida mãe, a única criatura no mundo que, verdadeiramente, amara o escritor. Mesmo em seu leito de morte, ela se preocupara com o destino do filho quando não mais estivesse ali para protegê-lo. Tratava-se de uma homenagem tardia.

Por um momento, Juca Gallo lembrou-se de vários momentos ao lado dela. Balançou a cabeça a fim de afugentar a saudade, a tristeza e a melancolia.

Tornou a ajeitar a folha no lugar em que estava.

Os dedos, impacientes, trabalharam e trabalharam naquele canto sombrio do apartamento.

TEC-TEC...

TEC-TEC-TE-TEC...

TEC-TEC-TE-TEC-TEC...

BRRRRRRRRRR... PLIM!

TEC-TEC...

Cuidadosamente, as páginas rasgadas foram emendadas. Havia uma cautela de cirurgião nos movimentos de Juca. O garoto sentia o olhar atento da menina sobre si e aquilo que estava

fazendo. Normalmente, isso já bastaria para que ele se encolhesse todo e saísse de mansinho.

Passara a vida toda sentindo-se um ator solitário no meio do palco após o espetáculo, a espera da inevitável saraivada de frutas e hortaliças.

"Gozado... Não sinto vontade de fugir", pensou, fitando-a de soslaio e, depois, de frente.

— Pronto — mostrou orgulhoso.
— Até que ficou mais ou menos.

Lucimara enxugou as últimas lágrimas, empurrou seus pesados óculos sobre o nariz sardento e arrumou rapidamente o arco do cabelo. Examinou a obra. Arregalou os olhos.

— Poxa, ficou lindo! Obrigada.

— Não foi nada — respondeu a voz de pato.

Juca corou. Acompanhou-a até a casa dela. Descobriu que Lucimara morava bem perto dele, mas como ele nunca fizera questão de maiores contatos com a vizinhança e a recíproca sempre fora verdadeira, só a casualidade — ou o destino — providenciara o encontro no jardim.

Abençoado fosse o destino por isso.

E Juca Gallo de Albuquerque prosseguiu o dia inteiro sem parar. Uma energia elétrica parecia ter tomado conta de sua mente, seu corpo e, especialmente, seus dedos. Martelavam as teclas incansavelmente, como se tivessem adquirido vida própria.

Uma página após a outra do mais novo livro foi-se acumulando sobre a mesa.

— Lucimara — murmurava. —
Lucimara...

E não era na mãe que pensava.

O Sol se ergueu por entre nuvens cinzentas, aquecendo telhas de argila, pessoas tagarelas e veículos fumacentos. A vida corria do lado de fora, entre aventuras e desventuras, sonhos e realidades, vitórias e decepções.

Mas ele sequer notou.

Não existia o mundo exterior.

Juca Gallo perdera-se dentro de um outro mundo — seu mundo —, um universo particular do qual somente ele tinha conhecimento e que, através da escrita, era transportado.

Como era mesmo que ele escrevera num de seus primeiros trabalhos? Ah, sim:

Há um universo extraordinariamente rico a nos envolver.

Somos átomos.

Há um universo extraordinariamente rico em cada um de nós.

Somos galáxias.

A escrita é a ponte entre dois universos.

Sim... Um elo entre dois mundos. Era esse o papel mágico interpretado pela máquina que ele tinha a sua frente; mais precisamente, pela escrita e os gênios anônimos que a aprimoraram desde os tempos dos sumérios ou, quiçá, das primeiras pinturas nas cavernas.

A história foi se desenrolando. O escritor podia ver as cenas desenrolando-se diante de seus olhos. Parecia um filme numa tela de cinema e ele só precisava descrever aquilo via — e sentia.

Dessa vez ocorrera uma inversão.

De repente, os heróis não eram mais belos e formosos, tampouco realizavam grandes feitos. Não

participavam de aventuras épicas, nem resolviam enigmas mirabolantes. Agora, os heróis eram fracos, falhos e franzinos. Não tinham força física sequer para enfrentar o mais fraco adversário. Apanhavam, choravam e fugiam. Todavia, eles tinham um ao outro e cada qual via dentro do brilho dos olhos de seu companheiro um valor mais puro e nobre do que qualquer aparência física. Os inimigos também haviam mudado. Agora, não tinham mais o aspecto horrendo, a boca banguela, os olhos vesgos ou felinos, cabelos desgrenhados. Eram esteticamente perfeitos e, dentro dessa perfeição, deixavam revelar as imperfeições da alma, do verdadeiro eu. Pois Juca Gallo, mais do que nunca, tomou ciência do erro — seu erro — em associar o caráter ao físico, a alma ao corpo, a imaterialidade do ser à sua forma material. Percebeu que ele próprio fora preconceituoso ao associar a feiúra à distorção de caráter. Como poderia esperar a compreensão das outras pessoas, de seus leitores, se ele não a tivera?

E continuou a datilografar.

Ininterruptamente.

Longínquo.

Febril.

A história prosseguia.

Um grupo de garotos e meninas corriam atrás de Lucimara e Juca. Atiravam tomates e laranjas, riam e gritavam nomes feios em meio a gargalhadas.

— PEGAAA! Pega o Tartaruga e a Coelha!

— Segura o Zé Minhoca e a Maria Taturana!

— "Maria Taturana"? Essa é boa!

— Gostou? Inventei agora.

— PEGAAA!

Uma das laranjas atingiu Lucimara no ombro e ela caiu, machucando os joelhos no chão de terra batida. Por entre lágrimas, falou aflita:

— Vai, Juca, corre! Eles estão mais perto.

— Não, não e não. Eu não vou deixar você aqui. Levanta que a gente consegue. Eu te ajudo... Isso, Lucimara, segura no meu ombro... Vamos!

A gritaria estava mais e mais próxima.

Lucimara mancava. Dobraram à esquerda por um atalho no bosque. Estavam sujos e suados. A poeira grudava em todos os poros. Arbustos feriam a pele delicada. Temor estampava-se em seus rostos.

— Eles entraram ali! — berrou um dos moleques perseguidores. — Depressa! Ei, cuidado com os ovos. Não vai desperdiçar munição.

— PEGAAA!

Subitamente, o jovem casal viu-se diante de um paredão de granito e mata fechada de ambos os lados. Estavam encurralados. O material de escola perdera-se pelo caminho. Abraçaram-se um ao outro, sem saber o que fazer. Olhos amedrontados brilhavam por trás das lentes fundo de garrafa. Juca bem que tentou penetrar na mata, porém, os arbustos estavam repletos de espinhos. O mato e os arbustos muito próximos entrelaçavam-se, eram impenetráveis.

A vozes raivosas ficaram cada vez mais altas.

Galhos estalavam no caminho.

Folhas eram arrancadas com brusquidão.

Insetos silenciavam e fugiam o mais longe possível.

— Lá estão eles! — apontou um garotinho loiro de enormes olhos azuis. — Lá estão os monstregos!

Lucimara, em pranto, fitou Juca. Voz trêmula e desafinada, confidenciou:

— Gosto de você.

Tinham apenas treze anos e a palavra "gostar" possuía uma conotação pura e profunda, algo que os adultos jamais entenderiam, pois o mundo tornara-os estúpidos e eles próprios pouco fizeram para evitá-lo.

— Eu também gosto de você, Lucimara — respondeu por sua vez Juca com sua voz de pato. — Estou com medo.

— Também tô.

O grupo surgiu pelo atalho até o beco sem saída e formou um arco ameaçador ao redor do jovem casal. Eles estavam cansados, mas triunfantes. As meninas riam entre os dentes e os meninos deixavam transparecer um sentimento de vitória, peitos estufados. Era uma matilha. A caçada aproximava-se do fim e as presas nada poderiam fazer.

O garotinho loiro falou:

— É agora...

A campainha tocou inesperadamente.

Juca Gallo assustou-se. Sentiu como se seu corpo de trinta e sete anos tivesse levado uma pancada. Supôs que a sensação seria semelhante a de um sonâmbulo ao ser despertado e ver-se diante de um precipício.

A campainha voltou a tocar, insistente. Aparentemente, fosse lá quem

fosse, devia estar aguardando fazia algum tempo.

Contrariado, deixou-se inundar pela realidade que o cercava. Levantou-se e olhou o relógio no alto da parede. Surpreendeu-se ao constatar que passavam das quinze horas. Não havia comido nada, não limpado o apartamento e sequer fizera as compras para o final de semana. Correu para a porta da frente antes que o desconhecido a arrombasse.

A porta estava descascada, a pintura de um cinza claro mostrava dobras e rachaduras como uma cobra trocando de pele. Por trás dela postava-se um homem alto, gordo e bem vestido, ostentando uma barba negra que cobria-lhe a metade do rosto e um charuto caro entre os dentes.

— E já não é sem tempo! — bufou o visitante inesperado, soprando fumaça.

Juca Gallo tossiu.

— Se-senhor Quaresma... Cof! Eu não esperava que... Cof!...

— Eu sei, ô meu — falou o sujeito, empurrando delicada, mas firmemente Juca para que este lhe desse passagem. Entrou no apartamento sem cerimônia. — Fiquei preocupado depois da nossa conversa. Você me pareceu meio esquisito, no mundo da lua, sei lá. Sei que você tem suas manias, mas ontem estava mais batidão do que de costume. Você entende, né? Tem muita coisa em jogo e vim dar uma conferida. Deve se alegrar por me ver. Não é todo editor que tem tamanha consideração por seus escritores.

— É... Obrigado, senhor...

— Esquece. Como é que é? Você não tem um cafezinho pra me oferecer?

— Ah, desculpe-me, Sr. Quaresma. Não fiz... Fiquei trabalhando o dia todo. Nem almoc...

— Ah, o trabalho!

O editor se atravessou a sala, deixando um rastro de fumaça atrás de si. A diferença de tamanho entre os dois era impressionante: um gigante balofo ao lado de um pigmeu raquítico, diriam. Dirigiu-se até a máquina de escrever. As cinzas caíram pelo assoalho. Juca Gallo não tinha cinzeiro.

O homenzarrão falou animado:

— É isso aí, Juquinha! Gosto de um homem dedicado. Trabalho é a alma do nosso negócio. Inspiração rima com cifrão. Deixe-me ver... Ah, aqui está o futuro *best seller*... — Apanhou as folhas e soltou seu corpanzil sobre o sofá. Mesmo sentado, continuava mais alto do que o escritor. Deu uma passada de olhos pelos originais.

O sorriso emoldurado pela barba gradualmente desapareceu. A expressão do homem transformou-se num misto de asco e incredulidade. Mal concluíra três páginas quando largou todo material ruidosamente sobre a mesinha de centro.

— O que significa isso? — apontou o dedo gordo.

— Como, senhor? — O homem franzino encolheu-se todo feito uma ratazana acuada. A face marcada pela varíola tremeu.

O Sr. Zircônio Policarpo Quaresma pestanejou.

— Ora, essa história! Que bobagem é essa de botar uns tipos asquerosos desses nos papéis principais? Tá ficando louco? Quem vai querer ler um livro onde o corcunda de Notre Dame e a Bruxa Malvada formam o par amoroso?

O editor ergueu-se feito uma montanha a brotar da terra e andou de um lado para o outro, esforçando-se para não perder o controle. Expeliu baforadas irregulares de fumaça e Juca Gallo conteve-se em vão para não tossir.

Meneando a cabeça, o Sr. Quaresma disse:

— Juca, acho que você está mal mesmo. Se é alguma brincadeira, saiba que é de muito mal gosto. E nem é primeiro de abril. Veja só... um casal de patinhos feios.

Juca Gallo desviou o olhar, mirando um canto da sala que estava na penumbra. Não viu o canto e nem a sala. Um rosto magro e sardento surgiu diante de seus olhos. A imagem não se desfez com esta brusca interrupção. Ela estava lá. Seus grandes olhos tristonhos sorriam para ele. Ela emanava um fluxo de energia ou algo parecido, formando uma ponte, um elo que os unia. Procurou argumentar:

— Acho que dará uma boa história, Sr. Quaresma — ouviu sua própria voz de pato dizer. — Será diferente. Aguarde até eu concluir o livro...

O editor estalou os dedos.

— Espera aí, espera aí... Ah, seu sacana, acho que sei o que você pretende... Esse casal se faz passar por vítimas inocentes, mas, na verdade, eles são criaturinhas vindas de algum reino maléfico. Fingem-se de coitadinhos e, quando menos o leitor estiver esperando... CRÁS! Trucidam as outras crianças até que uma delas, o loirinho talvez, escapa e parte em busca do super-herói que, com seus fantásticos poderes, derrotará os cruéis diabinhos... Puxa! Até que eu daria um bom escritor!

— Não é bem isso...

— Eu sei, eu sei... Você tem as suas próprias idéias. Só quis exercitar minha imaginação. Porém, deve ser algo assim que você está planejando. Seja lá o que for, livre-se desses dois e dê uma reviravolta na história. Invente qualquer coisa... Ah, troque os nomes! Mas não deixe de fazer aparecer o verdadeiro herói e a sua rapariga, uma de busto bem grande e quadris deste tamanho — fez os gestos. — É... Vê se dá uma apimentada. Coloque uma dose generosa de sedução e mais violência no enredo dessa vez. As leitores querem isso, mais energia, impetuosidade, querem ler sobre homens musculosos de corpo suado e um final apoteótico digno de novela das oito. E os caras... bem... querem peitos! É isso aí, Juquinha... Nada mal para um amador, hein? Mas você tá certo, vou esperar pelo final e ler tudo de uma vez. Fique atento ao prazo. Cuide-se, ok? Está com um aspecto horrível! Cadê o meu charuto? Ah, aqui está.

Dirigiu-se para a porta de entrada.

— Não se esqueça: despache aquele casal horroroso. Invente nomes americanos. Apresse-se!

E foi embora.

Juca Gallo ficou olhando a porta fechada diante de seu nariz por um longo tempo. Entretanto, em vez da porta ou de uma cortina cerrada, ele via um rosto, aquele rosto.

Ela sorria.

Ele não.

Deixou seus escritos do jeito que estavam e foi almoçar. Enquanto abria uma lata de feijoada, pensou:

"Sr. Quaresma tem razão. É doidice minha datilografar uma história

daquele tipo, enquanto as outras vendem bem. Pra que mudar se o público gosta de ingerir sempre as mesmas bobagens? Pra que dar-se tanto ao trabalho? É apenas uma história! O esqueleto básico já tenho montado, só preciso alterar o cenário e a aparência das personagens... Ainda posso aproveitar o que já escrevi e as sugestões do Sr. Quaresma. Ele está certo. 'Não se mexe em time que está ganhando'..."

Mastigou a feijoada sem sentir o gosto. O leite havia acabado e ele bebeu groselha com água.

"Foi insano querer ser eu mesmo no livro. Quem eu penso que sou? Quem está interessado num herói esquizóide e bexiguento e numa heroína miope e dentuça? Lucimara... Sinto muito!"

Dizia isso menos por vontade do que para convencer-se das palavras.

A euforia inicial tinha ido embora.

O vazio da realidade retornara.

O simples medo de existir.

Era um frio sem fim.

Foi tomado pela urgência de datilografar e fugir do mundo ao seu redor, aquele mundo palpável que sempre o castigara sem razão. Retornou decidido para a velha máquina de escrever. Se aquelas teclas falassem, o que diriam? Sabia mais ou menos o que iria fazer. Os dois garotos cercados, aparentemente indefesos diante do paredão de granito, subitamente revelar-se-iam e atacariam o grupo dotados de uma força demoníaca, destroçando-os sem dó. Dentes e garras afiadas surgiriam, asas de morcego cresceriam-lhes às costas e enormes chifres brotariam da testa. Somente um dos garotos — o loirinho era de fato uma boa opção — escaparia e sairia em busca de socorro.

— Mas não sem antes levar uma dentada que deixaria ele para sempre com o rosto deformado... Loirinho miserável!

Ah, se pudesse dar a esse moleque o nome de algum de seus colegas do passado que maltrataram-no ou, então, Zircônio... Mas o editor queria nomes estrangeiros em todos eles. E, provavelmente, o seu pseudônimo no livro seria algo pomposo como Hans William McDougal. E traria uma biografia inventada citando diversos livros que nunca escrevera e prêmios que jamais ganhara.

Tudo tão falso quanto as próprias mentiras que Juca Gallo criava ao teclado a fim de refugiar-se de uma realidade verdadeira.

Contudo, por vezes, a realidade podia ser mais estranha do que a mais estranha fantasia.

Estalou os dedos mecanicamente e, tão logo encostou suas pontas nas teclas, sentiu um frio repentino que fez seu corpo todo arrepiar-se. Foi uma espécie de choque. Então, o rosto feio daquela garota surgiu e, dos olhos tristonhos, lágrimas amargas corriam. Os dedos começaram a trabalhar.

TEC-TEC...

TEC-TEC-TE-TEC...

TEC-TEC-TE-TEC-TEC...

Assustado, o Tartaruga olhou para eles sem prestar atenção ao papel.

— Co-como?!

Não era ele quem controlava as próprias mãos. Seus dedos, mais do que nunca, possuíam vida própria como se pertencessem a uma outra pessoa. Eram coisas estranhas saltitando e saltitando sobre as teclas numa dança de lunáticos.

TEC-TEC...

TEC-TEC-TE-TEC...

TEC-TEC-TE-TEC-TEC...

BRRRRRRRRRR... PLIM!

Por fim, pararam.

Aturdido, ele leu:

"POR FAVOR, NÃO ME MATE!"

— Cristo! — balbuciou, tentando reassumir o controle. Mas aquelas mãos voltaram a datilografar, repetidamente, até a folha acabar:

"POR FAVOR, NÃO ME MATE!"

E os lábios daquele rosto feio, que não mais sorriam, moveram-se.

O Coisa Linda pôde ler neles as mesmas palavras que tinha acabado de escrever.

Um clamor.

Um apelo aflito.

Um pedido de socorro.

Amedrontado, corpo trêmulo, sem nada compreender, afastou-se da máquina de escrever. Sua expressão era a de quem acabara de testemunhar um morto erguer-se do túmulo. Que tipo de assombração apossara-se da máquina, ou pior, de suas mãos? Possessão? Correu para o quarto, trancando a porta.

As letras continuaram lá, preto no branco, sobre a folha de papel:

"POR FAVOR, NÃO ME MATE!"

A tarde findou.

Juca Gallo não pôde datilografar uma palavra sequer. Recusou-se a abandonar o refúgio do seu quarto, a maciez de sua cama e o velho cobertor xadrez. Quem saberia dizer o quê aconteceria caso ele voltasse a tocar no teclado? Que tipo de criaturas não emergiriam? Por que aquele cômodo tornara-se tão frio de repente? E a penumbra naquele canto da sala, não se tornara mais densa e, poder-se-ia até dizer, viva?

Seu quarto era minúsculo, escuro, aconchegante. Era uma concha, um aquário, uma couraça.

O mundo corria lá fora, inteiro, completo. Pessoas iam e vinham. Conversavam, riam, brigavam, ficavam de cara fechada, contavam piadas, flertavam, pagavam contas, trafegavam em seus veículos ou apertavam-se nos transportes coletivos. Viviam.

Todavia, em seu geodo, o Lesma Bexiguenta sentia-se seguro.

A janela do quarto estava fechada e o único contato naquele momento que Juca Gallo fazia com o exterior era através dos filetes de brisa que penetravam através das frestas. Inspirou. Fazia-o pensar num jardim florido, mais por conta de sua imaginação do que a realidade de um ar poluído.

Por fim, a escuridão fez descer seu véu também sobre o mundo lá fora. O silêncio. A friagem. O orvalho. Um raro momento em que tudo parecia estar certo nos seus devidos lugares e o existir ganhava sentido ao acender das primeiras estrelas. Mais uma vez, a Lua surgiu e lâmpadas acenderam para iluminar o caminho das mariposas em seu retorno ao lar.

Sem jantar.

Sem banho.

Sem existir.

Juca Gallo, encolhido sob o cobertor, finalmente, adormeceu.

Sonharia novamente com uma estranha plataforma de metrô que não o conduziria a parte alguma?

Não...

... *"Por favor, não me mate!"*, disse-lhe a voz no sonho.

Lucimara estava chorando e implorava do fundo do coração.

"Não mate a mim, a nós. Não nos traia agora que nos descobrimos e nos apaixonamos. Não destrua o sentimento que nos uniu. Sempre estivemos a procura um do outro, embora não soubéssemos. Dois mundos. Uma membrana separava os nossos universos. Somos iguais e, sós, incompletos. Existimos um para o outro, agora eu sei: você no seu mundo e eu no meu. Agora que temos um meio para encontrarmo-nos e permanecermos juntos, não destrua isso! Se me deixar, eu sei como poderemos consumir a nossa união. Isso se você confiar em mim... Diga-me: você confia em mim?"

Juca Gallo de Albuquerque rolou o corpo pequeno e flácido na cama. Seus olhos estrábicos moveram-se por trás das pálpebras. Os lábios murchos murmuraram de modo engasgado:

— Eu confio...

A tristeza tornou-se um sorriso.

"Que bom! Não o desapontarei. Seja fiel a você mesmo, a nós. Procurarei cuidar de tudo. O que sentimos um pelo outro é especial e verdadeiro. Jamais pensei que pudesse sentir algo assim por alguém e muito menos que viesse a ser correspondida. Eu te amo, Juca."

— Te amo... — sussurrou o escritor, apertando o travesseiro contra si.

Juca Gallo de Albuquerque nunca teve uma noite de sono tão tranquila.

Na manhã seguinte, ainda inquieto, mas tendo em mente o sonho que tivera e que parecera-lhe tão real, retornou hesitante para a sala, aproximou-se nervoso do canto próximo a janela e sentou-se diante da máquina de escrever. Mirou a folha de papel. As frases repetidas vezes sem conta permaneciam lá. Girou o cilindro e retirou a folha vagorosamente, quase temendo levar um choque. Trocou-a por outra, copiando os trechos da história até o ponto imediatamente anterior ao primeiro "*POR FAVOR, NÃO ME MATE!*" Virou-se para a estante onde livros com títulos bombásticos como: "O Cavaleiro Invencível", "A Vingança de Vanessa", "O Amor Secreto na Ilha Proibida", "Na Explosão da Paixão" pareciam fitá-lo, riam dele tal qual mulheres vulgares a fofocarem da vida alheia. Respirou fundo. Toda a sua vida passou diante de seus olhos. Toda a angústia, tristeza, humilhações. Decidiu-se.

— Não vou traí-la, Lucimara.

E os dedos — sob seu perfeito controle — trabalharam ininterrupta e exaustivamente, movidos por uma forte determinação.

As teclas pipocaram e, depois, metralharam.

Incansáveis.

Vorazes.

Febris.

— Acertei! Ah, ah, ah... Acertei no primeiro "tiro"!

O ovo espatifou-se nas costas do garoto Juca. Melecou-lhe a camisa, já suja e rasgada, e parte dos cabelos. Abraçado à Lucimara, usou seu corpo como

escudo. Manchas amarelas escorreram pelo uniforme. Mais ovos choveram, tomates também. E as crianças riam e riam até se esborracharem no chão.

— Ei! — gritou uma delas, decepcionada. — Acabou a munição, pessoal!

— Não tem importância — disse o loirinho, semblante perverso. — O chão tá cheio de pedras...

Ele se abaixou para pegar a mais próxima, já antevendo o quão divertido seria. Seus olhos azuis cintilavam malevolência. Entretanto, ele não a apanhou. Foi apanhado. Para sua surpresa e a dos outros presentes, a pedra estendeu algo como um tentáculo espinhudo e enrolou-se no pulso do menino, ficando pontas aguçadas. O garoto de cabelos claros berrou. Tentou desvencilhar-se e, quanto mais erguia seu corpo e forçava as pernas, mais a forma que se ocultava sob o solo saía, revelando um ser grotesco, meio polvo, meio pedra, meio gente.

— Socorro!

Sangue principiou a correr do pulso do moleque na mesma proporção que suas lágrimas.

— Socorro! — repetiu, choramingando.

As outras crianças tentaram correr, mas outras "pedras" ergueram-se do chão e capturaram-nas. Todas começaram a chorar feito doidas, chamando por seus pais.

— Me tirem daqui!

— O que é isso? O que é isso?

— Tá doendo! Tá doendo!!!

Juca e Lucimara, atônitos, observaram as criaturas virarem as crianças no ar, deixando-as de ponta-cabeça e, com um dos tentáculos pendentes, darem-lhes vigorosas

lambadas no traseiro. O pavor somado a dor das chibatadas fez as crianças chorarem mais ainda, desesperadas. O loirinho berrou repetidamente pela mãe. Em seguida, surgiu uma criatura de lama. Era escura, densa e viscosa. Fez questão de abraçar cada pestinha choraminguenta, envolvendo seus cabelos sedosos numa crosta fedorenta. Foi o fim do mundo para a vaidade das meninas principalmente. Depois de um tempo que, para os diabinhos pareceu eterno, as coisas libertaram-nos. Trêmulos, zonzos, cobertos de barro e lágrimas, correram trôpegos pelo atalho na mata, refazendo o caminho. "Árvores" arregalaram olhos enormes e escancararam bocarras ameaçadoras. Seus galhos mais baixos prosseguiram com a surra feito guasca nas pernas até os moleques saírem de seus alcances, para sempre traumatizados. Risos de pedra, lama e madeira úmida atravessaram o bosque, assustando os pássaros.

— Não tenham medo — disse a primeira criatura de pedra com sua voz pedregosa para Juca e Lucimara. — Sou Pedroso das Terras Místicas de Verdade.

— "Pedroso"? — repetiu Lucimara, enxugando as lágrimas e tentando limpar Juca.

— "Verdade"? — disse este. — Nunca ouvi falar.

— Realmente — assentiu a criatura. — De onde vêm, a Verdade é pouco conhecida e menos ainda praticada. Contudo, vocês em particular a têm e vim convidá-los para que conheçam nosso amado país. Lá, serão bem recebidos e apreciados pelo que são de fato. Encontrarão outros semelhantes e estarão livres da fealdade de seres como

aqueles — apontou um dos tentáculos para o atalho. — O que me dizem?

Juca olhou fixamente para Lucimara e segurou seus ombros. A face sardenta devolveu-lhe o olhar.

— Eu quero ir. Mas quero ficar sempre junto de você.

— Também quero ir — Lucimara estava tensa. — Mas... e nossos pais? Não ficarão tristes diante de nossa ausência?

— Não se preocupem — interveio Madeiroso, uma das "árvores", apresentando-se. — O tempo nas Terras Místicas de Verdade corre de um jeito diferente ao que acontece por aqui. Isso quer dizer que vocês poderão ficar lá o tempo que quiserem, mas aqui não terá passado sequer um segundo. Tampouco vocês envelhecerão, pois a Verdade é sempre jovem e inocente. E poderão retornar sempre que quiserem e visitar-nos sempre que desejarem.

Os dois meninos, sorriram um para o outro, as outras criaturas de Verdade também. Saíram crianças por entre as árvores da mata, crianças que, como eles, não tinham a beleza física padronizada daqueles que os castigavam, mas cujo interior era rico e belo em caráter, humildade e simpatia.

— Gosto de você, Juca.

— Gosto de você, Lucimara. Eu nunca lhe disse meu nome completo.

— Não precisa. Eu sei.

— Sabe?

— Sim, sei. Você é Juca Gallo de Albuquerque, o escritor. Obrigada por acreditar naquilo que sentimos. Obrigada por acreditar em nós.

"Escritor"?

Juca, o garoto de treze anos, olhou-a sem nada entender.

— Como você... — foi dizendo a voz de pato, porém, ela interrompeu-o.

— Não importa. Depois eu explico. Observei-o durante um longo tempo.

Surgiu, então, uma luz misteriosa no horizonte. Ela cortou o céu feito uma lâmina de arco-íris. A extremidade desta luz atingiu a todos e, no instante seguinte, quando voltou a se recolher, só restou no local um terreno estéril, habitado por pedras absolutamente inanimadas, mudas e frias.

Uma grande aventura estava prestes a começar...

Juca Gallo parou, morto de cansaço. Sua mente estava longe, muito longe dali, daquele apartamento pequeno e triste. Vagava pelas Terras Místicas de Verdade, lugar que ele conhecera na imaginação da criança que um dia fora, mas que no decorrer dos anos abandonara em proveito de outro mundo onde a verdade pouco era aproveitada. E ele se perdeu em meio àquelas criaturas estranhas, vivendo aventuras extraordinárias em vales de flores falantes, regatos risonhos e bosques perfumados. E Lucimara estava ao lado dele, mais linda do que nunca dentro de seu corpo magro, de rosto míope e dentes salientes. Sorria e sorria. Ela não estava mais só, ele tampouco. O pesadelo da realidade terminara e eles haviam despertado para a realidade do sonho.

Semanas se passaram.

O apartamento continuou fechado e às escuras.

Do lado de fora, algumas pessoas perguntaram ao porteiro se aquele imóvel estaria à venda ou para ser alugado. Residiam no prédio, porém, conheciam gente de fora que poderia se interessar.

— Não que eu saiba — respondeu. Lá é a morada do "Esquisito" e, vindo deste, nada é estranho.

Foi num sábado, decorrido mais de um mês, que aquele homenzarrão, o Sr. Zircônio Policarpo Quaresma, auxiliado pelo síndico, adentrou ao apartamento. Por várias vezes tentara falar com Juca Gallo pelo telefone, pois o prazo de entrega dos originais estava prestes a estourar e a equipe de *marketing* queria uma sinopse da história para poderem preparar as propagandas. Em todas as ocasiões, ninguém atendera do outro lado da linha. O telefone não dava sinal de vida. A fonte de lucro começava a dar prejuízo.

— Ai, que tipo! — resmungara o editor, apanhando seu paletó para, novamente, procurar o escritor. — Que tipo!

Estava um belo amanhecer, contudo, dentro do apartamento de Juca Gallo, o tempo parara num outono sem fim. Era uma outra dimensão, um bolsão, um vácuo a conter dentro de si um universo próprio e irreal.

O Sr. Quaresma franziu a testa enquanto seus passos produziam um barulho ensurdecedor no assoalho e deixavam marcas na poeira acumulada. Tirou o charuto da boca e chamou:

— Ei, Juquinha! Cê tá por aí? Ô, Juca!

Silêncio.

O editor acendeu as luzes pelo caminho. Atrás de si, o síndico caminhava em passadas leves, temendo profanar aquele silêncio mórbido de

catacumbas esquecidas na memória das eras. Ouvira inúmeras histórias tenebrosas da vizinhança sobre aquele sujeito, o suficiente para ter um receio supersticioso do lugar. Seria o inquilino um vampiro? Talvez fosse um zumbi! Lidava com bruxaria? Um temor mais profundo evanesceu quando suas narinas não sentiram odor de matéria morta.

Sr. Quaresma teve esse mesmo alívio, mas por uma razão diferente, afinal, não seria a primeira vez que um homem solitário teria enfartado em sua morada.

— Vazio... Não entendo — murmurou o homenzarrão. Virou-se para o outro. — Ele mencionou alguma coisa, uma viagem, doença ou algo assim?

— Não, senhor — respondeu o velho síndico. — Na verdade, eu quase não o via.

— E quando isso aconteceu pela última vez?

— Hum... Três semanas atrás, eu acho. Ele colocava o lixo pra fora. Estava frio. Vestia um capote grande, grande demais. E um gorro, aquele gorro — apontou. — Percebi que era ele por causa da altura, dos óculos e da cabeleira saindo dos lados. É um homem excêntrico...

Sr. Quaresma pestanejou, expelindo uma baforada de fumaça.

— Sei bem o que quer dizer.

Na sala iluminada por uma réstia de luz, estavam os originais do novo livro de Juca Gallo ao lado da máquina de escrever.

O editor chegou perto da escrivania, soprou sobre a primeira folha. Uma pequena nuvem de pó ergueu-se da pilha de papéis. Leu o título:

"As Terras Místicas de Verdade".

Evocava coisas como príncipes, fadas, magos e donzelas — de busto grande, esperava —, e isso o animou. Procurou pela última folha e suspirou aliviado ao ler um "Fim" datilografado nela. Ao menos seu escritor mais estranho tivera a decência de concluir a história antes de dar um chá de sumiço.

— Levarei isto.

— Não sei senhor, eu...

Uma quantia razoável de dinheiro foi colocada nas mãos do síndico, apaziguando-o.

"Depois abaterei da comissão do Juquinha", pensou Sr. Quaresma. Falou:

— Quando ele voltar, peça-lhe para me procurar. Tome o meu cartão.

— Certo... Obrigado, Sr. Zirc...

— Zircônio... É, eu sei. É uma longa história. Vamos embora. Este lugar dá falta de ar.

— Dá nos nervos também — completou o síndico.

Não foi preciso ser muito esperto para imaginar os pulos de "alegria" que o Sr. Zircônio Policarpo Quaresma deu ao ler o livro e perceber que Juca Gallo não obedecera de modo algum as suas instruções. Não havia princesa de seios fartos nem um cavaleiro maravilhoso; nada de monstros perversos e sequer um final tipo novela de horário nobre. Fez menção de atirar os originais pela vidraça de seu escritório, espalhando-os como confetes de carnaval. Entretanto, o prazo da edição estava esgotado e não havia nenhum outro autor com trabalho concluído. Assim, mandou os originais para o prelo, ansiando o momento em que visse novamente Juca Gallo de Albuquerque para torcer-lhe o pescoço.

— Processo o nanico por danos morais, quebra contratual... Qualquer coisa! Isso não ficará assim. Se eu entrar no prejuízo, ele não escreverá nem em parede de banheiro!

Para surpresa sua, porém, "As Terras Místicas de Verdade" foi um tremendo sucesso.

A primeira edição esgotou-se rapidamente, seguida de uma segunda e uma terceira, que tiveram o mesmo destino. Rapidamente, entrou na lista dos mais vendidos, enchendo os cofres da editora. Artigos foram escritos sobre o fenômeno. Cartas e mais cartas exigiram que o autor lançasse uma continuação. Mas nenhum outro livro foi lançado. O escritor, cujo nome real não constava na capa, desapareceu. Nem foi receber o seu merecido cheque da comissão e a gratificação prometida.

O Sr. Quaresma retornou mais uma vez ao apartamento de Juca Gallo.

— Nada? — indagou ao síndico.

— Nada, senhor Zir... Nada — confirmou o velho.

Entraram mais uma vez no imóvel.

Tudo estava conforme o editor se lembrava. Só uma camada maior de poeira havia se formado.

O editor cofiou a barba. Refletiu um instante e falou:

— Vou mandar uma faxineira cuidar da limpeza do apartamento a cada quinze dias. Tudo bem? Ao menos até o inquilino voltar.

O síndico olhou para as mãos do Sr. Quaresma e este, entendendo, deu-lhe umas notas.

— Sim, senhor — confirmou o velho. — Cuidarei de tudo, Sr. Zirc...

— Zircônio — completou o editor de má vontade. — Fique com mais um cartão.

Sob o braço, o Sr. Quaresma trouxera um exemplar de "As Terras Místicas de Verdade". Colocou-o cuidadosamente numa das estantes, ao lado de outras obras do autor. Deu um giro pelos aposentos. Uma louça de várias semanas jazia na pia. A cama estava por fazer. As roupas continuavam no armário. Um odor de coisa antiga permeava a atmosfera do apartamento. Expeliu uma longa baforada de seu charuto cubano, regalando-se com o aroma do tabaco. Tudo estava muito quieto. Era verdade: aquilo dava nos nervos.

Decidiu ir embora. Já estava com o pé no corredor do lado de fora quando escutou nitidamente.

— Ouviu isso? — perguntou ao síndico.

Este havia saído antes e respondeu:

— Ouvir o quê, senhor? Não ouvi nada.

Sr. Quaresma virou-se para trás, para o interior do apartamento, na pequena sala.

— Risos. Eu juro que escutei risos... risadas de crianças.

O velho deu de ombros.

— Devem ter vindo da rua.

O homem mais alto não quis discutir. Sabia o que tinha escutado: um casal de crianças. E de onde: as risadas partiram da estante que, havia pouco, deixara o exemplar do último livro de Juca Gallo.

E, enquanto o síndico fechava a porta, o editor viu, daquele lugar, brotar um brilho fantasmagórico.

— Minha nossa! — Estremeceu.

— Tudo bem, senhor?

— Sim, sim... Tranque logo essa porta!

A fumaça do charuto esquecido no assoalho espalhou-se em delicadas espirais, misturando-se à poeira em suspensão.

Então, uma das pequeninas vozes, uma vozinha de pato, começou a tossir...

NOTA DO AUTOR:

A exemplo dos contos "O Pequeno Ser Prateado" (Conexão Literatura nº 45), "O Menino e a Arraia" (CL nº 51) e "Quando Papai Noel Morreu" (CL nº 60), reescrevi a versão original de "O Mundo de Juca Gallo de Albuquerque" (publicada em um fanzine em maio de 1991 como "Luiz Abbondanza Vianna"), dando-lhe uma roupagem nova segundo a minha atual visão. No caso presente, as alterações foram mais substanciais, a começar pelo nome da personagem-título. Além de corrigir falhas da época, introduzi maiores detalhes à narrativa, esperando tê-la tornado mais interessante.

Biografia:

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" - não obstante a Guerra Fria - que hoje não existe mais. Fui agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Em 2020 fui um dos vencedores do concurso "Os Três Melhores Contos", também promovido pela "Conexão Literatura", com a história "O Quinto Cavaleiro", publicado em sua edição nº 60. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc. Atualmente, participo de várias antologias, entre as quais: "Aquela Casa" (Verlidelas Editora), "Insólito" (Porto de Lenha Editora), "Leyendas Mexicanas" (Dark Books), "Malignidade" (Editora MWG), "O Amor está nas Nuvens" (Editora Ruppell), "O Espantoso Mundo da Antecipação - Vol. 1" (Elemental Editoração), "Presença Oculta" (EHS Edições) etc.

Obs: Mais informações: *Google, Clube de Autores, Amazon, Wattpad, Pinterest* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE
AMAMOS
LIVROS

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.09.2020

PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura